RIZZ

5

megatecno
& megametal
PET SHOP BOYS
IRON MAIDEN
espremidos
contra a parede

ESTILO ESPECIAL
o clássico casamento
entre jeans & camiseta

ATENÇÃO!!!
as figuras mais originais
do pop brasileiro
não fazem rock'n'roll

ESTRÉIA
sete novas colunas:
metal, blues, reggae,
estúdio, tecno,
Londres e Los Angeles

E MAIS:
- PRINCE
- WAILERS
- SOUL II SOUL

GEORGE MICHAEL
MATURIDADE, ENFIM?
uma superentrevista
com o golden boy
às vésperas de sua
chegada ao Brasil

ELECTRONIC
BARNEY
SUMNER e
JOHNNY MARR:
um supergrupo
de encomenda
para os anos 90

WHITESNAKE
DAVID
COVERDALE
e STEVE VAI:
cobras criadas
do hard rock
campeão
de vendas

EMI

PAUL McCARTNEY • PET SHOP BOYS • BILLY IDOL • SINÉAD O'CONNOR • GARY MOORE • MEGA HITS 4.

ANTIGAMENTE ERA UM SACO DAR DISCO NO NATAL

Antes de mais nada, obrigado a todos pela força. Em 1990, a BIZZ bateu todos os recordes de vendagem de sua história, o que nos gratifica pelo apoio que isso significa a todas as reformulações editoriais dos últimos dois anos.

Para retribuir, resolvemos dar um presentinho de Natal — um não, sete. Sete novas colunas mensais, quatro delas escritas por gente nova na Redação. Otávio R. de Camargo, economista e curioso profissional, assina uma coluna sobre a movimentação de estúdio no Brasil. Enéas Neto, criador do selo Cri Du Chat e radialista (tem um programa na 97 FM, de São Paulo), fala de música eletrônica. Paulo de Noronha Campos, universitário e *banger*, acompanha o que rola no rock pesado: thrash, speed, hard rock. Jan Fjeld, vulgo João Montanha, é um norueguês apaixonado pelo Brasil e por ritmos afro em geral, assunto de sua coluna. É o único da turma nova da BIZZ com experiência na imprensa: é um dos principais colaboradores da revista *Caos*.

PÁG. 56

Reina

As outras colunas estão na mão de gente conhecida. Celso Pucci fala de música de raiz como blues, folk, country e quetais. E nossas duas novas colunas internacionais de notícias exclusivas são assinadas por Anamaria G. De Lemos (Londres) e Ana Maria Bahiana e José Emílio Rondeau (Los Angeles). E vêm aí Berlim e Tóquio... Aguardem.

Mês que vem tem Rock In Rio 2 e a retrospectiva do ano, com tudo que rolou em 90. Aproveite para ir fazendo o seu balanço e preparando o voto nos *Melhores do Ano* — a cédula também engrossa a edição de janeiro. Boas férias, feliz Ano-Novo e até lá.

PÁG. 42

Pat Onys Sims

Fotos da Capa: Reina (George Michaels, Kevin Cummins - Reina (Electronic); Neal Zlozower Warner (Whitesnake)

PÁG. 28

ÍNDICE

6 **SHOWBIZZ**
MTV no ar: o julgamento

14 **FAST FORWARD**
Novas seções para todos os gostos

34 **EXÓTICOS I**
Este mês, Wando e Bezerra da Silva

47 **ENTREVISTÃO**
Electronic: dois notáveis se encontram

65 **ESTILO BIZZ**
Jeans e Camiseta: um par perfeito

71 **JUKEBOX**
Anos Dourados: Regiane e o selo Young

72 **DANCE MUSIC**
"Dancin' Days": Frenéticas

74 **CONEXÃO BRASIL**
Invadindo os arredores: rap e shows

76 **AO VIVO**
Bowie em três atos, brasileiros em NY

81 **DISCOS**
Prince, mais Bowie e Clapton

90 **LETRAS**
"Powderworks", Midnight Oil

92 **PARADA**
Leitores colocam o Ira! em segundo

94 **CARTAS**
Hanoi-Hanoi, Angélica, CPSP

96 **DISCOTECA BÁSICA**
Music From Big Pink, The Band

98 **HÁ 5 ANOS**
Bizz completando seis meses de vida

Não precisa procurar! No Natal, o melhor presente tá na cara.

DARYL HALL & JOHN OATES
CHANGE OF SEASON

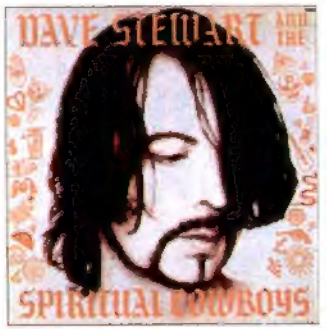
NENHUM DE NÓS
EXTRAÑO

LISA STANSFIELD
AFFECTION

BLACK BOX
DREAMLAND

ENGENHEIROS DO HAWAII
O PAPA É POP

LOBÃO
VIVO



DAVE STEWART AND THE
SPIRITUAL COWBOYS

SNAP
WORLD POWER

LULU SANTOS
HONOLULU

BMG

SHOWBIZ

Kevin Cummins Retna

IAN METE BRONCA

Aconteceu na primeira semana de outubro o festival Gathering Of The Tribes (reunião das tribos), em San Francisco, na Califórnia. A festa, organizada por Ian Astbury, cantor do Cult, durou onze horas e contou com a participação dos pesados Soundgarden, do retrô Quireboys e do ex-Pistol Steve Jones, além de Iggy Pop, Public Enemy, Indigo Girls e Michelle Shocked.

Segundo Ian, o objetivo foi "combater a indústria fonográfica americana, que virou um Frankenstein. O formato de MTV é horrível: exige estilo e não conteúdo. A única saída é a miscigenação — por exemplo, reunindo bandas de estilos diferentes na frente do mesmo público. Como em Monterey".

A única banda anunciada que não tocou foi o Guns N'Roses. Ian, furioso, explica: "Conversei antes com Slash, Axl, Duffy e Izzy, e todos concordaram em tocar. No última hora, recebemos um fax esnobe do empresário deles, dizendo que a banda não poderia tocar porque 'barateava a integridade deles'!"

Quanto ao Cult, Ian diz que o grupo não existe mais — mas pode voltar a qualquer momento. Ele e Billy Duffy já compuseram trinta músicas novas, mas por enquanto não vão gravar. Ian: "Nós ficamos muito infelizes com o disco e a excursão *Sonic Temple*, que foram uma droga, apesar do LP ter vendido dois milhões de cópias".

BILLY MANILOW AO VIVO

O primeiro show de Billy Idol em sua cidade adotiva desde o acidente motociclístico em Hollywood foi festejado com um regabofe arretado no Tropicana, templo bas-fond em que garotas seminuas se digladiam na lama. Estavam lá John Entwistle (The Who), metade do Guns, metade do Faith No More, Oliver Stone ("pergunte ao Sting o que ele está fazendo aqui"), Sting ("estou aqui por razões meramente antropológicas"), David Lee Roth ("estou aqui fazendo uma pesquisa") e, naturalmente, Sir William Of Idol, que se pirulitou dez minutos depois de entrar na festa. Um dos convivas saiu do Tropicana metendo o pau em Idol: "Ele virou o Barry Manilow do punk", espumou.

DURAN VIRA METAL

Andy Taylor, que tocou no DuranDuran até 86, caiu de vez no heavy metal. Andy acaba de lançar *Dangerous*, disco de covers de rock dos anos 70 que inclui "Livewire", do AD/DC, "Cocaine" (você sabe de quem) e "Feel Like Makin' Love", do Bad Company.

Nos últimos anos, Andy se dedicou à produção de discos de Rod Stewart, Gun, Thunder e Skin And Bones. Seu próximo trabalho será com a banda pesada Almighty. Andy sabe que os fãs de heavy o desprezam por seu passado *duranie*, mas exige respeito "pelo menos por uma razão: ao sair do Duran, deixei de ganhar cerca de quinze milhões de dólares. Ninguém pode me acusar de ser um cara comercial".

RAPPERS FAZEM SHOW PARA MAYFIELD

Rendeu 25 mil dólares o show beneficente montado no Palace (nightclub de Hollywood) pelos rappers que participam da trilha do filme *Return Of Superfly*, continuação do filme de 72 cuja trilha foi composta por um dos mestres do soul contemporâneo, Curtis Mayfield. O dinheiro reverteu para o tratamento de Mayfield, paralisado desde que sofreu um acidente em agosto.

Foram cinco horas de show desigual, com as presenças de Ice-T, Mellow Man Ace, NWA, King Tee e Tone-Loc, entre outros. A festa só terminou depois das duas da manhã, com uma jam session improvisada por membros do Santana e da E Street Band.

Antes do show, os rappers homenagearam Mayfield com uma série de discursos emocionados. King Tee disse que só veio a conhecer Curtis muitos anos depois do auge da carreira do cantor (e autor de clássicos como "People Get Ready" e "Gipsy Woman"), "mas sampleei muita coisa dele no meu álbum". Já MC Rand, do NWA, partiu para cima da imprensa aos berros, reclamando que "vocês só estão aqui porque Curtis se machucou, e os jornalistas precisam de uma história para poder faturar em cima da música negra".

OUÇA ESSA

"Deus é legal, nós é que não prestamos. Ele deve estar agora lá no céu roendo as unhas, fumando unzinho e pensando 'pô, o que é que eu faço agora?' "
Sinéad O'Connor

"Barão Vermelho é sinônimo de rock'n'roll."
Frejat dá um show de humildade na MTV

"Gosto das pessoas que curtem minha música — mas, ao mesmo tempo, que se danem."
Billy Idol

"Antônio Carlos Magalhães é muito sexy, carinhoso e sensual."
Caetano Veloso tenta ganhar um empreguinho público

Marcos Bonisson Azul

PÉLVIS SEM CENSURA

Gamma Liaison

Os defensores da moral e dos bons costumes dos anos 60 — aqueles que queriam domar, a qualquer custo, a sensualidade de Elvis Presley — devem ter piscado um pouco mais demoradamente quando examinaram o filme *Girls/Girls/Girls*, que o rei fez em 1962. Só assim eles teriam deixado passar em branco uma cena memorável, agora facilmente desfrutável em videocassete. Elvis está dançando, esbarra numa parede, e retoma a dança, agora um tango. Nessa virada da parede para sua parceira, Elvis fica de perfil para a câmera e se vê, pela primeira vez na história, o "rei" em posição de sentido.

MONDO MÍDIA

• Duas produtoras, uma alemã e outra brasileira, preparam filmes sobre o rei do baião, Luiz Gonzaga. Os locais planejam um documentário, os baches um filme de ficção.

• Seção biografias: já saiu o livro de Bill Wyman e Ray Coleman, *Stone Alone: The Story Of A Rock'N'Roll Band*. Quem leu diz que o baixista dos Stones entrega todos os podres da banda.

• Amantes do soul: Cynthia Rose, da *Face*, já lançou sua biografia de James Brown, *Living In America*. E os doorzófilos já têm à disposição nas importadoras *Dark Star*, bio de Jim Morrison escrita pelo repórter Dylan Jones, da revista *Arena*.

• Enquanto isso, no Brasil, as bios musicais se afirmaram mesmo. Depois do sucesso estrondoso de *Cazuza*, de Eduardo Duó (dez mil exemplares vendidos em um mês), saíram *Luiz Gonzaga* e *Caetano Veloso*.

• E a editora Martin Claret investe agora nos astros internacionais: já saiu *Madona*, também de Duó, e este mês sai *David Bowie*, de Marisa Adán Gil. Os próximos serão Eric Clapton, Jimi Hendrix e Bob Marley.

• Moda máxima no hemisfério norte neste fim de ano: as camisetas boladas por Rifat Ozbek e Jean-Paul Gaultier para o projeto anti-Aids Red, Hot & Blue. Usadas com jeans branco e tênis Air Jordan, da Nike.

• Compre, roube, empreste: o vídeo *25 X 5*, o melhor da primeira fornada nacional da CBS Music Video, que cobre toda a carreira dos Rolling Stones.

FESTIVAL INTERNACIONAL DA MÚSICA

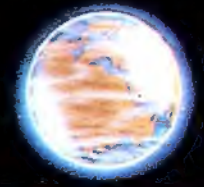
A SHARP ULTRAPASSA TODAS AS FRONTEIRAS, DESTRÓI BARREIRAS E ENCURTA A DISTÂNCIA ENTRE ESPAÇO E TEMPO, PARA LANÇAR NO BRASIL A MAIS COMPLETA LINHA DE ÁUDIO, AFINADA NA MESMA TECNOLOGIA QUE ESTÁ SENDO OUVIDA AGORA PELAS MAIORES POTÊNCIAS DO MUNDO.

SÃO 24 MODELOS DE QUALIDADE INTERNACIONAL. MICRO SYSTEMS, CD PLAYERS, RÁDIO GRAVADORES STEREO E POCKET STEREOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO, CADA UM DESENVOLVIDO ESPECIFICAMENTE PARA UM TIPO DE GOSTO, ESPAÇO OU NECESSIDADE.

É A MAIOR LINHA DE ÁUDIO QUE VOCÊ JÁ OUVIU FALAR, COM RECURSOS INOVADORES QUE VOCÊ NUNCA OUVIU ANTES, PARA GARANTIR O MÁXIMO DE PUREZA DE SOM E MAIOR COMODIDADE NA UTILIZAÇÃO.

E COMO ACONTECE COM TODOS OS PRODUTOS SHARP, VOCÊ AINDA CONTA COM GARANTIA DE FÁBRICA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A NÍVEL NACIONAL.

COMPLETA EM MODELOS, RECURSOS E TECNOLOGIA, A NOVA LINHA DE ÁUDIO SHARP ATUALIZA O NOSSO PAÍS, DE UMA VEZ POR TODAS, COM O QUE HÁ DE MAIS AVANÇADO NO EXTERIOR. EM ALTO E BOM SOM, A SHARP VIRA MAIS UMA PÁGINA NA HISTÓRIA DO ÁUDIO. VIRE A PÁGINA VOCÊ TAMBÉM.



NOVA LINHA DE ÁUDIO SHARP.

MECANISMO TWIN CASSETE • DIGITURBO • SURROUND • CD PLAYER CHANGER • AUTO-EDITING • X BASS • TIMER COM RELÓGIO DIGITAL • CONTROLE REMOTO

AFINADA COM AS MAIORES POTÊNCIAS DO MUNDO.

SHARP
TECNOLOGIA SEM FRONTEIRAS

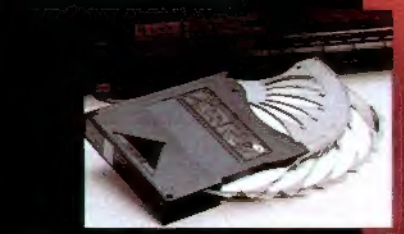
FESTIVAL INTERNACIONAL DA TECNOLOGIA

A Sharp apresenta com exclusividade, um verdadeiro festival de recursos inovadores no palco da tecnologia de áudio. Recursos que elevam a qualidade do som além das fronteiras do conhecido e tocam você com todo o avanço e comodidade que a nova Linha de Áudio Sharp oferece.

TWIN CASSETE DECK

Ninguém pensou nisso antes: colocar duas fitas em um mesmo deck, uma a frente da outra. Elas giram sobre um mesmo eixo, para você gravar de fita para fita com precisão absoluta, devido à rotação simultânea. A gravação não apresenta diferença de velocidade, inclusive em High Speed, que grava na metade do tempo. É uma exclusividade Sharp no mundo inteiro, possibilitando inteligentemente uma redução de tamanho e peso do aparelho, além de uma audição contínua dos dois lados das duas fitas, com Auto Reverse e Dolby Sistem.

CD CHANGER



Depois de desenvolver o Twin CD para audição contínua e programação de 2 discos, presente na nova linha, a Sharp não se fez por satisfeita. Seguindo uma tendência internacional, desenvolveu um gabinete com capacidade para 6 discos. Isso mesmo, você vai ouvir e gravar muito mais músicas, sem perder tempo trocando discos. Além de reproduzir os seis discos em ordem contínua, esse sistema possibilita todas as programações que você faria com um CD normal. É um verdadeiro festival de música.

AUTO EDITING

Perfeito para gravar do CD para o cassete. Calcula e programa automaticamente a seleção de músicas que, com certeza, vai estar dentro da duração de cada lado da fita cassete. Assim que a operação for feita, o display digital apresenta uma das possibilidades de seleção, para a sua aprovação. É um luxo de comodidade, para você não ter que ficar calculando o tempo da última música, para que ela não seja cortada no meio.

DIGITURBO

Quando você emite um som, você desloca o ar. Se fala baixo, solta pouco ar. Se fala alto, precisa encher mais os pulmões. Baseada nisso, a Sharp desenvolveu um sistema que comprime o ar dentro da caixa acústica, para lançar um som muito mais potente e de maior pureza. É uma fórmula exclusiva da Sharp, que emite um som turbinado, para você não ter mais que ocupar o seu espaço com aquelas caixas acústicas gigantes.

POTÊNCIA

Além de diversos modelos, a nova Linha Sharp apresenta diversas potências, adequadas a cada tipo de ambiente: 20, 50, 80, 200, 240 e até 360 W. Assim, pela 1 vez no Brasil, você encontra aparelhos compactos com potências maiores do que as de enormes conjuntos de som. Basta dizer que um Micro System Sharp tem 360 W.

X-BASS

Este é mais um recurso Sharp, que amplia a faixa de frequências baixas, para você sentir a vibração de sons graves que você, jamais ouviu. É o som total, que emite os graves a um nível sensorial muito mais vibrante.

CD PLAYERS

A Sharp lança uma linha completa de CD Players em 15 opções* de portáteis até aparelhos de mesa. Todos possuem 3-Beam, ou seja, três feixes de laser, um central para leitura e dois laterais para estabilização, que garantem a perfeição das operações que você pode programar: escolha de músicas, ordem pré-selecionada das faixas e ordem aleatória sugerida pelo aparelho, além de outras funções que melhoram a quantidade de som e proporcionam maior comodidade para você.

* Os demais modelos da linha que não possuem laser, vêm com entrada específica para CD.

CONTROLE REMOTO

Diversos aparelhos da Linha de Áudio Sharp possuem controle remoto e podem ser controlados sem que você levante da poltrona para acionar à distância, o tape, o toca-discos, o CD player e o rádio, que tem sintonia digital. Até o volume motorizado é controlável, girando sozinho quando acionado. Afinal, você ouve música pra relaxar e não pra trabalhar.

SURROUND

Até hoje, surround era um sistema de 4 caixas acústicas, onde você se posicionava no meio para obter uma sensação de que o som circula por todos os lados. A Sharp simplifica esse conceito e cria o surround com apenas 2 caixas acústicas. Cada uma possui ângulos diferentes para o som rebater no ambiente e chegar até você por todos os lados. Gera o mesmo efeito de 4 caixas, com apenas 2. Simplicação. Uma das principais funções da tecnologia.

SHARP

TECNOLOGIA SEM FRONTEIRAS

LOS ANGELES

Steven Seagal está na mira dos rastafaris. Ele incorreu na ira de Jah por causa de seu novo filme, *Marked For Death*, no qual combate um traficante jamaicano místico, envolto em dreadlocks.

•Um press release da Universidade do Mississippi, anunciando um show de Bob Dylan no Campus, foi tão empolgado que acabou incluindo entre as gravações mais populares de Mr. Zimmerman *Sgt. Pepper's, Beggar's Banquet* e *Music From The Big Pink*, discos lançados, respectivamente, pelos Beatles, Rolling Stones e The Band. Dylan, aliás, andou tocando na academia militar de West Point. Resultado: centenas de milicos cantando "Blowin' In The Wind".

•Nasceu uma banda instantânea na festa de quarenta anos de Tom Petty: Bruce Springsteen, o baterista Jim Keltner, Jeff Lynne (dos Traveling Wilburys), Roger McGuinn (ex-Byrds), Elvis Costello e Patti Scialfa. A banda brindou os presentes com versões de "Little Red Rooster", "Roll Over Beethoven", "Mr. Tambourine Man", "Great Balls Of Fire", "Wipeout" e "Pipeline".

•Era só o que faltava o Fabrice Morvan e Rob Pilatus, a dupla que forma o tão detestado Milli Vanilli. Todd Deadlee, ex-empresário da dupla, está lançando um livro escandaloso em que dedura os playbacks (alguém ainda suspeitava que eles cantassem de verdade?) e o que ele chama de "a maior armação da história da música". "Eles não respeitam ninguém", diz o autor. "E são tão confiáveis quando Freddy Krueger."

JOSÉ EMILIO RONDEAU

Tom Sheehan, LFI

CARA NOVA — ADAMSKI

Justo quando todo mundo achava que esta história de mago dos teclados tinha acabado junto com o Emerson, Lake & Palmer, uma nova geração vira as coisas de cabeça para baixo, usando teclados em longas faixas *dance*, muitas vezes instrumentais.

É o caso de ingleses como Martin Bailey, do 808 State, Guru Josh e o mais bem-sucedido deles, Adamski. O loirinho que começou animando *raves* (os grandes bailes realizados em armazéns ou ao ar livre na Inglaterra, movidos a Ecstasy e Gatorade) é hoje um popstar na ilha. Seu primeiro LP, *Live And Direct* (já lançado aqui pela WEA), é instrumental e foi praticamente todo gravado ao vivo nessas festas — no Brasil, ele inclui a faixa "Killer", com vocais de Seal, que chegou ao terceiro lugar da parada inglesa. Agora, ele soltou um segundo disco, *Dr. Adamski's Musical Pharmacy*, cujo primeiro single alcançou o primeiro lugar: é "Space Jungle", versão de um clássico de Elvis Presley, "All Shook Up".

RÁPIDO E RASTEIRO

Vale tudo Humberto Gessinger e Ed Motta participam do novo disco da cantora *teen* Patrícia. O engenheiro-chefe compôs, produziu e contou em "Onde Menos Se Espera". Ed produziu e soltou o vozeirão em "Um Ano Eu Sei", que compôs com Bom Bom. O LP foi produzido por Patrícia e Michael Sullivan.

Indigestos Os Mulheres Negras resolveram realizar a audição do seu segundo LP, *Música Serve Para Isso*, no McDonald's da av. Henrique Schaumann, em São Paulo, com direito a lanches grátis. Resultado: overdose de Big Macs e fritas entre a sempre faminta mídia musical paulistana.

***Hype* do mês** A blitz de mídia feita pela CBS (agora, Sony) para transformar a banda Taffo no Bon Jovi nacional. Os shows da banda têm direito a explosões e bateria flutuante, à Motley Crew.

Absurdo Milton Nascimento *dançando* (!!), num show de Caetano Veloso no Memorial da América Latina. Pior, só a inclusão do Roupa Nova no Rock In Rio 2.

WEA

SHOWBIZZ

MTV: O VEREDITO FINAL

Muita gente ficou feliz com a estréia da MTV, muita gente achou milhões de defeitos. A redação da BIZZ ficou feliz e achou milhões de defeitos. Abaixo, alguns prós e contras.

MARIA PAULA

Fotos: Press Works Comunicação

PRÓ

- O programa *Buzz*, verdadeiro torpedo informativo
- A VJ Maria Paula, de longe a melhor do pessoal novo, apresentando *Dance MTV*
- O próprio *Dance MTV*, que melhorou horrores depois que passou para as mãos de Zeca Camargo, diretor de jornalismo do canal e ex-professor de dança do ventre (sério!)
- O *Cine MTV* e a Lorena Calabria, apesar do cabelinho Lilian Witte Fibe
- Os saltos plataforma de Lady Miss Kier, do Deee-Lite

O programa *Lado B*, que apesar de algumas pisadas é uma fonte de informação quentíssima para quem se interessa por grupos novos / independentes

CA CAMARGO

ASTRID FONTENELLE

CONTRA

- O vídeo chato da Fernanda Abreu
- O exagero de repetições
- O programa *Clássicos MTV* (tudo que não saiu em 1990 é considerado "clássico")
- Colocar um VJ branquela, Rodrigo Leão, para apresentar *Yo! MTV Raps*
- O estilo "hélice" dos VJs (os braços deles não param quietos)
- Ignorar o sobrenome dos apresentadores nos créditos Astrid Fontenelle virou "Astrid". etc.)

LANÇAMENTOS UK

Lard, *The Last Temptation Of Reid* Estréia do novo grupo de Jello Biafra, dos Dead Kennedys.

French, Frith, Kaiser And Thompson, *Invisible Means* Banda formada por ex-membros do Golden Palominos, Fairport Convention e Captain Beefheart Band.

Galaxie 500, *This Is Our Music* Segundo disco do cultuado grupo indie americano.

Mica Paris, *Contribution* Novo LP de uma das principais vozes de jazz soul inglês.

New Model Army, *Impurity* Hard rock forte e politizado de um dos grupos prediletos dos skatistas.

Gun Club, *Pastoral Hide And Seek* Uma das principais bandas góticas do início dos 80 volta à ativa.

PIL, *Pil Greatest Hits... So Far* Coletânea com os maiores hits do grupo liderado por John Lydon.

Fields Of The Nephilim, *Elizium* Vinil fresco dos melhores imitadores dos Sisters Of Mercy.

B.B. King, *Live At Saint Quentin* O mestre do blues, ao vivo numa cadeia — precisa dizer mais?

LONDRES

Continuam os boatos insistentes sobre a reunião do Led Zeppelin, aumentados agora pelo lançamento de uma gigantesca coletânea, *Remasters*. Honey Binchi, da firma que empresaria Robert Plant, é categórica: "Não haverá reunião nenhuma". • Muito se fala sobre a censura nos Estados Unidos, mas aqui as coisas não ficam por menos. A BBC se recusou a tocar o novo single do Iron Maiden, "Holy Smoke" (um ataque contra os tele-evangelistas americanos) por causa da palavra *shit*, e se recusou a mostrar o vídeo, feito pela própria banda — que mostra o empresário com *groupies* — por considerá-lo "ofensivo às mulheres". Há quem não entenda a ironia... mesmo assim o single entrou direto em 7.º nas paradas. • Choque no campo da dance music: o Soul II Soul II nunca mais tocará ao vivo! Segundo um porta-voz do grupo, eles só resolveram fazer uma turnê para "provar que eram capazes de fazê-lo". As más línguas insinuam que Jazzie B. não gostou muito da experiência. • Nos recentes shows do Annihilator e do Napalm Death de cada dez camisetas, oito eram do Sepultura. • Mais censura: desta vez com George Michael, que teve seu anúncio para o novo álbum *Listen Without Prejudice Volume I* proibido pela televisão. O anúncio, que foi ao ar nos Estados Unidos, mostra um casal nu, de costas. • Cuidado se você for entrevistar Dave Mustaine, do Megadeth... é proibido fumar na frente da rapaz.

ANAMARIA G. DE LEMOS

Multifrut

O SUCO QUE PRESERVA A NATUREZA DE CADA FRUTA.
E A SUA TAMBÉM.

Multifrut é a mistura de frutas equilibrada, natural e saudável que a Maguary preparou para você. São quatro deliciosos sucos semiprontos: laranja com abacaxi, laranja com mamão, maçã com banana e goiaba, laranja com cenoura. Todos sem adição de açúcar.

Se a sua vontade de fazer um suco com mais de uma fruta sempre dependeu de faca, liquidificador, peneira, espremedor ou centrífuga, já não depende mais.

Experimente Multifrut. **As misturas que a natureza gostaria de ter feito.**

MAGUARY
É O SUCO.

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES MAGUARY AO CONSUMIDOR
C.P. nº 11.170 - CEP 05499 - S. Paulo - SP

FAST FORWARD

Vingança dos ouvintes

A dance music nacional cai de boca nos 90 com o Que Fim Levou Robin?

Algumas coisinhas andaram ajudando a encarar com bom humor renovado a longa e provavelmente estafante década que começou — a volta do jeans-e-camiseta, cerveja Beck's a preços razoáveis, a chegada do verão, Deee-Lite e Gun N'Roses no Rock In Rio 2, a estréia do MTV, a quantidade astronômica de votos nulos na última eleição. E, por enquanto, privilégio de poucos, o primeiro disco do Que Fim Levou Robin?.

Nunca ouviu falar? Seguinte: o Robin é o primeiro grupo com cara de anos 90 a aparecer por aqui. Robin é: a) conceitualmente moderno, porque faz dance music que soa internacional mas usa elementos tão brasileiros como cuíca, tamborim, marchinha e bossa nova; b) comercialmente viabilíssimo — estamos falando em potenciais participações no *Faustão* e remixes carnavalescos; c) alegre (*thank god*, de triste já chega a política salarial do governo) e d) inteligente. Disparado, é o melhor grupo a aparecer em 1990 — inclusive na opinião da gigante WEA, que contratou o quarteto depois de apenas cinco shows e já botou os caras para gravar, sob produção de Dudu Marote, tecladista, produtor e assessor da Roland. Foi a única contratação de um grupo novo feita pela gravadora no ano — e bola dentro total, a julgar pela receptividade dos shows do grupo. O LP sai em fevereiro ou março.

Acha que é armação? Tire a prova. Se você não mora em São Paulo, o disco *House Remix 2* (WEA) contém a versão demo do hit "Aqui Não Tem Chanel" — um monstro hi-NRG, com toques de samba e uma letra que é a cara do país: "Aqui não tem Chanel/ aqui não tem canal/ aqui não tem dinheiro/ o luxo é ter banheiro, mas isso vai mudar/ Chanel é soberana, Chanel vai governar". Realista no diagnóstico, cínica/surreal na abordagem e com alguma vaga esperança no futuro.

Se mora, vá até o Nation, um buraco na rua Augusta que é o melhor lugar para dançar em SP. Compre uma beer e vá para a pista. Se o som for de ultimíssima geração, encadeado à perfeição e rigoroso nas bpms, o DJ é o magrinho Renato Lopes, ex-Madame Satã e Zoster, compositor do Robin. Se o som for uma orgia *camp* misturando Queen Latifah com Gloria Gaynor e o DJ dançar vogue melhor que Madonna, é Mauro Borges, ex-jornalista, ex-garçon e modelo em Milão, um bonitão que canta, compõe e escreve as letras do Robin. Dando sorte, dá para cruzar ainda Bebete (gaúcha, cantora nos primórdios do DeFalla, backing vocal) e Cláudio (dezenove anos, morena e bonita, aparentemente movida a energia nuclear, descoberta na pista de dança). Alguns integrantes antigos saíram — Eloy montou uma linha de roupas para dançar, a Clubbing; e as dançarinas Chynna e Cecília "também se deram superbem" (uma é modelo e a outra não).

Por que montar um grupo? Mauro, o falador do grupo (não é à toa que é o cantor), explica: "Porque não tinha ninguém no Brasil fazendo o que a gente faz. As bandas que estão por aí são chatérrimas e antiquadas. Tem um público enorme, que sai para dançar todo fim de semana e não tem nada a ver com Legião Urbana, Engenheiros, esses horrores. Era um garoto que amava os Beatles e os Rolling Stones... tenha dó".

"É muito engraçado. Você ouve certas rádios de São Paulo, a programação internacional é só *dance*. Quando chega a hora de tocar algo nacional, são uns grupinhos de rock chatos, que não têm nada a ver com o resto e só são tocados por causa da lei que obriga as rádios a tocarem coisas brasileiras. E as gravadoras ficam insistindo no rock. Para que gastar dinheiro com o Barão Vermelho? Eles *nunca* vão vender mais que cinqüenta mil discos".

Quer dizer que o negócio do Robin é vender quanto?

"Um milhão!", dispara Mauro, gargalhando. "Nosso negócio é tocar muito, vender muito. A gente adoraria fazer playback no Chacrinha, só que ele já morreu."

Consigo imaginar tranqüilamente vocês fazendo o maior carnaval no *Faustão*.

"E no *Milk Shake* também, nós e a Angélica."

Mas que os leitores não pensem que o Robin é só festa. Eles abordam um montão de assuntos sérios neste disco — a miséria mental e material da brasilândia ("Chanel"), o porquê deste miserê ("Ou Sei Lá Não Sei O Quê"), a cabeça da geração do Shopping ("O Rei E A Rainha Do Shopping Sem Ter"). Até o AMOR, pô (a personalíssima bossa nova/Saul II Soul "Objeto De Uso Pessoal").

Que fim levou Robin? tem informação (Renato é uma enciclopédia ambulante de pop rock e Mauro não fica atrás), charme, energia e muito, mas muito mesmo, sex-appeal. Com um empurrão mínimo de sua gravadora, vai ser o maior estouro de 91. Afinal, tem muita gente por aí entediadíssima com o rock nacional, para quem o Robin pode se tornar (como diz Mauro) "a vingança dos ouvintes". Nunca foi tão divertido se vingar.

ANDRÉ FORASTIERI

Ary Dourado

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

THREE MONTHS, THREE DAYS..., Bill Pritchard
Uma espécie de cruzamento de Lloyd Cole e Smiths, Pritchard exibe um charme discreto em doces baladas como "Cosy Evenings" e "Sometimes". M.A.G.

TIME'S UP, Living Colour Melhor que o primeiro — acredite se quiser. Vernon Reid está mais Van Halen que o próprio Eddie, a cozinha impecável e, principal, as composições arrasam — cheque "Elvis Is Dead". Heavy metal com cérebro e suingue, para quem gosta ou não de metal. A.F.

THE GREAT PERFORMANCE, Elvis Presley O lado A é um delírio, com registros de sua fase inicial. A partir do meio do lado B ele chafurda na onda Las Vegas, mas ainda vale e muito. No mínimo um flagrante do artista trocando a irreverência pelo conformismo. A.C.M.

Dentre diversas pisadas no tomate, eis que a série *Discoteca Básica* da WEA acerta a mão no molho e desta vez em dose dupla: nada menos que as coletâneas LEGEND, de Buddy Holly e THE BEST OF WILSON PICKETT. Deliciosas. C.P.

THE BLUES BROTHERS BAND LIVE IN MONTREUX
Esse é para comprar mesmo. Você compra, chega em casa, coloca na vitrola e... quero ver depois de quantas escutadas você guarda o disco de volta na capa. C.M.

UM DRINK COM STEVE

O baixista do Iron Maiden abre as portas de sua mansão

Geoff Swaine/ LFI

No Prayer For Your Lives, dizia o convite para uma festa íntima e exclusiva na casa de Steve Harris, baixista e fundador do Iron Maiden. E os vinte jornalistas famintos trancados num ônibus ao som dos Red Hot Chili Peppers, a caminho de Essex, logo começam a costigar seus fígados com muita cerveja. Depois de muitos "vire aqui" e "não, é a direita!" etc., o motorista — a única pessoa presente que ainda está sóbria — acerta o caminho, e finalmente chegamos a uma bela mansão no campo inglês. A banda inteira nos espera, e o churrasco está pronto.

Depois de atacar a comida — carnes, saladas, morangos frescos com creme, torta de framboesa —, pego uma dose dupla de Jack Daniel's e saio para uma excursão pela propriedade. Para começar, há o pub, onde a festa está a mil: as paredes cobertas de discos de ouro, uma imensa TV nos mostrando os últimos vídeos de heavy metal da MTV, um Eddie mumificado da época do LP *Powerslave* ao lado do bonheiro, e atrás do bar um pessoal muito simpático que torna qualquer fantasia alcoólica possível. Lá fora, há um playground para as três crianças de Steve Harris (sua mulher está esperando a quarta), um estúdio construído num antigo celeiro, e uma piscina. A alameda que vai do portão principal à casa é o sonho de todo fã do Iron Maiden: conforme se vai andando por ela, os diversos monstros escondidos na folhagem vão sendo iluminados. Há a cabeça gigantesca do Eddie, verde com olhos vermelhos, e um Eddie mais assustador, de corpo inteiro.

De volta ao pub, assistimos ao novo clip do Maiden. Feito em casa, ele mostra a banda tocando, Steve Harris na piscina com uma guitarra de plástico, o empresário vestido de *rockstar* decadente e

Monstros escondidos na folhagem são iluminados conforme vai se andando

rodeado de tietes vulgares e Bruce Dickinson cantando no meio de um campo florido. Tudo com um ar muito doméstico, reforçando a idéia de que desta vez a banda quer mesmo é se livrar de todo o brilho e fantasias e voltar a um rock mais básico, o que o disco novo confirma.

Após um pequeno discurso de agradecimento feito pelo empresário da banda, chegou a hora de ouvir o LP *No Prayer For The Dying*. O Iron Maiden está em plena forma. Há momentos pouco típicos, com os vocais de Bruce Dickinson apresentando aspectos novos, mais sutis. Mas por outro lado há faixas como "Bring Your Daughter", escrita para o filme *Nightmare On Elm Street 5*.

Se antes todos estavam bebendo para esperar o disco, agora estão bebendo para celebrar. Num canto, os jornalistas da *New Musical Express* jogam dardos com o empresário do Maiden. Eu me sento numa das mesas, e, depois de me acusar de ter pego um pedaço de sua torta de morango predileta, Janick Gers senta para uma longa discussão sobre a situação política na Inglaterra.

Às onze e meia o ônibus está pronto para nos levar de volta a Londres. Alguns caminham até ele, outros são carregados. Alguém se lembra de pegar algumas cervejas para a viagem, e a volta é animada, com o pessoal do fundão cantando desafinadamente. Um final embriagado para uma noite *heavy metal*.

ANAMARIA G. DE LEMOS

METAL

hard* ■ *heavy* ■ *thrash

Foi lançado no Hemisfério Norte o 2.º álbum ao vivo do Black Sabbath, gravado em Moscou, no final do ano passado, intitulado *Feels Good To Me* • Aconteceu no Marquee de Londres o encontro de dois gigantes do hard rock. Durante cinco músicos o Aerosmith teve uma canja especial de Jimmy Page, incluindo o clássico "Immigrant Song", do Led Zeppelin • Está sendo lançado lá fora uma coletânea com três discos da superbanda canadense Rush com o nome de *Cronicles* • Saiu *The Razor's Edge*, 13.º álbum do AC/DC • Em setembro último foi lançado o mais recente trabalho do Megadeth, com o título *Rust In Peace* • O legendário Status Quo completou 25 anos de estrada em outubro passado com o lançamento de *Rocking All Over The Years* • Deve sair no início de 91 aqui no Brasil o mais recente trabalho do Slayer, *Seasons In The Abiss* • O último disco do Napalm Death, *Harmony Corruption*, já está no mercado • Foi lançado em outubro último, nos EUA, o 4.º trabalho do Testament, *Souls In Black* • Estará nas lojas no início de 91 o novo trabalho do Sepultura. A banda gravou em Miami, entre outubro e novembro • Saiu em novembro o 1.º disco da banda thrash de Guarulhos Corpse com o nome *I Live You Die* • O 2.º álbum do Genocídio também saiu em novembro • Está previsto para o 1.º semestre o 2.º LP da banda paulista Clavion • Foi realizado no mês de outubro, em Americana (SP), o 1.º Fast Americana, realizado no Teatro de Arena, abrangendo bandas do heavy ao thrash de várias cidades da região e da capital.

PAULO DE N. CAMPOS

Crossroads

Blues Etílicos: vagando entre um belo porre e a ressaca

Curiosa a trajetória do quinteto carioca Blues Etílicos: depois de rodar o circuito alternativo e editar um LP independente, o grupo lançou no ano passado seu álbum de estréia pela Eldorado (*Água Mineral*) e em seguida apresentou-se no *Blues Festival* de Ribeirão Preto. Foi o início de uma rápida ascensão, que se consolidou em 90 com outro disco (*San-Ho-Zay*), participação na segunda edição do evento e principalmente em shows com casas lotadas.

A reboque do *boom* ocorrido por aqui em torno do blues nos últimos dois anos, os Etílicos — ao lado de André Christovam — converteram-se em um dos maiores expoentes brasileiros no estilo e ampliaram a penetração de seu trabalho junto ao público. Porém, enquanto o guitarrista paulista aproveitou-se deste processo para fazer um disco (*Touch Of Glass*) bem mais requintado e ousado que seu LP anterior (*Mandinga*), o mesmo não ocorreu com os Blues Etílicos. *San-Ho-Zay* não conseguiu apresentar nada mais do que já se delineava no seu antecessor: competência e pique instrumental por parte dos instrumentistas, boas versões de *standards* de blues aliadas a composições próprias com alguns méritos, mas tudo prejudicado por uma produção linear e insípida, que debilitou inapelavelmente a sonoridade da banda em estúdio.

Mas seria necessário definir uma agravante ainda maior: os vocais do grupo. No tempo em que o gaitista Flávio Guimarães cantava quase todas as músicas, já era perceptível a defasagem entre a performance instrumental do quinteto e a fragilidade da condução vocal. Com o guitarrista Greg Wilson assumindo o papel de *lead singer*, esta deficiência ficou mais acentuada. Apesar de cantar com um certo *feeling*, tornaram-se evidentes as limitações de sua voz, especialmente nos números mais lentos e intimistas.

Com isso, parece ter sido criada uma espécie de encruzilhada para o grupo: à medida que seus shows atraem platéias maiores e mais empolgadas, fica claro que tanto os vocais, como em parte as próprias canções do grupo, carecem de maior elaboração para se situar no mesmo nível da parte musical dos Blues Etílicos. Já ficaram comprovadas as qualidades instrumentais da banda: a cozinha concisa e segura do baixista Claudio Bedran e do baterista Gil Eduardo, a ótima interação conseguida entre as guitarras de Greg e Otávio Rocha (com especial destaque para seu trabalho com *slide*), as criativas linhas de gaita de Flávio. Agora, só resta aos cinco Etílicos canalizarem toda essa energia e eficiência em benefício de seu próprio repertório e shows. A questão é escolher o lado — certo — da encruzilhada.

CELSO PUCCI

Concepção Almeida - Arq/

RAÍZ

country* ■ *folk* ■ *blues

O destaque inaugural desta coluna não poderia ser outro senão o lançamento pela Columbia americana de *Robert Johnson: The Complete Recordings* • Trata-se de uma coletânea que reúne *todas* as 41 gravações que o mais influente *bluesman* de todos os tempos fez durante seus 27 anos de vida, em registros realizados em San Antonio e Dallas, no Texas, que datam de mais de meio século. Apenas 29 destes *takes* eram conhecidos através de dois álbuns lançados nos anos 60 (*King Of The Delta Blues Singers, Volumes 1 & 2*), que tiveram influência decisiva em toda a geração do rock surgido no período • Agora, o resgate torna-se completo, trazendo os tapes originais remasterizados digitalmente e ainda um livro de 48 páginas com dados biográficos, depoimentos diversos e *liner notes* assinadas por Keith Richards e Eric Clapton. Uma preciosidade que voltará a ser abordada mais detalhadamente na próxima edição de BIZZ • Outro lançamento retrospectivo de peso é o de uma caixa contendo nada menos que noventa canções a cargo do grupo The Byrds. Além das raridades de praxe, entre o material inédito estão quatro novas canções gravadas em agosto passado por Roger McGuinn, Chris Hillman e David Crosby, em Nashville • Por fim, uma nota triste: Tom Fogerty — o irmão mais velho de John, cofundador e segundo guitarrista da fase áurea do Creedence Clearwater Revival (68/71) — morreu no último dia seis de setembro em Scottsdale, Arizona, vítima de insuficiência respiratória causada por uma tuberculose. Tinha 48 anos • Mês que vem tem mais...

C. P.

NOITE REGGAE

Dinastia Marley anima Dance Hall em SP

JUNIOR MARVIN

Jorge Rosemberg/Azul

Para ver os Wailers no Projeto SP, muita gente adiou a inevitável descida para o litoral e acabou aportando na Barra Funda — transformada, por duas noites, numa passarela de bonitinhas e musculosos, gente muito mais apta a pagar ingresso que os minguados rastas-hippies que ainda habitam a cidade.

Com a previsível hora de atraso, sobem ao palco sete músicos jamaicanos dispostos a mostrar o que *era* a banda de Bob Marley. Era, já que entre mortos e aposentados só sobrou Aston "Familyman" Barret, o baixista, *chef*, responsável pela existência dos Wailers até hoje.

É bom deixar claro que nem Aston nem os outros músicos pretendem o título de herdeiros de Marley. Basta ouvir *ID*, álbum do grupo com repertório quase todo composto por Junior Marvin (cantor e guitarrista que aparentemente lidera o grupo hoje). Por sorte, em sua turnê brasileira os Wailers pouco exploram as músicas do disco, mantendo-se fiéis ao repertório fundamentalista de Bob Marley. Outra: o cantor predileto de Bob era Junior Murvin e não o Marvin que veio ao Brasil.

Mas nada impediu que o show fosse excelente. Ao contrário. Casa lotada, THC vaporizado subindo pelas paredes, platéia quentíssimo, banda idem.

Quem mais arrancou urros, uivos e assovios da frenética rapeize foi o percussionista Irvin Jarrett, rodopiando a cabeça e mimetizando suas tranças rasta de um metro e meio em hélices de monomotor. Legal.

Marvin ganhou um presentaço de algum simpática e generoso fã. Nem pestanejou em acendê-lo e dar dois belos pegas antes de cantar "Live And Love". Outro fã, Dago Miranda, vocalista da banda de reggae Radical Roots, subiu ao palco como convidado para cantar junto com Marvin uma homenagem a capella a Bob.

Show nota dez, forte candidato a melhor do ano.

Na rota das outras apresentações em solo brasileiro, um acidente de percurso. Alvin "Seeco" Petterson, o outro percussionista, saiu do show em Curitiba direto para a UTI do hospital mais próximo, internado com aneurisma cerebral.

Apesar da gravidade, nada de trágico: ele se recuperou rapidinho, enquanto o resto da tropa voltou para São Paulo para curtir uma Disco Reggae Night na pista do AeroAnta, animada pelo guitarrista Luiz Vagner — que por uma sorte dos diabos recebeu os Wailers no palco. Para ele, a glória. Para nós, um microrrepeteco grátis.

CELSO MASSON

PULSO

reggae ■ world beat

Pulso é um pouco de tudo e muita fusão e reverberação • A *Rolling Stone*, que já tem uma versão francesa, vai sair em russo a partir de 1991. Circulação: dois milhões • Já saiu lá fora o LP de Carlton, *Call Of The Strong* (Three Stripe/ffrr), primeiro produzido pelos reis da música de baixo profundo e aguda altíssima, Smith & Mighty. O cantor Carlton McCarthy, como os produtores, vem de Bristol, oeste da Inglaterra. Baixo estilo reggae, melodia pop anos 60 e uma voz ao mesmo tempo doce e forte. Soturno e atroente • Outra dupla de produtores, Steely & Clevie, jamaicanos de verdade, estão trabalhando com Caron "Keep On Movin' " Wheeler. Eles já produziram sucessos para Home T e Gregory Isaac, entre outros. Caron, a cantora, descende de jamaicanos e cantava *lovers rock* — versão inglesa do nosso samba-reggae — durante os anos 70, quando era bibliotecária. Seu LP de estréia também tem participação dos Jungle Brothers • Também de Kingston vem o primeiro LP da cantora J C Lodge, *Selfish Lover* (Music Works/Greensleeves). Procure! É dub, raízes, reggae e ao mesmo tempo pop. A produção é de Gussie Clarke, dono de um dos estúdios mais bem digitalizados das ilhas caribenhas e responsável por um dos reggaes mais bem-sucedidos dos últimos tempos: "Rumours", de Gregory Isaac • Dois músicos de Mali têm trabalhos editados no Brasil. De Mory Kante vem mais *Yeke Yeke* (uma das primeiras faixas a levar o rótulo de world music) e de Salif Keita uma participação no novo disco de Wagner Tiso, *Baobab*. Ambos são do selo Mango/PolyGram.

JAN FJELD

PHILIPS

PHILIPS

► FAVOR REBOBINAR OS CONCEITOS. ◄

JWT

► UM CONCEITO PODE SER UMA IDÉIA, UMA ABSTRAÇÃO, OPINIÃO OU ATÉ MESMO REPUTAÇÃO. UM CONCEITO PODE SER MUITAS COISAS, SÓ NÃO PODE PARAR NO TEMPO. ► A PHILIPS É UMA EMPRESA QUE LANÇA CONCEITOS NOVOS QUASE TODOS OS DIAS. TRADUZIDOS POR PRODUTOS QUE TÊM TUDO A VER COM A SUA MANEIRA DE PENSAR, COM AS MESMAS COISAS QUE VOCÊ NECESSITA DE IMEDIATO. ► PEGUE UM VIDEOCASSETE VR 6491. USA-SE MELHOR O CONCEITO DE CONFORTO COM O SEU CONTROLE REMOTO COM 53 FUNÇÕES, QUE OPERA O VÍDEO E A TV PHILIPS DE ÚLTIMA GERAÇÃO * ► VISUALIZA-SE PERFEITAMENTE O PROCESSO COM A INDICAÇÃO DAS FUNÇÕES NA TELA DO TELEVISOR E REGISTRA-SE COM SIMPLICIDADE DE UM ÚNICO TOQUE (OTR). CONSEGUE-SE FIDELIDADE DE REPRODUÇÃO QUANDO TEMOS QUATRO CABEÇAS PARA NOS AJUDAR. ► É O CONCEITO DE PRODUTO EXTREMAMENTE AVANÇADO, COM RECURSOS QUE PERMITEM MANTER SUA MODERNIDADE E EFICIÊNCIA POR MUITOS ANOS. ► MAS NEM POR ISSO A PHILIPS ESTÁ SATISFEITA. PORQUE A CABEÇA DA PHILIPS NÃO É DIFERENTE DA SUA. ELA TAMBÉM NÃO PÁRA. A PHILIPS TRABALHA CONCEITOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. QUEM PENSA O CONTRÁRIO, É FAVOR REBOBINAR OS PRECONCEITOS.

* Todos os TVs com controle remoto produzidos a partir de 1987.

► PHILIPS . PRODUTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO. ◄

NIKE AIR MAX. DESCUBRA POR QUE O ESPORTE NACIONAL AMERICANO É QUEBRAR RECORDES.

Não é apenas determinação que faz os americanos quebrarem recordes mundiais a todo momento.

Um dos principais fundamentos está no equipamento que eles usam. Igualzinho ao Nike Air Max que acaba de chegar. Com ele você pode aumentar sua capacidade de competição a limites inimagináveis.

Nike Air Max tem um sistema revolucionário e exclusivo de amortecimento e impulsão:

almofadas de gás comprimido no calcanhar e na parte frontal da sola, com alta resistência a impacto.

Além do conforto, esse sistema reduz os riscos de lesões que os ossos, músculos e tendões da perna e do pé costumam sofrer no choque com o chão.

Com Nike Air Max você corre melhor, gastando menos energia. E o mais importante é que depois de milhares de quilômetros de impacto, o sistema continua em tão boa forma como nos primeiros metros.

Nike Air Max. Aquela fração de segundo que faltava para você ser um recordista não é mais privilégio dos americanos.

Para maiores informações, ligue a cobrar para SAC NIKE, tel. (01) 64-5914

NIKE AIR

JUST DO IT.

BEAT DESACELERADO

O quarteto belga A Split Second, pioneiro da electronic body music, desembarca no Brasil

Electronic Body Music denomina um estilo musical em que maquinas trabalham em função do corpo como uma extensão da mente, capacitando-a para realizar trabalhos que envolvam experimentaçoes complexas — ou mesmo para pura diversão. A junção destes dois fatores transforma-se em algo dançante. As vezes, tem tambem um compromisso estético. Neste último caso se inclui o grupo A Split Second.

Chrismar Chavell atuou durante cinco anos em um projeto audiovisual intitulado Twilight Ritual, que primava pela mescla de influências etnicas acrescidas de Tangerine Dream e elementos da *cold wave*. Conseguiu um relativo sucesso na Espanha e um hit, "Closed Circuit", no meio "modernho" de São Paulo. Marc Lyx contribui com uma gama de influências que vão de Judas Priest, Roxy Music, Klaus Schulz ate Black Sabbath.

Em 86, eles gravaram uma demo tape com "On Command" e "Flesh", dois de seus maiores sucessos, despertando o interesse do selo belga Antler (Poesie Noire, Klinik...), que imediatamente lançou um compacto intitulado apenas "A Split Second".

A resposta foi automática. "Flesh", originalmente gravada para reprodução em 45 rpm, desencadeou toda a onda new beat quando foi executada em 33 rpm + 8% por um DJ belga, Fat Roone, resultando em uma batida lenta e extremamente dançante. Mas isto é uma outra história.

Ballistic Statues (87), o primeiro album, traz outro grande hit, "Rigor Mortis", e, logo, foi editado em compacto, obteve altas colocações nas paradas europeias.

Com *Smell Of Buddha* (12") eles apontam para o que caracterizaria o seu próximo disco, *From The Inside*, um mundo mistico, inebriante, pulsante. Todos os compactos extraídos deste álbum adentram por campos extremamente diferenciados entre si. "Scandinavian Bellydance" é sensual e melodiosa, "Mambo Witch", uma fusão de temas esotéricos com seqüências eletrizantes, pecando apenas por um inconveniente solo de guitarra, e "Coliseum Crash", levada como uma marcha orgânica e minimal, conseguiu o 1º lugar em diversos charts americanos. *Another Violent Bredd* (12"/CD) traz o grupo ao vivo em sua primeira tour mundial (88-89).

Uma pausa é sempre necessaria. Em 90 eles lançam *Firewalker* (12"/CD), uma agradavel surpresa para os ávidos fas. Com *Kiss Of Fury* seu último trabalho em estudio, o grupo optou pelo terreno conquistado e não ousou. É apenas mais um disco do A Split Second — o que, no entanto, é um grande feito.

Lay Back And Join, que acaba de sair aqui pela Shiletto, é uma compilação que inclui os mais significativos registros em versões exclusivas para este album. Para quem manteve-se desatento a estes belgas, eis o momento.

ENÉAS NETO

ELECTRO

tecnopop* ■ *EBM

O duo canadense de Electronic Body Music, Front Line Assembly, lança seu quarto album, *Caustic Grip* (Third Mind) ● Quem está voltando à ativa é o grupo paulista Harry, preparando material para seu próximo disco. Enquanto isso, Hansen (vocal entre outros zilhões de coisas) tem tomado de assalto a todos com seu projeto solo Bad Cock ● Nitzer Ebb teve recentemente uma musica, "Fun To Be Had" (do álbum *Showtime*, já editado aqui), remixada pelo electro-funker George Clinton. Quem ouviu aprovou ● Pearl Harbour em 1990? Confira isto ouvindo duas das mais pesadas bandas eletrônicas do momento. DRP e 2nd Communication são as mais novas sensações desde Jaspion e cia. *Electro Brain 586* e *My Chromossomo Fnend* são seus lançamentos, respectivamente. Preparem-se! ● Coil, depois de um longo periodo de hibernação, retorna com *The Side Effects Of Live* (Wax Trax) ● Enquanto o Moskwa TV descansa, seus integrantes partem para projetos solo. Jaikolm assina com o selo Uma Delic e alcança altos postos em diversas paradas americanas com "Farenheit", e Talla 2 XLC, o Midas alemão, envolve-se com um selo dedicado exclusivamente à EBM e Techno, Zoth Omog (Leather Strip, Aircrash Bureau...) ● O Front 242 acaba de concluir seus novos trabalhos. "Tragedy For You" é o compacto que precede o album *Tirrany For You*. "Tragedy" foi lançada em diversas versões e formatos (7", 12", Cd's) ● Mais novidades os aggrepóides Skinny Puppy com *Too Dark Park* (Nettwerk) e Klinik, com *Time* (Antler) ● *Noise* industrial cruzada com *disco*: My Life With The Trill Kill Kult.

E. N.

Fotos: Aries Records

VINIL FRESCO

Um novo selo traz raridades para o mercado brasileiro

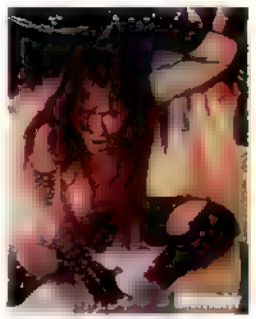
Mesmo nesse ano de céu encoberto por nuvens negras sombreando solumamente o mundo do disco, um pequeno empresario da industria têxtil teve a coragem de meter a mao no vinil e lançar no Brasil, com alto nivel, alguns discos do catalogo da Music For Nations, gravadora inglesa especializada em pancadaria e virtuosismos guitarristicos

O Music For Nations engloba os selos Rough Justice (GBH, Exploited, Circle Jerks), Food For Thoughts (Steve Vai, Simon Phillips, Joe Satriani), o proprio M.F.N. (Anthrax, Megadeth, Exciter) e ainda o Fun For All e o Zappa Records. Mas nao adianta babar, o catalogo antigo do Zappa nao está liberado para o Brasil, e os grandes estreias dos outros selos ja saem por aqui através das multi todo-poderosas. Para consolo da moçada, a Aries Records (representante do M.F.N. no Brasil) distribui por aqui as importados a preços bem acessiveis Mesmo assim, o que sobra e está sendo lançado em edição nacional ainda é de primeirissima, e a qualidade de fabricação dos discos é de espantar Capas feitas a partir dos cromos originais, nada de adulteraçoes, e prensagem de boa qualidade diretamente da matriz importada garantem a alegria da rapaziada. Até o miolo do disco é identico ao gringo

O mais surpreendente é que eles estão chegando ao mercado com preços exatamente iguais aos praticados pelos grandes gravadoras (que geralmente nao estao nem ai para a fidedignidade de seus lançamentos, com capas adulteradas e vinil qualquer nota). Custa mais caro, claro. A Aries se contenta em ter uma margem menor de lucro, em troca da difusao do selo. E logico que não está sendo facil para a Aries Records enfrentar os tubarões tupiniquins. A burocracia fiscal fez com que atrasasse em alguns meses o lançamento do segundo pacote de discos (ver comentário sobre o primeiro na seção *Discos* dessa edição) e a BMG, que prensou os LPs teve a capacidade de colocar seu nome como fabricante, no selo, três vezes maior do que o da próprio Aries

Isso nao assusta Spyros Bourelu, chefao da Aries que sai dessa dizendo que "o óleo nunca fica embaixo da água, por mais que se agite". É que pensa prensar os próximos lançamentos direto no exterior Ele ainda pretende atacar com fome o mercado latino-americano, México inclusive e, no futuro, lançar grupos brasileiros pelo mundo inteiro. Contam nas lojas os LPs do Bathory, Venom, Tigertailz, Holy Terror, Exploited e GBH, todos do primeiro pacote da gravadora, que nao me deixam mentir

CARLOS EDUARDO MIRANDA



ESTÚDIO

1990 foi um ano em que os projetos das gravadoras foram letalmente afetados pelo plano de Zélia Cardoso de Mello, Ibrahim Eris, Antônio Kandir e congêneres. Os lançamentos ficaram quase totalmente restritos aos pesos pesados, e quem estava no underground teve de enfiar a viola no saco por algum tempo • Mas como não há mal que sempre dure nem bem que nunca termine, a poeira está assentando e essas bandas vão pondo o nariz na superficie para respirar por dezesseis canais e sentir cheiro de vinil fresco • A melhor parte da fornada fica a cargo da Stiletto. É o caso dos Pin-Ups — agora com a baixista Alexandra —, que após um longo estagio no Espaço Retrô (já tradicional ponto de passagem das novas bandas paulistanas) levou suas elocubraçoes *norse-velvetianas* para o estudio e cometeu o álbum *Time Will Burn* • Ainda na linha de nacionais da Stiletto, dois lançamentos dançáveis: o primeiro LP do Gabinete Caligham. A produção é do DJ Cuca. Outro é o LP de remixes do Tec Noir (ja?), produzido pelo magazine Ted Gas • A CBS anuncia que estão em estágio final de gravaçao Cidade Negra (reggae fluminense) Almir Sater e—atenção náufragos do extinto Nau — o primeiro album solo de Vange Leonel • Lambadeiros & amantes de la bahianidad: o tempo de pegar o diatado carnaval baiano, Luis Caldas foi para estúdio fazer seu novo disco, pela PolyGram • E já está terminando a parte nova-iorquina das gravações do segundo disco de Marisa Monte, iniciadas em setembro no Rio de Janeiro Produzido por Arto Lindsay, o LP deve sair logo. Na próxima edição, BIZZ traz entrevista com Marisa e Arto

OCTAVIO R. DE CAMARGO

A OUTRA FACE DE GEORGE MICHAEL

Aos dezenove anos, ele era uma usina de compactos de sucesso. Aos 24, emergiu como artista solo maduro, com um disco que vendeu catorze milhões. Agora, aos 27, George Michael se declara um compositor arredio à publicidade. "Tenho de colocar minha vida nos eixos", diz numa das seis entrevistas promocionais do LP *Listen Without Prejudice — Vol. 1*

"Nunca uso esta sala", George Michael conta, subindo as escadas de meias, carregando uma bandeja com canecas de chá e um pratinho de biscoitos. "Não me sinto muito à vontade nela.

Ele põe o lanchinho da tarde numa mesa e examina o living de sua casa em Hampstead: dois sofás de couro superbrancos que poderiam, cada um, acomodar confortavelmente uma equipe de rugby; fitas de vídeo empilhadas, prontas para cair, com nomes de filmes cheios de ação e programas de televisão ainda não vistos, os títulos escritos com pincel atômico (empoleirada no topo da torre de fitas está uma gravação do show *Mandela Day*, a última apresentação ao vivo de Michael na Inglaterra); colocada num canto, uma jukebox com frisos metálicos e topo abobadado, cuja miniatura fica numa estante de vidro do lado oposto; vários objetos de arte; um deck duplo de vídeo estonteante, que se abre na ampla construção de vidro e metal que os pedantes insistiram em chamar de mesa.

No andar de baixo, uma lareira está acesa, apesar dos 33 graus de calor que faz lá fora. "Isso deve me fazer parecer um velho doido", o superbronzeado cantor fala, agarrando seu pulôver de um jeito teatral, "mas sou muito friorento, me sinto congelando o dia inteiro." Um cão labrador de dezoito meses, chamado Hippy, abandona seu osso amarelo de borracha, babado, e late excitado quando seu dono desce as escadas rapidinho para fazer um telefonema.

O design e decoração do espaçoso andar térreo é prático, em oposição a frivolidade; moderado, sem excessos. As únicas pistas de que seu único habitante tem algo em torno de 120 milhões de dólares estão num aparelho de som que ficaria melhor no console de um Concorde e — pode-se observar através de uma porta aberta — uma banheira em ônix enorme, com aquelas torneiras grandonas em ouro apreciadas pelos astros de rock das antigas. Vizinho à área principal do living há um pequeno quarto de dormir. Sobre a cama descansa uma das botas pretas que dançaram, espertas e lucrativas, pelos palcos do mundo, na exaustiva *Faith World Tour*.

Aqui é quieto e cheio de verde", George diz, telefonema terminado, contemplando a área verde atrás da casa. "Na verdade ninguém me amola, apesar de publicarem fotos do lugar nos jornais semana sim, semana não. Eu gosto daqui. Você consegue ficar sozinho. O vizinho do lado é legal. Ele se defende dos jornalistas de vez em quando.

Para George Michael, a privacidade se tornou um bem sem preço. O sofisticado interfone de entrada, com vídeo na parede, e o portão com barras de ferro pretas e espessas que se abre lentamente, correndo lateralmente com um fino zumbido eletrônico, são testemunhas disso. Quando, depois, o cão sente a presença de alguém na frente da casa, George se levanta imediatamente e corre até a persiana.

"Provavelmente é Rick Sky", ele brinca, aparentando sentir um gosto desagradável na boca ao mencionar o nome do hostil "repórter" do jornal sensacionalista *The Sun*. "Algumas vezes a gente deseja mesmo que eles se fodam. O problema é que", ele suspira voltando para o sofazão branco, "este lugar não é mais secreto.

> **"Estou caindo fora da promoção, de me vender. Entrevistas são pura venda. Parei porque saquei que isso me deixa infeliz"**

Então, por que George Michael convidou a revista *G* para vir à sua casa?

A razão pela qual estou dando esta entrevista é basicamente para explicar o fato de não dar mais entrevistas ou fazer vídeos no futuro, até onde eu possa prever. Estou caindo fora da promoção, de me vender. Porque é isso o que as entrevistas sempre são. É pura venda. Estou parando porque saquei que isso me deixa infeliz. A pessoa que eu acho que era quando comecei não é a mesma que sou agora. É uma coisa difícil de explicar... Mas o período em que a maioria das pessoas cresce não aconteceu comigo. Saí da escola para ser um astro pop, o que não é algo real. A vida e o meu período de crescimento aconteceram bem mais tarde — nos últimos três anos. Agora saquei que não quero me exibir mais, e não apenas isso, não quero mais ser visível. Ainda amo fazer música e ainda quero muito que as pessoas gostem da minha música. Mas quero que elas gostem da minha música pelo que ela é. Não estou muito preocupado em vender milhões e milhões de discos.

Isso não é um luxo que só uma pessoa muito bem-sucedida pode bancar?

Não, não é apenas isso. É claro que agora estou numa posição em que posso me permitir fazer o que quero, mas cheguei à conclusão de que passei quase dez anos tentando me convencer e convencer o mundo de que eu era algo realmente especial...

E agora você percebeu que não é?

Exatamente! (*risos*.) Bem, isso não é verdade. Percebi que tenho muito mais respeito pela minha própria música do que costumava ter. Na verdade, acredito no que faço como músico agora. Quero que as pessoas saibam que no futuro, a menos que haja algo realmente importante para dizer — eu acho que não haverá —, vou meio que desaparecer. Montei uma plataforma para mim mesmo, da qual posso fazer música, e isso é tudo. Não sou eu falando, "Oh, sou um músico tão sério que as pessoas apenas deveriam ouvir a música." É só que agora eu acho que a música é forte o bastante para se manter sozinha... e minha prioridade agora é me fazer feliz...

Como a sua gravadora reagiu à notícia?

Eles têm sido muito legais. Mas no momento eles não têm nenhum outro do que chamam *produto superstar*. Expressão ridícula, né? Eles estavam esperando um álbum de Michael Jackson, dependendo dele na verdade, e não o terão por um tempo. Então, suponho que é essa a razão por que não resistiram em peso à minha decisão. Acho que eles entendem minha recusa em fazer vídeos porque um monte de faixas desse novo álbum recupera um período — fim dos anos 60, começo dos 70 — quando não era preciso um vídeo para acompanhar os discos. As canções, eu acho, funcionarão melhor se você não tiver minha cara na disputa (*risos*). Se estivesse sendo muito calculista a esse respeito sacana que há um risco enorme envolvido, mas eu só quero que as pessoas usem a imaginação delas, e não tenham um vídeo automaticamente com cada disco. Fazer vídeos me deixa muito triste, me deixa mesmo, e se estou infeliz, não consigo fazer música decente. Havia composições em *Faith* em que eu pensava "Estou realmente satisfeito. Espero que Deus não me deixe foder o vídeo!" Definitivamente, estou perdendo um pedaço do meu público, mas... tenho de pensar em mim e na minha vida.

Essa atitude é só a ponta do iceberg? Você também está reavaliando outras áreas da sua vida, nessa tentativa de ser mais feliz?

Não é bem assim. Em geral, minha vida vai bem. De fato, desde que a turnê acabou, tenho me divertido mais do que em qualquer outra época que me lembro. Entro de sola no que quero. Entrei assim na minha carreira e saquei que as inseguranças que tinha trazido da infância eram uma força motivadora. As pessoas que se tornam grandes astros são muito irracionais em suas atitudes... Tenho pensado nisso, e, para parar de querer que mais e mais pessoas te amem, você primeiro tem de chegar à conclusão de que você merece ser amado. A maioria dos grandes astros não acredita nisso. De certo modo, agora acredito que mereço ser amado e não preciso do mundo para me dizer isso.

Este álbum é muito mais "relax", é muito menos clínico que *Faith*, que era rígido a ponto de te deixar de bunda dura.

Exatamente. Pega bem mais leve na bunda (*risos*). Vi um show recentemente — não direi de quem foi — e de repente achei que em toda a década de 80, me incluindo, o lance foi impressionar as pessoas. Aquela ideia americana de que maior é melhor pegou. Passei um tempão tentando impressionar as pessoas e acho que elas ficaram impressionadas, mas agora acho que não é o bastante.

Você concorda que este álbum é menos "chupim" que *Faith*, no sentido de não exibir suas influências tão nitidamente?

Claro. A referência mais evidente está em "Soul Free". A cozinha é bem tipo Soul II Soul: um som de baixo abafado e uma batera grave em loop. Mas é a única e, para falar a verdade, me senti desconfortável em como isso soou comum — não se ajustou bem às outras canções. A dance music perdeu algo, acho. Esses dias, quando escuto dance no rádio, troco de estação. Acho que é essa a razão pela qual tem tão pouca dance music no álbum. Uma das coisas que sempre amei na dance music era que a gente a associava à noite, à atração, era sexy. O rádio simplesmente não é sexy. A gente não consegue fugir da dance music agora. Não é mais uma área para especialistas, está aí nos gráficos das FMs, da BBC 1. Não há fascinação nem sexualidade nisso. Soul II Soul ainda é sexy porque se mostra as pessoas num nível ligeiramente mais profundo — embora na verdade não haja nada de realmente profundo rolando.

Você concordaria que, no geral, o disco novo é meio "pra baixo"?

Musicalmente não é, mas liricamente é bem assim. "Freedom" soa bem para cima. Está mais perto de uma faixa do Wham! do que qualquer coisa do *Faith*, porque essa música é *sobre* o Wham!, sobre o passado e sobre como sinto isso tudo diferente agora. Mas pensando nisso, tem umas coisinhas bem depressivas nesse álbum.

Este mês está saindo uma biografia oficial sua, *Bare* (*Nu*), escrita por Tony Parsons. Como uma biografia oficial é produzida do ponto de vista do biografado? Qual foi a sua participação?

Bem, eu me sentei com Tony e nós tivemos sete ou oito entrevistas de três horas, talvez quatro. Nós começamos no início de 1988, um dia depois de eu ter ganho um Grammy. Ele entrevistou um monte de outras pessoas intermitentemente. Assim, a gente escuta tudo de perspectivas diferentes. O livro chega até os dias de hoje. Há um capítulo conclusivo no qual as pessoas falam sobre onde me encontro agora e há eu falando o que espero do futuro. Não tem um padrão tradicional de biografia, você capta uma imagem bem clara de mim e das pessoas que estão falando sobre mim.

As entrevistas com Tony Parsons foram ficando progressivamente mais íntimas à medida que vocês se conheceram melhor?

Bem, eu já o conhecia bem, já tinha conversado com ele umas duas ou três vezes. O interessante foi que, quando ele entrou de cabeça nisso, ele pôs mais fé em mim do que tinha feito originalmente. Acho que ele gostou bem mais de mim. Não que ele desgostasse de mim, mas houve um respeito verdadeiro aí, e pude sentir que ele tentou não colocar isso demais no livro. Ele não queria parecer um puxa-saco de jeito nenhum.

Falar em profundidade sobre você mesmo te deu uma sensação de psicanálise?

O que achei estranho foi que depois de um tempo ele quase sabia o que eu ia dizer. Senti que podia confiar nele.

Você foi totalmente honesto com ele?

Não totalmente. Houve certas áreas que eu sabia que não traríamos além. Um exemplo: ele queria conversar com minha família mais próxima; eu perguntei a eles, conversamos a respeito e decidimos que poderia ser um livro muito bom sem eles. Senti que não queria expor minha família a isso. Porém, eu não tinha problemas em contar-lhe coisas. De qualquer forma, se eu não gostasse de alguma coisa que tivesse dito, sempre poderia retirá-la (*risos*). É muito pessoal — essa é definitivamente a impressão que a gente ficou — e é muito melhor do que um troço deplorável escrito por um *ghost-writer*.

Houve boatos a respeito de um capítulo intitulado *An Early Masturbator* (*Um Masturbador Precoce*). Foi mantido?

Sim, ainda está lá (*risos*). Os editores americanos não queriam isso no livro. Ficaram alucinados porque tinha isso e palavrões e umas outras coisas com as quais eles não conseguiam lidar. Mesmo assim, continuei falando. Qual é a lógica em se expor e depois desinfetar tudo? Eles pensavam que não era isso que o público americano queria ouvir de mim. Mas mantive tudo.

Não é arrogância ter uma biografia escrita aos 27 anos?

Só queria isso como um documento dizendo o que tinha acontecido até esse ponto. Como nao vou dar mais entrevistas, queria algo definitivo sobre esse periodo de tempo para dizer, "Foi isso que aconteceu, e qualquer outra coisa que você ler é conversa." Tem havido tanta especulação e merda escrita nos ultimos dez anos que um relato definitivo é necessario.

Você desenvolveu uma imunidade contra as histórias publicadas na imprensa marrom sobre você?

Desenvolvi a habilidade de detê-las no meio do caminho entre aqui (*toca a cabeça*) e aqui (*toca o coração*). As coisas ainda me aborrecem, mas nao fico mais me preocupando com isso o dia todo. No momento, eles estão tentando armar algo grande de novo. Deus sabe com o que eles aparecerao dessa vez. Na verdade, não ha qualquer coisa a mais para eles voltarem a mencionar. Nao que isso os detenha.

Você ainda se diverte sendo famoso?

Bem, suponho que se eu realmente me divertisse, não ira querer dar essa parada, não é? Mas há certas coisas que ainda curto. Há momentos em que o fato de todo mundo estar te olhando não te incomoda e momentos em que sim. Posso dizer honestamente que nao sentira falta disso. Sentiria falta da liberdade que isso me trouxe, pois posso fazer o que estiver a fim na maioria das vezes. Se eu não pudesse escapar para algum lugar ou conseguir uma mesa num restaurante à hora que quisesse, esse tipo de vantagens — bem, se elas fossem tiradas de mim, estou certo de que notaria. Quanto a ser reconhecido, aqui as pessoas me dao um pouco mais de folga, mas no momento, na America, não tenho mais.

O que as pessoas geralmente dizem quando te param na rua? O que elas esperam de você?

Não sei o que elas esperam. Normalmente dizem "achava que você era mais alto". E você pensa "ai, ai, ai..."

Uma coisa que me ocorreu recentemente é que constantemente somem para mim. Sempre que entro numa loja ou vejo alguem passar de carro por mim, ele esta pensando "É o George Michael! Arrumei assunto para hoje à noite. Isso vai me render conversa para muitos jantares". É uma experiencia. Assim, consigo uma reação muito positiva — embora provavelmente falsa — de todos que encontro.

Não é esquisito ser confrontado o tempo todo por estas reações distorcidas?

Não, porque eu entendo isso e aprecio de verdade. Só tenha uma percepção falsa das pessoas se fosse estupido. Sei por que as pessoas são bacanas comigo — elas estão encontrando um cara famoso — e nao sou estupido a ponto de pensar que todo mundo gosta de mim porque chega sorrindo.

Desenvolvi uma habilidade para discernir bem rapido se as pessoas estão sendo genuinas ou não. Sinto que preciso ter alguma confiança em alguem para deixá-lo ultrapassar o nível mais superficial. Tenho uma intuição razoavelmente boa sobre as pessoas. Nunca fui abordado ou tomado de surpresa nos ultimos quatro ou cinco anos. Fiz amigos e eles têm sido bons amigos. Sei discernir de quem devo manter distância.

> "Eu costumava tomar direto quilos de Ecstasy quando estava deprimido. Tudo que a droga fazia era piorar o problema, por isso acabei parando"

Você não acha que tem uma tendência a se auto-analisar em excesso?

Ah, é claro. Estou constantemente lendo a opiniao das pessoas sobre mim e elas nao são tão boas, no geral. É quando você está se defendendo, acaba analisando o tempo todo quais são seus motivos para isso, suas razoes para aquilo. Tenho de ter cuidado para não absorver demais muito da agressão que recebo da imprensa. Mas sempre fui bem auto-analitico e minhas canções sempre foram assim.

***Listen Without Prejudice (Ouça Sem Preconceitos).* Presumivelmente o título é uma mensagem dirigida ao mercado britânico.**

Não quero continuar com isso, mas sim, na Grã-Bretanha *ainda* sou visto em algumas áreas como um cantorzinho pop peso leve. É completamente o oposto na America. No minimo, eles me levam um pouco a sério demais. Eles acham que sou um cara sério e mal-humorado.

Você nunca pensou em se mudar para a América?

Nunca. Seria meio impossivel, eu amo a Inglaterra. Em termos de imposto, é bem caro aqui, mas não conseguiria ficar indo de um lado para outro. Tenho mais dinheiro do que sei o que fazer com ele. Não posso fingir que preciso de mais dinheiro ou insistir em ficar com o dinheiro do imposto. Sempre paguei tudo direitinho. Na época do Wham!, as pessoas sempre ficavam dizendo "Fique um ano fora do país..." Mas eu simplesmente nao vejo lógica em se ter dinheiro se você não pode estar no lugar onde quer. Se você não pode acordar onde quiser, o mundo se torna uma prisao aberta. Para que serve o dinheiro afinal?

Você já recebeu todos os royalties por *Faith*?

Sim, acho que já chegou tudo

Quanto você ganhou?

Muito (risos). Não, honestamente nao tenho nem ideia. Não conseguiria especificar quanto. Sei que foi muito, muito dinheiro. Sei que sai do Wham! sem muito e sai de todo esse lance do *Faith* com um puta montão. Vendeu algo entre treze e catorze milhoes de copias, o que é realmente fenomenal se você pensar em cada uma dessas pessoas unidas. A gente não consegue nem pensar. Mas a industria da musica hoje é isso. Imagine o que os Beatles teriam vendido se conhecessem marketing na época. Se fosse possivel integrar um grupo pop à progressão de toda uma geraçao nos dias de hoje, como os Beatles e os Stones fizeram nos anos 60, os numeros seriam assombrosos. Eles foram um fenomeno cultural enorme, mas as pessoas simplesmente não sabiam como vende-los de modo apropriado. Agora é diferente. Madonna não é um fenomeno cultural, nem eu sou, nem o Jackson. Somos fenômenos de venda.

Por que você acha que os astros pop não mudam mais a vida das pessoas?

Agora as pessoas não são ingenuas como costumavam ser. Acho que a musica ainda pode influenciar o modo como as crianças pensam. Algo como o movimento acid house se tornou, em grande parte, cultura, mas geralmente os individuos nao mudam mais as coisas. Em termos de musica neste país, o que há agora? Os Stone Roses? Não acho que eles mudaram a vida de ninguem significativamente

É estranho pensar que você tem a mesma idade que Ian Brown, o cantor dos Stone Roses.

É estranho, não é mesmo? Mas normalmente tenho a mesma idade ou sou mais jovem do que as pessoas que aparecem e se dao bem. Agora é que isso começou a mudar

Tanta coisa aconteceu nos seus vinte anos — os trinta não parecem um pouco assustadores?

De jeito nenhum. Sinto que ja me livrei de um monte de excesso de bagagem. Tenho essa sensação verdadeira de crescimento. Embora eu esteja muito orgulhoso desse álbum, tenho essa sensaçao completamente segura que o próximo será muito melhor. Aprendi a relaxar quando estou fazendo musica. A pressao saiu de mim. Não tenho de me preocupar em chegar a um primeiro lugar, posso apenas me concentrar e curtir a musica.

No momento, nao estou competindo com ninguem porque tenho objetivos diferentes. De uma certa forma, gostaria que houvesse alguem na mesma posição que estou agora, assim teria um parceiro de briga. No entanto, não me sinto ameaçado por ninguem. Na primeira parte da minha carreira, fui ameaçado pelas outras grandes bandas pop, como os Frankies e o Duran, e no ultimo periodo por Madonna, Jackson e Prince. Agora que aconteceu uma transição em minha cabeça e sai dessa posição, não há quem possa competir comigo

Pode ficar tranquilo: Terence Trent D'Arby é que não é.

É mesmo! E eu realmente achava que ele viraria competidor em algum momento. Aposto que seu próximo disco vai ser legal e bem comercial. Ele vai se foder um pouco, mas é esperto e quer ser um astro desesperadamente. Ainda acho que algumas das canções de seu último album sao muito boas, mas ele se esforçou tanto para torna-las difíceis de ouvir que acabou se fodendo. Você não pode se tornar um inovador ou você é ou nao é. Eu não sou. É por isso que tenho de me concentrar em ser um compositor

Você se sentiu inseguro ao fazer o novo disco?

Claro, todos os artistas se sentem. Se voce não tivesse nenhuma insegurança, não conseguiria continuar. Mas eu me tornei mais confiante e inventivo, o que espero aproveitar. Se você é um artista de alta vendagem nos dias de hoje, não esperam que você faça um álbum mais do que a cada dois ou três anos. Faz tres anos desde o meu último álbum e não quero que isso continue assim. Quero fazer pelo menos um album a cada dezoito meses. De outra forma não acho que você cresce ou se desenvolve.

Num mundo ideal, os negócios seriam divididos entre *entertainers* (animadores) e musicos: os animadores se concentrariam em trabalhos visuais, ao vivo e em video. Os musicos se educariam e se desenvolveriam no velho sentido da palavra. Fariam música e não se preocupariam com a imagem. Temos tido imagens já prontas servidas com os discos há tempo demais, e acredito que as pessoas estão ficando um pouco cheias disso. É por isso que não gosto de discutir as letras e sobre o que elas tratam, porque isso vai longe. É como quando você está na fossa e ouve uma canção triste no rádio: ela é sobre você, não é sobre o cara que a cantou e seu ultimo romance fracassado. É sobre isso que as canções de amor são.

Honestamente, o que você pensa do álbum solo de seu ex-parceiro no Wham!, Andrew Ridgeley?

Acho que em partes foi excelente, e em outras partes... Você poderia dizer que foi a primeira vez que ele teve de montar algo assim. Estou convencido de que havia quatro hits nesse disco e nunca imaginei que o seu estigma tivesse permanecido tão forte. É uma pena. Ninguem lhe deu a mínima porra de credito.

Mas a voz dele não é boa.

Não, mas ele *tenta* para caralho, e eu acho que ele se sai bem. Ele sabe que não tem uma grande voz. Ha muitas pessoas que não conseguem cantar muito bem, mas se elas têm uma postura firme, elas conseguem levar. Se ele tivesse aparecido agora, sem estigmas, sem passado, então creio que ele teria feito sucesso, acredito mesmo. Algumas das criticas que apontaram contra ele foram justas, mas outras não tiveram nenhum sentido. Sacanearam com ele.

Do que você acha que a pessoas não gostam nele?

Ultimamente as pessoas acham que ele não mereceu ser um grande astro no Wham!. Se as pessoas conseguem carregar esse tipo de ressentimento, é problema delas, mas agora, infelizmente, é problema dele. Não sei o que ele vai fazer agora. Ele estava bem desanimado com o tratamento da imprensa. E não é só da imprensa. O publico o trata com um certo grau de desprezo. Ele estava muito de saco cheio. Muito triste.

Hoje você atingiu um estágio de fama em que é algo maior que um simples nome familiar.

Parece que sim. É uma coisa maluca, pois a gente é quase incorporado num tipo de folclore. Acho isso ridículo e realmente não sei como foi acontecer. É uma coisa estranha ter acontecido comigo. De um certo modo, acho que isso faz a gente se sentir seguro, sabendo que somos tão famosos que as pessoas nunca esquecerão quem somos.

Tendo estado em turnê durante a maior parte de 88, você não perdeu a explosão da acid house?

Quando voltei da tour, todo mundo estava fora disso. Assim, perdi a maior parte do ano da Ecstasy em massa. As pessoas estavam meio que tomando esse rumo quando parti, mas quando voltei, havia pessoas que eu achava que nunca entrariam nesse lance absolutamente alucinadas.

Te inibe o fato de, por você ser George Michael, não poder sair com

os amigos, ir a algum clube e tomar Ecstasy — só porque deve dar "um bom exemplo"?

Ah, não, eu tomava direto. Quilos de Ecstasy. Simplesmente não faço mais isso. Eu tomava quando estava muito deprimido, uns cinco anos atrás, na primeira vez que fui a LA. com o Wham!. Não é uma coisa legal de se fazer quando se está deprimido, foi por isso que parei de tomar. Não tiro proveito, não viajo com drogas. É bem o que acontece com a bebida. Se eu tenho um problema, ele está lá comigo e não consigo me livrar dele bebendo ou tomando drogas. Tudo o que a Ecstasy costumava fazer era aumentar o problema. O que me deixa satisfeito a esse respeito é que a maioria das pessoas que conheço e que tomavam um monte de Ecstasy saíram dela e entraram na coca, que sempre foi proibitiva para mim. É uma droga horrível. As únicas vezes na minha vida em que a experimentei tive as mais terríveis depressões e também não tive nenhuma viagem especial com ela, então decidi que não era para mim e cai fora dessa. O que eu curtia no Ecstasy é que você tomava no começo da noite e uma vez tomado, pronto. Se você tivesse errado, então estava fodido, mas não podia desfazer o erro. Mas o que sempre odiei e ainda odeio a respeito da coca é o jeito como ela faz as pessoas se comportarem. Não há nenhuma privacidade nisso. Elas precisam de um pouco mais, e aí pedem favores para quem não gostam ou vão para alguma festa que não querem ir. As mulheres trepam para conseguí-la; os caras também. É simplesmente a droga mais suja de todas.

Você já foi atraído a se meter com alucinógenos?

Não, isso nunca me atraiu, nem vagamente. Me lembro quando Andrew e eu éramos garotos. Ele tomou ácido e teve momentos terríveis. Uma viagem muito ruim. Ele nunca mais tomou por muitos e muitos anos. Apenas a descrição do que aconteceu com ele me pôs fora disso. De qualquer forma, sou maluco beleza demais *je* não conseguiria lidar com a idéia de coisas virem até mim e eu não ser capaz de detê-las. Ainda ouço histórias horríveis sobre coisas acontecendo com pessoas ligadas em trocos tipo ácido. É radical demais para mim.

Você ainda bebe?

Ah, eu bebo... Provavelmente mais do que jamais bebi. Não acho que fico tão bebado quanto costumava, o que é um mau sinal, mas eu *adoro* vinho e gosto muito de beber quando há algo para comer. No café da manhã, com petiscos, e aí vai... *(risos)*. Eu costumava ficar bebado e na verdade não me importava com o que, mas agora bebo porque gosto do sabor... o que engana mais ainda. O problema real é eu não ter mais nenhum tipo de ressaca, então não há nenhum incentivo real para eu não me exceder. Pelo menos sempre fui um bebado amável. Nunca fico agressivo ou insatisfeito. Mas acho que devo tomar cuidado, pois tenho 27 anos e um estilo de vida que poderia me levar a beber mais e mais.

De volta à cozinha, fazendo chá pelo método predileto dos solteirões do mundo inteiro — pondo o saquinho direto na xícara —, ele conta como se livrou da preocupação que tinha sobre beber e dirigir. "Nunca quis um motorista, mas hoje tenho um. Sempre pensei que era superestrelice e calhordice, mas é uma coisa sensata a se fazer. Ele me leva a algum clube para tomar um drinque, pois não suporto a idéia de beber e dirigir." De fato, do lado de fora do portão negro nada acolhedor, um motorista — completamente equipado e pronto para fazer um bico de guarda-costas quando for necessário — espera pacientemente num Range Rover enquanto a Mercedes de Michael permanece inútil na rua.

Ele se anima muito quando fala de seu compacto "Praying For Time" ("Rezando Por Tempo") — "estou supersatisfeito com a letra. É de longe a melhor que já escrevi. Ela me deixa tão... *orgulhoso*" — e se maravilha com o "peso e intensidade muito triste" de "They Won't Go When I Go" ("Eles Não Irão Quando Eu For") de Stevie Wonder que ele acredita ter reproduzido convincentemente. "Na verdade, foi muito importante para mim. Custou um grande esforço."

Esse breve momento de busca da alma é interrompido rudemente quando ele olha para baixo e descobre, para seu desânimo, que o cachorro está se esfregando em sua perna. Embora a gente o considere calmo, George Michael fica vermelho e tão agitado que solta uma piada rapidinho para disfarçar. "O que você faz quando um cachorrão Rottweiller feroz se atraca com a sua perna?" ele pergunta um pouco histérico. "Finge um orgasmo!"

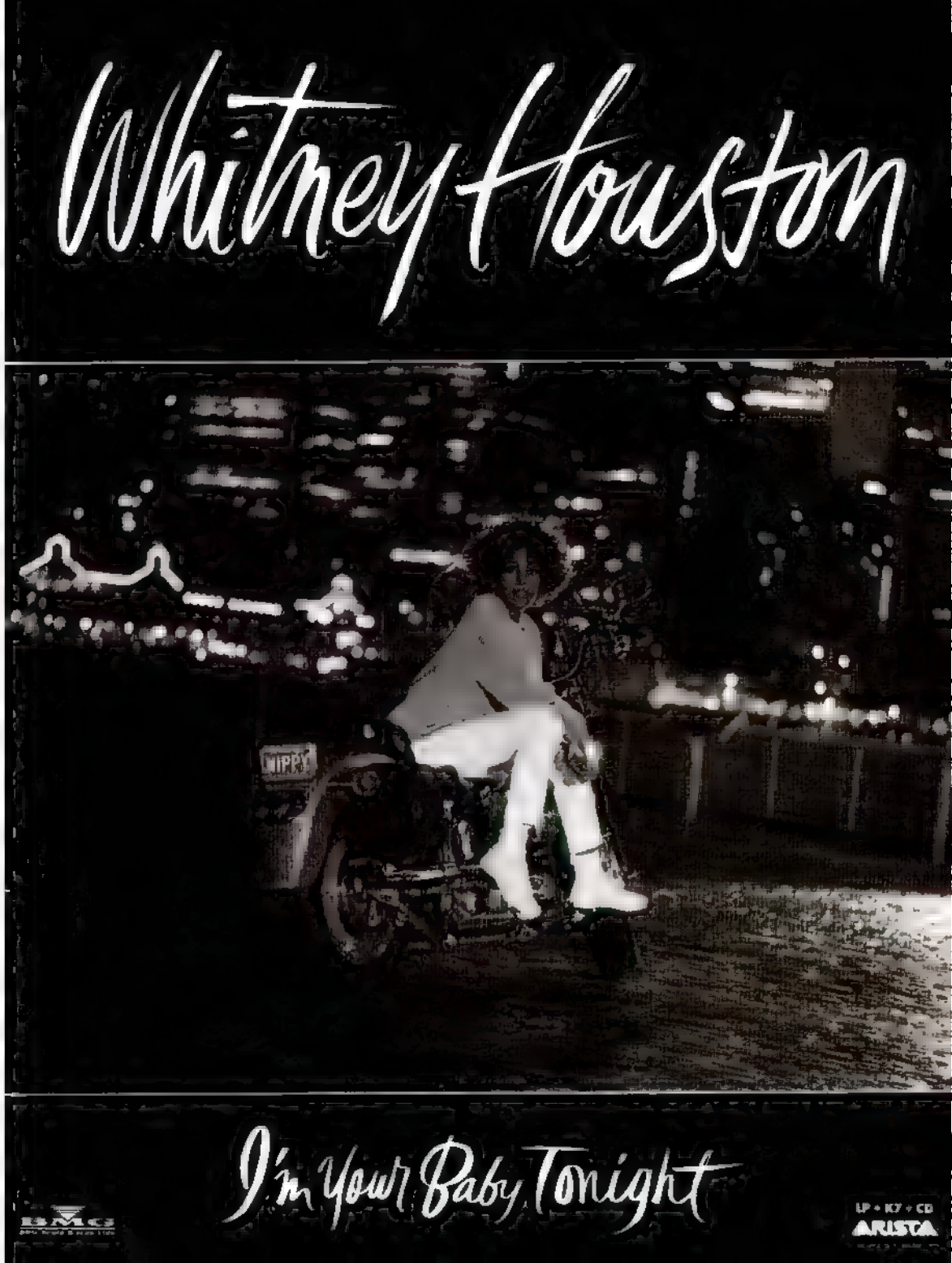
E assim, com as costelas doendo, deixamos *chez* Michael. Essa tarde, ele diz que provavelmente vai levar o cão para dar uma volta para "resolver o problema da agitação". E à noite?

"Você vai cair na farra hoje à noite, George?", seu motorista pergunta com uma ironia respeitosa.

"Não, esta noite não. Você pode, ahn, ficar com a noite livre", seu jovem patrão diz, gaguejando desajeitado o clichê. "Vou passar uma noite tranquila em casa." Ele dá um tapinha na cabeça do cão e, rindo, imita Greta Garbo: "Queremos ficar sozinhos."

ADRIAN DEEVOY

TRANSAMERICA FM 100,1



ExóticOs

PARTE I

Desprezados pela crítica, ambos estão entre os artistas mais populares do país. Duas bizarras faces do Brasil: Wando e Bezerra da Silva

WANDO

O obsceno. O Marvin Gaye brasileiro. Ou seria o Prince? Um cara que já trabalhou com o Zimbo Trio e Baden Powell, que não deixa de sempre lançar uma no ouvido da Xuxa, quando vai ao seu programa — deixando a lorinha rubra —, lê Baudelaire e derrubou Roberto Carlos do trono de soberano absoluto do hit parade de motel. Agora, é o homem da tenda dos prazeres. O sem-vergonha Wando.

HAREM

"Em *Tenda Dos Prazeres*, dos árabes só estou aproveitando o harem. Todo homem pode dividir sua atenção entre muitas mulheres, mas mesmo assim ele sempre terá uma preferida. A diferença é que enquanto os árabes armam a tenda para fazer guerra, a gente arma para fazer amor."

INICIAÇÃO

"Me comeram. Eu tinha treze anos e minha prima de 22 anos me ensinou tudo. Não sabia nada e fui comido."

BAUDELAIRE

"Eu leio essas coisas. Provavelmente não escrevo como ele. É uma leitura um pouco pesada para certas pessoas, mas acho que foi um artista popular em sua época."

SIMPLICIDADE

"No fundo, falar de amor é sempre igual. Vinicius de Moraes falava de uma forma muito simples e era um intelectual. Não é tão fácil falar simples, tocar fundo."

CULTURA DE MOTEL

"Essa coisa de motel que a gente armou é porque o motel é uma coisa muito cobiçada. Todo mundo quer ter um motel em casa. Ter espelho no teto e se ver fazendo amor."

MÚSICA ERÓTICA

"É uma questão de sensibilidade. Tem dias que você quer uma coisa mais forte, outro dia mais romântica. Todo mundo tem seus clássicos, dependendo do momento, até música sertaneja é boa."

LIBERAÇÃO DA MULHER

"O homem pensa que escolhe, mas sempre foi escolhido. A mulher sabe pensar melhor que o homem, que é meio burro quando ama."

OS DOIS CORAÇÕES

"O homem tem dois corações, o de cima

Exóticos

e o de baixo. O de cima se entrega para a mulher de corpo e alma. O de baixo pergunta para o de cima se não está na hora de sair por aí. O mal do homem é o coração de baixo, ou o bem.

MASTURBAÇÃO

"Eu comecei a me masturbar cedo e acho que todos os meninos devem fazer isso, porque é natural. A masturbação não é mais do que uma forma de colocar para fora os seus temores, seus sonhos. É bonito."

CANTADAS

As pessoas idealizam demais o artista. Te colocam como o melhor cara do mundo e às vezes você não é. Uma mulher já me mordeu a boca no camarim. Outras são diretas e dizem que querem a gente de qualquer jeito. Outras são mais calmas e até mandam flores.

HOMOSSEXUALISMO I

Um cara toda noite me dava uma flor no palco, no Rio. Um dia fiquei queimado, a minha cabeça não estava preparada para esse tipo de coisa, e pedi ao segurança que brecasse essa pessoa, provavelmente com uma rosa. O cara fez um discurso. Por que um homem não podia dar uma rosa para outro homem? Aprendi muito com esse discurso.

ENTRE QUATRO PAREDES

Tem mulher que gosta de apanhar. Tem outras que gostam de mais carinho. Na realidade, elas gostam de um homem que entende de mulher. Se tiver de fazer o que a sociedade conhece como exagero, vai fazer porque entre quatro paredes tem de fazer de tudo, até pular no teto se for preciso."

HOMOSSEXUALISMO II

"Homem com homem dá choque. Mulher com mulher é muito mais carinhoso. Homem é meio abrutalhado. É uma coisa de machão mesmo. Eu não sei se tenho lado feminino, mas eu entendo bem o mundo feminino.

CENSURA

O que eu faço hoje, se fizesse três, quatro anos atrás, não passava. Eu tinha de esconder muita coisa.

VIRGINDADE

Uma mulher para ser única não precisa ser virgem. Você esquece o passado. O homem que gosta de uma mulher não fica fazendo pergunta: ele passa uma borracha no que aconteceu antes."

XUXA

É uma pessoa fantástica. Ela não tem mais a bunda de antes, mas continua brilhante. Pais e filhos se unem querendo comer essa mulher. As mães, por sua vez, dizem: 'Nossa babá está no ar'.

EMPREENDIMENTOS

"Esse último disco eu lancei envolvido numa calcinha da minha nova grife. Obsceno. São calcinhas para momentos especiais. Estou também pensando numa linha de sorvete também chamada Obsceno.

COMPLO

Todo mundo sabe que a música internacional tem praticamente custo zero. Isso incomoda. O disco nacional custa o dobro: custo de produção e promoção. É importante investir uma parte do dinheiro arrecadado com os lançamentos internacionais na produção nacional."

ROCK E MPB

O rock já está misturado na música brasileira. Esse negócio de separar as coisas é a maior besteira. Música não tem barreira."

ARTE E EMPRESA

"As pessoas de música popular sabem se organizar muito bem em forma de empresa. Se um artista não acontecer como empresa, não vai vender aquilo que se pensa. O romantismo, entre aspas, acabou.

UMA LETRA

"Eros" (Paulo Debetio — Paulinho Rezende)

Que Eros abençoe essa bendita fome/quando a gente se come/que nem dois canibais/que Eros abençoe o nosso amor devasso/na cama onde te caço/com desejos imorais.

Que Eros abençoe essa paixão sem freios/e o gosto dos teus seios/que fica em minha boca/que seja abençoado o teu olhar guloso/e o jeito escandaloso/da tua fera solta/que seja perdoado esse pecado santo/de nos amarmos tanto/dessa maneira louca.

Que Eros abençoe as nossas travessuras/sem nenhuma censura/nossa entrega total/que Eros abençoe a gente de joelhos/brincando nos espelhos/quando tudo é natural.

Que Eros abençoe essa paixão sedenta/que quanto mais aumenta/pra nós ainda é pouca.

Que Eros abençoe os beijos sem limites/e as mãos de Afrodite/me dando pro teu corpo/que seja abençoado esse pecado santo/de nos amarmos tanto/dessa maneira louca.

BEZERRA

Malandro é malandro e mané é mané. Como todo bom malandro, Bezerra diz que não é. Esperto, escapa das perguntas com um de seus bordoes. Bezerra podia faturar a maior grana escrevendo um dicionario de malandres. Ele é a voz numero 1 da realidade brasileira e, como ele mesmo sabe, sua mensagem é muito parecida com a filosofia do rock n roll. O homem que nunca foi santo, Bezerra da Silva.

ROCK

"Quando gravei com o RPM, eles me explicaram que a mensagem deles é igual à minha, só mudam os sinonimos. A música era sobre umas latas. Não tinha entendido nada daquele negócio. Depois é que me falaram que era maconha que tinha aparecido boiando.

PAGODE

"Isso não existe como genero musical. É um encontro, uma reunião. Agora virou uma etiqueta comercial. O que eu faço é partido alto.

BEATLES

"Quando eu sento no piano, fico catando umas notas. Toco Beatles, aquela... Tãnãnãnãna nana...("Ticket To Ride"). Eu gosto da boa música."

GUERRA

"Não tem guerra. O sambista não reclama do rock em si, e sim da covardia do mercado. Preconceito de radio. Os meninos do rock também reclamam disso. O negocio é igual.

MPB

Que MPB, que nada. Isso é grupo. A Globo é que inventou. MPB é para cantarem música americanizada e se justificarem. As radios tocam Caetano, Gil e Roberto Carlos porque aquilo não é coisa bem brasileira.

REDE GLOBO

"Trabalhei oito anos na Globo. Gravei quatro LPs e enquanto trabalhava lá não fazia programa nenhum. Depois que saí é que comecei a gravar *Fantástico* e *Globo de Ouro*. Trabalhei tocando na orquestra de 77 a 84 e em 79 já era sucesso.

COMPOSITORES DE VERDADE

"Esse género que eu canto eu não sei compor. Eu componho mais coco. Tenho uma equipe de compositores, principalmente da Baixada Fluminense, que é o quartel general do samba. Eu não tou com esse futebol todo não, se eu soubesse fazer isso tudo já tinha comprado um avião, entendeu malandro?

COMEÇO DE CARREIRA

Nasci em Pernambuco. Vim para o Rio de Janeiro com quinze anos de idade, correndo na frente de um boi zebu, só com a roupa do corpo. Já nasci musico, mas trabalhava em obra, era pintor.

POLICIA

Eu morei vinte anos no morro do Cantagalo. Entrei em cana uma porção de vezes para averiguações. Fui campeão de averiguações, mas nunca respondi processo. Meu boletim é nada consta. Tinha dia de eu entrar em cana duas vezes. Um dia eles abriram a porta da viatura e eu sentei por minha conta. Só me prendiam para marcar ponto.

INDUSTRIA D

Acabei de renovar o contrato e foi aquele da não dá. Eles tem medo de dar dinheiro pra crioulo, acham que o cara vai comer o papel. Crioulo sai logo gritando pela rua: 'Tô com dinheiro'. Mas eu sei o que faço, pode me dar o meu.

NEGRITUDE

Se Deus deixasse eu fazer eu do jeito que eu quero, com a cuca que tenho, eu seria verde. Todo bonito. Ninguém ia ser igual a mim. Eu seria um sucesso com o cabelo todo de ouro, ia ser tudo comigo mesmo mas me fizeram um crioulo esquisito.

DROGAS

"Não bebo, fumo muito pouco, não fumo maconha, nem cheiro cocaína. Ficam dizendo que o Bezerra da dois, que o Bezerra cafunga. Eles ficam tudo insbigados com as minhas letras. Dizem que eu dou dois, mas não ligo. É bom porque vende disco.

MORRO

"O pessoal do morro não tem dinheiro pra comprar drogas. Eles ficam só segurando o flagrante e cheirando rapa. Lá tem sempre um para segurar a descarga.

MALANDRAGEM

"Não existe malandro no morro. Só pode dizer isso dos ministros, do presidente, como sinonimo de inteligente. Dizem que malandro é ladrão e maconheiro, eles são vitimas da sociedade. Nas quais eu me enquadro, só que escapei. Malandro de verdade, você encontra na Vieira Souto, tudo morando de frente pro mar. Malandro que mora no morro ou é debil mental ou maluco.

CANA DE GRAÇA

Um dia assaltaram um açougue perto de casa e eu, que tava comendo sardinha, entrei em cana dentro do lar.

SEQUESTRO

Outro dia me perguntaram se eu não tinha medo de ser sequestrado. Eu nunca vi ninguem seqüestrar crioulo. Se me sequestrarem, já avisei em casa, o meu resgate é um berimbau que eu tenho lá.

IDADE

Quando eu nasci, o meu pai já tinha largado a minha mãe. Segundo ela, eu nasci no dia nove de março de 1936. Ela anotou a data num papel, guardou num bau, e os ratos comeram. Meu pai me registrou no Meier, nascido em 23/02/1927. Então, eu faço aniversario duas vezes por ano.

JESUS NA CRUZ

Um cara me perguntou porque pregaram Jesus na cruz e eu não. Fazendo referencia a capa do meu disco, e respondi que Jesus deu mole e eu não. Grampearam ele. Quando os judeus vieram me pregar, viram as quatro turbinas e deram no pinote. Jesus tava na mão. Sobe lá pra ver.

LAR, DOCE LAR

Eu morei na favela de São Vicente porque não tinha onde morar e não podia morar andando.

UMA LETRA

"Canudo De Ouro" (Adelzonilton)

Embecado numa rica batina/na porta da igreja o vigario ficava/rezando bem alto a missa em latim/pra não dar na pinta o que

ele transava.

Todos que ali passavam/se admiravam da sua oração/mas a reza do padre só fazia milagre/pra quem entendia aquela transação.

Dentro da igreja o padre era um santo/das seis da matina até o meio-dia/mas de baixo da sua batina/cheiro de flagrante que só Deus sabia.

O crucifixo que o padre usava/era um tremendo canudo de ouro/so quem sabia do significado/desembolsava logo o dinheiro do coro.

Pro azar do padreco pintou um X-9/o cagueta safado manjava o latim/ligou a antena e pegou a mensagem/que foi traduzida e dizia assim:

Quem quiser cafungar ou dar dois/vá na sacristia com o sacristão/mas leve em dolar que a coisa é da boa/porque sem dinheiro não tem transação.

Rapidinho o X-9, na maior covardia o padreco vendeu/o outro veio e grampeou o vigario/vendendo bagulho na casa de Deus.

Mas seu advogado que o direito penal muito entende/pra mandar o juiz/doutor perdoa que ele não sabe o que vende.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

MINHA MTV QUER TE VER. TE ENVOLVER. TE SEDUZIR.
JÁ NO AR
COBERTURA NACIONAL VIA SATELITE.
SP CANAL 32 UHF
RIO CANAL 9 VHF
DAS 12H ÀS 2 DA MANHÃ
Na minha MTV
nada machuca nem cansa.
É música, jornalismo,
esportes e humor a cada segundo.
A primeira TV totalmente
estéreo abre seus braços
e a gente faz um país
no ritmo de nossa música favorita.
Vem chegando minha MTV.
Todos de antenas de fora.
TE VEJO NA MTV
Rede de Televisão Abril
MUSIC TELEVISION

PHILIPS

TE ESCUTO NUM STEREO PHILIPS.

TELEVISORES STEREO PHILIPS. O MELHOR SOM STEREO DA MTV.

CONDUTA IMPECÁVEL

Os bem-comportados Neil e Chris falam à BIZZ sobre suas parcerias insólitas, turnês grandiosas, política, drogas, violência policial, floresta amazônica, Aids e o novo LP, *Behaviour*

Ouvi dizer que no ano que vem podemos esperá-los no Brasil.
NEIL TENNANT Vamos fazer uma turne mundial, e talvez toquemos no Brasil. Mas ainda nao é certeza.

Me fale um pouco do disco novo, *Behaviour*. Quando é que estas musicas foram escritas?
NEIL Começamos a compo-las no começo de novembro, em Glasgow. "Jealousy" uma das faixas, é mais antiga. Mas a reação geral é de que o disco soa muito diferente dos anteriores.

Eu o achei mais suave...
CHRIS LOWE É verdade. Tem gente que decide a direção de um disco antes de grava-lo, mas nos nunca fizemos isso. Estavamos conversando como Phil Oakey do Human League, e ele estava dizendo que deveriamos ter uma ideia e segui-la ate o final. Nos ate começamos pensando em fazer um disco mais "duro", mas as coisas foram mudando conforme fomos trabalhando nele.

Ao mesmo tempo, o disco também é mais rico.
NEIL Usamos uma orquestra em duas faixas. Em "My October Symphony" usamos um quarteto de cordas, que eu aprecio muito e achei que se encaixaria bem na musica. Tambem usamos guitarras em algumas faixas... ate eu toquei guitarra.

Aquele riff em "Seriously"...
NEIL Fui eu que toquei! Mas usamos o sinklavier em cima para melhorar o som. Achei que ficou bom, combinou com o *mood* da musica. É um album interessante o disco mais consistente que já fizemos. Em *Introspective*, por exemplo, cada faixa era diferente. Este é mais uniforme. Não sei o que as pessoas vao achar, mas para nos ele é muito diferente do resto. Mesmo assim, "Love Comes Quickly" se encaixaria bem neste álbum, ou "Nothing Has Been Proved", que escrevemos para Dusty Springfield. Acho que nossa musica tem ido numa direção diferente desde que começamos a trabalhar com outras pessoas, como Dusty ou Liza Minnelli. Há um som novo nascendo, se desenvolvendo, um som mais quente. Não sei ainda onde isto vai nos levar. Estamos fazendo musica que faz as pessoas sentirem mais emoção. Para nos, a *disco* tem esta qualidade, também.

Recentemente, vocês fizeram uma aparição especial no show do Electronic em LA, abrindo para o Depeche Mode. Como é que foi isso?
CHRIS Foi otimo. Tocamos para umas cinquenta mil pessoas. Nunca haviamos feito esse tipo de coisa antes. Nós aparecemos no palco todos arrumadinhos, enquanto o Barney e o Johnny Marr tocam vestidos de qualquer jeito *(risos)*. Mas o publico gostou do show, e quando nós dois aparecemos eles aplaudiram bastante.
NEIL Acho que foi muita coragem deles, tocar musicas novas assim, que nunca ninguem ouviu — a não ser "Getting Away With It", que é bem conhecida em Los Angeles. É uma coisa incrivel, subir no palco e tocar musica de um disco que nem foi lançado ainda.

Como é o disco do Electronic? Só conheço o single.
NEIL É bem diferente do single.
CHRIS É mais duro. Tem umas faixas de *dance* otimas, muito duras.
NEIL E também tem umas baladas rock.
CHRIS Tipo Lloyd Cole, se ele fosse bom.
NEIL Tipo Lou Reed!

Além da Dusty e da Liza, com quem vocês têm trabalhado?
NEIL Ultimamente, ninguem. Nos gostamos de trabalhar com outras pessoas, porque gostamos de fazer discos. E infelizmente há um limite de quantos discos seus voce pode fazer em um ano. Então é bom escrever musicas para outras pessoas, e é interessante ver como elas as interpretam. A Dusty, por exemplo, canta nossas musicas de uma maneira totalmente diferente da maneira pela qual nós as interpretariamos. E com a Liza foi interessante porque ela nunca havia cantado musica pop antes.

Depois de ocupar a cadeira de produtor, como é que vocês se sentem em seu próprio trabalho?
NEIL Para falar a verdade, quando se trata de nosso trabalho, sentimos menos responsabilidades. Quando você está produzindo alguem, tem de cuidar de detalhes chatos como orçamento. Mas quando estamos fazendo nosso proprio disco, há alguem para cuidar disto. E tambem, sempre gosto de voltar a cantar e a trabalhar com nosso material. É completamente diferente, e menos disciplinado. Com a Liza nós tinhamos onze semanas para gravar o disco. Com o nosso, levamos meses, embora para *Behaviour* nós tenhamos gravado muito mais eficientemente do que antes.

Os shows do ano passado foram espetaculares. O que vocês estão planejando para esta nova turnê?
CHRIS Queremos algo mais teatral, o mais longe possivel de um show de rock.
NEIL Estamos trabalhando no design do show com uma pessoa da English National Opera. No ultimo show, nos visualizamos cada musica separadamente. Desta vez não vai ter uma coisa diferente para cada musica, haverá um conceito geral para todas.

Vocês vão usar filme novamente?
NEIL Não. Vai ser mais teatro, mesmo. Ainda nao fizemos muitos planos, mas se que desta vez o show vai fluir mais.

Vocês viram algum show ultimamente que tenha inspirado alguma ideia?
NEIL Eu gosto de coisas como ópera, isso me inspira. Vamos fazer algo que nunca ninguem fez antes.
CHRIS Quando as pessoas pensam em "show", pensam imediatamente na Broadway, aquele glamour todo. O que estamos fazendo é mais contemporâneo. Nao vai ser tão cheio de "brilho". Mas continua sendo *entertainment*, embora mais sombrio. Eu gosto da ideia de assustar o publico *(risos)*.
NEIL Em shows de rock, as pessoas estão sempre competindo. É tipo "eu usei dez mil luzes" e "e dai, eu usei 25 mil".

Me lembra da hora do recreio no primario.
CHRIS Exatamente... é tão "macho".

E este show, vocês vão levar ao redor do mundo?
NEIL Sim. Europa, Estados Unidos, Japão, Australia e talvez Brasil.
CHRIS O problema de tocar no Brasil é que lá a gente tem de tocar em lugares enormes.
NEIL Talvez a gente tenha de fazer um show diferente no Brasil. Quando você toca em estadios, tem de fazer algo realmente grande.
CHRIS Mas o Depeche Mode e o Cure tocam em estadios, eles têm um show incrivelmente simples e todo mundo adora.

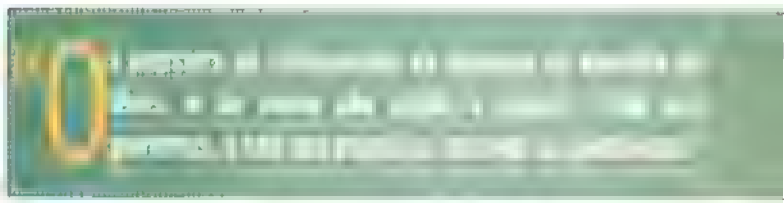
Vocês foram ver os Stones? Eu tive a impressão de que estava assistindo a um show pela TV, sem qualquer emoção.
NEIL É a musica deles continua chata.
CHRIS O que aconteceu com as pessoas reclamando sobre sexismo? Eles tinham aquelas duas bonecas inflaveis, e aquelas letras supermachistas, e ninguem disse nada. Que tipo de gente foi ao show? Eram jovens?

Havia jovens, mas acho que mesmo eles estavam lá pela nostalgia de algo que não viveram.
NEIL Que deprimente!

Houve boatos de que vocês estariam envolvidos com o projeto Red Hot & Blue.
CHRIS Apenas boatos. Nunca confirmamos nossa participaçao.

Como vocês se sentem a respeito de projetos assim?
CHRIS Nao me sinto muito confortavel. Voce nunca sabe o que está por tras da coisa toda. Neste caso, é um advogado de Nova York, e
NEIL Eu não entendo o que eles estao fazendo! Eu sei que haverá um programa na televisão, com mensagens sobre a AIDS. E sei que eles montaram uma "candade", o que sempre acho suspeito — apesar de que eu acho que nestes casos voce é obrigado a fazer isto.

Acho que a maior parte do dinheiro vai para a pesquisa da AIDS.
CHRIS Olhe só para a Wellcome, que é uma industria farmaceutica. Eles acabaram de restaurar um prédio enorme aqui em Londres, e estão começando outro. Tudo isto custa uma fortuna. Eles estão cheios de dinheiro! A industria farmaceutica esta ganhando horrores, entao por que as pessoas tem de dar dinheiro para a pesquisa da cura da AIDS?



NEIL De qualquer jeito, se eu tivesse AIDS, a ultima coisa que ia querer ouvir seria o David Byrne cantando "Don't Fence Me In" do Cole Porter *(risos)*.

Hoje em dia as pessoas esperam que os popstars sejam responsáveis e conscientes, não?
NEIL O problema é que os governos do mundo são tão fantasticamente irresponsáveis! Entao os popstars meteram na cabeça que podem influenciar as pessoas. Os popstar só influenciam as pessoas na escolha de que tenis vão usar, ou de como vão cortar o cabelo. A grande influencia que bandas como os Stones tiveram no passado foi que eles encorajaram as pessoas a tornarem drogas. Consequentemente, o mundo inteiro tem problemas de drogas. Nos Estados Unidos a situação é terrivel... Tudo porque a droga é um estilo de vida aprovado pelos popstars. O mundo tem problemas economicos enormes, mas cabe aos governos, não aos popstars, resolvê-los. "Ah, a floresta amazonica! Aquela coisa do Sting", as pessoas dizem. E o Sting ate que é sincero, nao está fazendo tudo isso para se promover.
CHRIS A musica pop é composta por modas e tendencias. Se você associa uma questão séria a isto, ela tambem acaba virando somente uma moda. Fica tudo muito superficial.
NEIL Os popstars gostam de pensar que sabem algo que o resto de nos não sabe quando na verdade sao bem burros. Por outro lado, eu nunca ouvira falar do Nelson Mandela ate que o Special A.K.A. lançou "Free Nelson Mandela", que teve um impacto enorme. O problema é que as pessoas logo se cansam de pensar e começam a esperar que os popstars digam sobre o que se preocupar.
Todo mundo está falando da onda de censura nos Estados Unidos e do caso do Judas Priest. Mas deste lado do oceano as coisas tambem vao mal, com a policia invadindo raves e prendendo todo mundo.
NEIL É ridiculo. Agora eles nao querem deixar o Revolting Cocks tocar aqui. As pessoas de mente estreita gostam disso, por isso é que votam na Thatcher.
Tem um clube em Manchester, meio ile-

gal... a policia invadiu o lugar com a maior violencia. Uma reação totalmente histerica!
NEIL As pessoas não se sentem mais parte da sociedade, por isso criam colonias e um modo de vida proprio. Elas sabem que nunca vao conseguir um emprego decente em certas áreas de Manchester, por exemplo. Nos Estados Unidos é pior ainda, é como o apartheid.
CHRIS E por isso que o Public Enemy tem aquele musica "911 Is A Joke"... Em certas areas, se você disca 911 para chamar a policia, ela nunca vem.
NEIL Os governos estão ficando incrivelmente irresponsáveis! Nos elegemos o governo para trabalhar para nós... mas agora as pessoas acham que todo governo é mau, graças a gente como Reagan e Thatcher.
CHRIS Uma discussão de politica, para os leitores brasileiros *(risos)*.

ANAMARIA G. DE LEMOS

JORNAL DO VESTIBULAR

Você não pode passar sem ele.

Suas chances de entrar na faculdade aumentaram. Leia o Jornal do Vestibular. Ele vem com todas as informações que você precisa pra virar bicho quando as aulas começarem.
Conheça a situação atual das faculdades do país, com avaliações feitas pelos próprios alunos.
A vida dentro e fora delas.
Como andam as profissões e o que fazer nas horas de lazer.
Não da outra, o Jornal do Vestibular está sempre cheio de matérias do seu interesse: calendário de inscrições, simulados e dicas de professores e profissionais para melhorar sua redação.
Agora você já sabe. Toda terça, no Jornal da Tarde, é dia do Jornal do Vestibular. Leia e passe bem.

jornal da tarde

ENTREVISTÃO

ELECTRONIC

O primeiro supergrupo dos 90 ou apenas uma brincadeira de dois músicos cheios da grana?

Apesar da aprovação de crítica e de público do primeiro single do Electronic, "Getting Away With It", ninguém tinha conseguido decidir qual era a do grupo formado por Barney Sumner e Johnny Marr. Isso só mudou quando a dupla abriu dois shows do Depeche Mode em L.A.

Sunset Strip, em Hollywood, está a cerca de treze quilometros de Compton, bairro "black" do grupo barra-pesada Niggers With Attitude (NWA), onde crack é capim e as balas voam por todos os lados. Mas parece estar a mais de um milhão de anos-luz. Aqui é onde a grana rola e onde tres hotéis, separados por uma distância de cem metros, acumulam anos de historia do rock n'roll.

O primeiro é o Chateau Marmont, onde Jonh Belushi cheirou sua ultima carreira. Proximo a ele está o hotel Hyatt (mais conhecido pelos leitores da biografia do Led Zeppelin, *Hammer Of The Gods*, como *riot*, "tumulto"). Aqui foi rodada a festa de final da tour no filme *Spinal Tap*; aqui, os excessos mais nojentos foram cometidos. E do outro lado da rua está o mais estranho hotel entre muitos, atual ponto de encontro entre bandas que moram ou visitam a cidade.

O hotel Le Mondrian é um triunfo do design excêntrico sobre o bom gosto e o bom senso. Com seu exterior decorado para parecer com um dos mais primários trabalhos do pintor cujo nome ele carrega, o Le Mondrian possui quartos revestidos com diversos tipos de materiais e pinturas. Os infelizes que trabalham no hotel são obrigados a andar para cima e para baixo vestidos com roupinhas de karaté cinzas e amarelas, que também parecem pinturas de Mondrian. A musica que se ouve nos corredores e elevadores é sempre de uma das bandas hospedadas. Hoje por exemplo, pode-se ouvir Depeche Mode, Taylor Dayne, Masters Of Reality e o grupo que me levou a checar este local, que mais parece um pesadelo de ácido.

O Electronic é cria de Bernard Sumner, do New Order, e de Johnny Marr, ex você sabe muito bem o quê. Seu primeiro single, que contou com a participaçao dos Pet Shop Boys, é "Getting Away With It". De grandiosa beleza, é uma das melhores músicas pop dos últimos doze meses. O grupo (atualmente formado pelo núcleo Sumner-Marr mais o tecladista Andy Robinson e os percussionistas Keste Martinez e Donald Johnson) está aqui em Sunset Strip para realizar seu primeiro show, abrindo para o Depeche Mode durante duas noites no imenso Dodgers Stadium de Los Angeles.

O Electronic é um misterio. Tem potencial para ser tanto deplorável quanto maravilhoso. Pode transformar-se no nascimento de uma nova e brilhante forma de pop, que celebre o que foi feito de melhor na música inglesa nos anos 80. Mas pode tambem virar apenas mais um terrivel mutante: o supergrupo, indulgente como todos que estao com a grana. Esse fim de semana em Los Angeles começará a nos mostrar para que lado eles irão.

Em um majestoso — para não dizer ostensivo — comboio de gigantes limusines brancas, o Electronic, seus convidados e colaboradores do Pet Shop Boys chegam ao local de seu primeiro concerto, o vasto (sessenta mil cadeiras) Dodgers Stadium. Nesta imponente catedral do baseball, eles irão esquentar o show dos ingleses do Depeche Mode, que aqui são verdadeiros astros (até o U2 só tocou uma noite aqui) e, surpreendentemente, grandes simbolos sexuais!

A banda (pronuncia-se É-lectronic e nao Hectronic) topou realizar o concerto em cima da hora. Eles ainda não estão realmente prontos para fazer um show. Duas músicas serão instrumentais, porque Barney ainda não escreveu as letras. E aquelas que já foram escritas, ele está fazendo um enorme esforço para decorar. Enquanto os minutos que faltam para a apresentação vão passando, a tensão nervosa vai crescendo nos camarins.

"Quando fomos passar o som, tudo estava em cima", sinaliza, resignado, Neil Tennant. "Exceto eu, que fico sempre apavorado. Essa é provavelmente a razão por que realizamos tão poucos concertos."

Barney (que depois da ultima tour do New Order pelos EUA jurou nunca mais excursionar) tem sua forma própria de lidar com a crescente tensão. "Não, eu não estou nervoso", diz ele, tentando dissimular as risadinhas intranquilas. "Eu estou muito irritado para estar nervoso."

Johnny Marr, acendendo um cigarro após o outro, parece ter decidido adotar uma postura diferente da habitual. Sua tour de 86 com os Smiths pelos EUA foi uma bebedeira só, mas agora vai tocar sóbrio. "É uma questão de profissionalismo", explica ele. "Eu gosto de ter controle sobre o que estou fazendo."

Antes de a conversa terminar, um carrinho de golfe bem maior que o normal aparece para levar Marr, Sumner, Robinson (formalmente o road manager do New Order), Johnson (veterano do A Certain Ratio) e Martinez (de origem desconhecida) para o seu primeiro momento da verdade.

Enquanto o Electronic entra no palco, a audiência (dividida entre os fantasiados com o típico sportswear sexy de Los Angeles e os

FESTIVAL INTERNACIONAL DA MÚSICA
SHARP

que vestem o basic black favorecido pelo Depeche Mode) recebe o seu primeiro choque. Para o número de abertura, "Big House", Johnny Marr (herói da guitarra para toda uma geração) não toca no seu instrumento tradicional! Vestindo uma camiseta listrada e manchesterianas calças baggy, ele carrega um tecladinho compacto, que balança de um lado para o outro. Com Sumner e Robinson usando sinths semelhantes e Johnson e Martinez esmurrando suas batenas eletrônicas, a banda apresenta um estranho espetáculo — uma vibrante propaganda pela redução do uso da tecnologia, um Kraftwerk populista.

"Big House" e a instrumental que veio em seguida ("Try All You Want") são menos músicas do que *grooves* percursivos, rápidos e dançáveis. O público, pouco familiarizado com elas, permanece distraido. A outra música, intitulada "Sun", atrai atenções a tempo para que todos possam se ligar em "Get The Message", a primeira ocasião em que o Electronic começa a fazer um vibrante, inquestionável sentido.

A balada "Get The Message" requer toda a determinação de Johnson e Martinez enquanto bateristas para que consigam acompanhar a guitarra (oba!) de Johnny Marr. Enquanto isso Barney entra em transe e se perde em sua dança particular, sorrindo. Ele está se divertindo pacas. Para Marr, que persuadiu Barney a voltar ao palco, só essa dança já é um sucesso.

Aparecem então os Pet Shop Boys. A multidão, agora excitada, grita de alegria, enquanto Tennant (de visual *clean*) e Lowe (usando uma capa de chuva de exibicionista sexual) entram lentamente no palco para fazer sentir sua presença em "Patience Of A Saint" e "Getting Away With It". A primeira é maravilhosa e "Getting..." — épica, lírica, muito Pet Shop Boys — é um grande hit nos EUA, levando finalmente a audiência ao êxtase.

A grande popularidade e graça da música é a mais clara pista de que o Electronic está buscando (e é capaz de atingir) algo realmente especial. No clímax da música, o estádio se transforma na cena mais quente de um sonho roqueiro: pedaços da melhor banda de rock, do mais influente grupo pop e da mais influente máfia dançável da Grã-Bretanha dos 80, combinados para resultar em um efeito glorioso, cheio de movimento.

Tennant e Lowe deixam o palco, e o Electronic termina o show com "Gangsters" e "Donald", uma mistura de sons dos primórdios do rock e de composições dançantes feitas para o cinema, embebidas em combustível de funk. Com as promessas feitas e os músculos cansados, eles pulam fora.

O show foi bem. Não triunfante, mas agitado o suficiente para que os componentes da banda passassem a estampar um sorriso imenso e cordial durante os cumprimentos de depois do concerto. Neste pequeno round de cervejas e tapinhas nas costas, alguns rostos familiares aparecem: Billy Duffy, do Cult, que mora em Los Angeles, surge brevemente e ameaça aparecer novamente amanhã no hotel. Bez e o baterista Gaz, do Happy Mondays (que estão gravando seu novo LP por aqui), conversam com Barney e Johnny, velhos amigos.

Mas de longe o mais estranho visitante é Mick Hucknall, do Simply Red. Ele entra discretamente nos bastidores. Sua frieza estudada fez poucos amigos entre seus contemporâneos de Manchester. Durante muito tempo, ninguém conversa com ele. Ninguém mesmo. Eventualmente Susan Bond (a assessora de imprensa dos Pet Shop Boys, altamente experiente) tenta abordá-lo. Ela retorna alguns minutos mais tarde enrubecida e balbucia, "este é o ser humano mais rude que eu já conheci!" Nada mal, ainda mais vindo de uma mulher que passou dez anos lidando com Bob Dylan!

Cult e Happy Mondays cruzam a estréia americana do Electronic: Os Mondays estão em L.A. gravando um novo LP e Ian Astbury quer conhecê-los. O repórter vai junto

Para mim e para o fotógrafo Cummins o dia seguinte se transformou em um giro quase surreal através dos exilados do rock britânico em Los Angeles. Algo entre o dia dos sonhos de um fanático pelo rock e uma séne de takes do Spinal Tap...

Ele começou cedo, com o sol ameno e a tranqüilidade da beira da piscina do hotel Le Mondrian, logo destruída por um rosnado ensurdecedor. O tumulto ambulante é Billy Duffy, mais sua Harley Davidson — cumprindo a promessa/ameaça de aparecer, feita na noite passada.

Com seu monstro cromado, sua cabeleira loira e tatuagem gigante, Duffy passa a clara impressão de ser o personagem principal de algum desenho animado sobre rock. Mas as aparências enganam. Brilhante, engraçado e afável, sua presença teve um efeito galvânico na beira da piscina, entre o pessoal já bronzeado de Manchester.

Donald Johnson não via Billy há dez anos, desde que eles eram rivais em bandas adversárias durante o pós-punk, em Wythenshawe. Igualmente, Johnny Marr conhecia Buly de tempos antigos, quando Marr era um menor abandonado tentando entrar em shows dos Buzzcocks. Enquanto a nostalgia da velha Manchester se intensificava, Marr de repente lembrou que o guitarrista do Cult esteve uma vez, por uma noite, em uma banda com Morrissey.

"É isso aí!", afirma Duffy entre gargalhadas alvoroçadas. "Foi na hoje lendária Band With No Name. Nós iamos abrir um show do Magazine. Precisávamos de um cantor e o Morrissey tinha acabado de perguntar se ele poderia entrar no grupo.

"Eu cruzei com ele por ali durante anos. Lembro que ele organizou uma campanha para que algumas músicas do New York Dolls fossem tocadas na rádio BBC 1. Vocês precisavam ver o Morrissey naquela época!", grita Duffy, antes de colocar suas mãos a cerca de 30 cm de cada um dos lados de sua cabeça. "Era deste tamanho!

Algum tempo depois que o Cult e os Smiths começaram a ter destaque, Ian Astbury e eu cruzamos com Morrissey na Wardour Street, em Londres. Ele atravessou a rua, pois assim não teria que nos cumprimentar. Cara estranho."

Deixando os banhistas com seus raios de sol, Donald Johnson, Cummins e eu aceitamos o convite de Billy Duffy e vamos até sua casa, recentemente adquirida na tranqüila Glendale. Billy está bem feliz no exílio (a Califórnia é agora o maior mercado consumidor do Cult), mas ele claramente sente falta da companhia de algum cara inglês. A caminho de Glendale, não se cansa de perguntar a respeito do que está acontecendo na Inglaterra. Diz que tem dificuldades para entender o mundo dos clubes, dos remixes dançáveis e das pistas de dança. Mas calcula que Ian Astbury esteja totalmente por dentro das agitações de Manchester.

A nova casa de Billy Duffy reforça a fama de gigantes do rock de arena, conquistada pelo Cult: é escadaria que não acaba mais. Em torno dela, além da Harley, estão estacionados um jipe e um Range Rover preto.

A piscina, nos conta Billy, está precisando de uma reconstrução urgente. Em sua sala de estar há uma TV do tamanho de um fusca (seu programa predileto é qualquer coisa que se pareça com *O Mundo Animal*). Próximo ao confortável sofá há uma pilha de revistas *Life*, todas dos anos 60 e com a capa sobre o Vietnã. Ele nos prepara uma xícara de chá inglês, se acalma e entra numa conversa nostálgica com Donald e Kevin.

Antes que você possa dizer "Southern Death Cult", o telefone toca. Billy atende, diz "alô", ouve, tapa com uma mão o bocal e sorri para nós: "É o Lorde das Trevas!" Retomando para a ligação, ele começa: "E aí, chefe, como estamos indo?"

"Chefe" — "O Lorde das Trevas" — é o *frontman* do Cult, Ian Astbury. Ele mora em Toronto atualmente, mas tem passado os últimos dois meses escondido em algum hotel escandaloso de Los Angeles, alucinando com seus planos malucos e secretíssimos (mais tarde, se saberia: Ian estava planejando o festival Gathering Of The Tribes, que rolou em outubro).

CONHEÇA OS 24 MODELOS DA NOVA LINHA DE ÁUDIO SHARP

A razão do telefonema é simples. Ian está obcecado com os Happy Mondays, depois de ver sua última apresentação em Los Angeles. Quer ir ao estúdio onde estão gravando seu disco e conhecê-los. Isso poderia se transformar em um grande momento do rock, bom demais para ser perdido. Nos deixamos Billy Duffy em casa e caímos de cabeça na noite. Billy afirmou que tinha muitas ligações telefônicas para fazer; mas, enquanto nós partíamos, eu poderia jurar que ouvi uivos de animais vindo daquela TV imensa...

Do lado de fora do esconderijo de Astbury, nós nos perguntamos se o dia poderia ficar ainda mais bizarro. Podia.

O líder do Cult sempre foi uma figura excêntrica, mas agora... Com sua barba de cobra, jeans boca-de-sino de denim, camisa de seda esvoaçante estilo flower-power e um lenço de cabeça combinando, seu visual é puro *sixties*. Em seu quarto de hotel, ele tem uns oitocentos CDs empilhados — quando entramos em seu covil, ele estava

Destaque Aqui

“Cheiramos uma, e eu convidei o Johnny para fazer um álbum”

ouvindo Rutles. Seu papo é totalmente L.A. Trata os maiores roqueiros da cidade pelo primeiro nome (Axl isso, Sebastian aquilo, Lenny blablablá). Mas debaixo daquela roupa absurda e da absoluta adoração pelo Guns N'Roses (“a única banda na porra do mundo inteiro que tem alguma integridade”) ele é engajado, e sedento de conhecimento. É também, como afirma sem hesitar, “o único músico politizado e militante da cidade”.

E como que para provar isto, conta os detalhes de um festival de rock para “despertar as consciências” que está na fase final de planejamento e promoção. “Eu já consegui confirmação do Guns N'Roses, do Public Enemy, Lenny Kravitz e toneladas de outros. Eu tentei conseguir os Stone Roses, mas o empresário — como é mesmo o nome do sujeito? — me pediu US$ 250 mil. Mandei ele ir se foder.”

E agora ele quer envolver o Happy Mondays. Mesmo se eles não puderem, ou não quiserem participar do concerto, Astbury diz que ficaria incrivelmente feliz de conhecê-los. Fomos então para a esquina entre Hollywood e Vine, onde os Mondays estão gravando o novo disco.

O prédio da Capitol é extraordinário. De forma circular e com uma imensa ponta em cima, o prédio foi construído nos anos 50 para parecer com um montão de discos dentro de uma jukebox. E, estranho, continua parecendo! No fundo dos intestinos da jukebox estão os Happy Mondays — acredite ou não, trabalhando duro. Nós chegamos tarde da noite, quando eles estavam arrumando suas coisas depois de doze horas de labuta. Gaz, Mark, Paul, Bez e os produtores Paul Oakenfold e Steve Osborne estavam reunidos na mesa do estúdio, revendo o que havia sido produzido no dia. E o resultado era bom, como na maioria dos dias que os Happy Mondays passaram neste estúdio. Durante as gravações, eles estabeleceram as bases de sete novas músicas.

Os Mondays ficaram superfelizes com a nossa aparição. Steve colocou o gravador para tocar as novas faixas. É difícil não ficar impressionado. Impossível. As melhores bandas do mundo passam às vezes por períodos especiais, quando tudo que fazem é excelente, quando eles suam e mijam e cagam ouro. Para os Happy Mondays, esse momento parece ser agora.

A embrionária “God's Cap” soa dura e tensa. Mas o que realmente sobressai é uma música cujo nome provisório é “Donovan”. Sua abertura estável dá lugar, de repente, a uma explosão de guitarras e baterias. Ela vai seguir a partir do ponto que “Wrote For Luck” parou. É boa a esse ponto.

“Isso é barra-limpa”, diz, entusiasmado, o então oscilante Astbury. “Realmente fucking bacana.” Quando nós chegamos, os Mondays não tinham a menor idéia sobre quem era o cabeludo embonecado. Mesmo depois das apresentações, estavam distantes e cautelosos. Agora a música — e o óbvio deleite de Ian com ela — havia quebrado o gelo. Ele tirou uma fotografia com cada membro da banda, uma criança em seu habitat. Enquanto isso, em Glendale, o pobre Billy Duffy não tinha a menor idéia de que o próximo LP do Cult vai se chamar *Boogie All The Weekend* (farrear a noite toda).

E o Electronic? É mesmo! Com toda essa excitação, eu quase havia me esquecido deles.

Na tarde do segundo show no Dodgers, em um balcão perto da piscina do hotel, Johnny Marr e Barney Sumner conversaram comigo sobre seu novo brinquedo. Mas com certa precaução. Depois de três anos de silêncio monástico, Marr ainda não está exatamente pronto para revelar tudo que se passa com ele. Ele estará, afirma, quando o LP estiver gravado. Enquanto isso, Marr preserva o seu espaço. Barney está apenas sendo Barney, ligeiramente desconfiado. Assim, nós partimos do básico.

Como você e Marr resolveram fazer o Electronic?

“Essa história é chatemma”, diz Barney, encolhendo os ombros.

‘Curto e grosso”, oferece um bem-humorado Johnny, “alguns anos atrás Andrew Barry me contou que Barney era legal, um cara jounha. Nós topamos um com o outro em Manchester, em clubes como o Hacienda e tal. Nosso primeiro encontro foi meramente social, como amigos. No final da tour americana que o New Order fez com o Echo And The Bunnymen, em 87, esquemamos de sair e nos encontrarmos...

“Nós estávamos na toalete”, interrompe Sumner, “cheirando uma, e eu perguntei para Johnny se ele não queria fazer um álbum. Ele disse que sim.” “Foi irônico”, continua Marr. “Justamente depois disso, o Peter Hook me perguntou se eu queria trabalhar com ele. Eu tive de dizer ‘desculpe, mas o Barney já está na fila’. Logo depois o Hooky começou a me atacar em entrevistas, dizer que o meu trabalho era um lixo. Fiquei pensando, ‘pô, você mudou rápido de opinião’...”

Por que vocês formaram o Electronic?

Johnny: “Nós dois estamos em grupos legais. Eu sou um grande fã tanto do The The quanto do New Order — e o Electronic é o caminho para que a gente consiga gravar fora desses grupos legais.”

Barney: “Nós estamos tentando romper com todas as restrições que esses grupos nos impõem.”

J: “No papel, eu sei que isto parece algo superplanejado, mas na verdade é justamente o oposto: apenas dois caras de Manchester fazendo discos juntos. Dois colegas que gostam de fazer dance music pura ou rock sombrio e interessante.”

B: “A idéia é a seguinte: nós não usamos muito equipamento, e o que nos usamos podemos alugar. Assim, se alguém convida a gente para fazer um concerto em algum lugar interessante, como... Iraque, por exemplo, nós simplesmente voamos até lá e fazemos o show”.

Os ataques mais comuns desferidos contra o Electronic são de ser apenas um hobby de riquinhos ou um “supergrupo”.

J: “Bem, eu admito que isso parece com um supergrupo. Mas eu fico repetindo para mim mesmo, a verdadeira história é só que dois colegas que se vêem muito resolveram fazer discos. Mais precisamente, é um projeto idealista. Nossa única regra é fazer bons discos”.

B: “Hooky e eu estamos realizando algo fora de nosso grupo habitual e estamos sendo acusados de estarmos apenas desenvolvendo hobbies. Mas a realidade é que quando eu comecei no Joy Division, tocar era apenas um hobby. E eu quero que minha música volte a ser um hobby, não tão pesada e séria, não tão integrada com a indústria. De verdade! Assim, quando eu volto para o New Order, estou mais relaxado, menos possessivo com as músicas”.

A SHARP VIRA MAIS UMA PAGINA NA HISTÓRIA DO ÁUDIO
SHARP

Para Marr, o Electronic é uma nova entrada, uma volta à fama, ao contato com o público, uma nova força criativa. Para Sumner o grupo é uma saída, embora temporária, do New Order. Mas por que essa necessidade de escapar?

“Absolutamente tudo no New Order”, inicia ele, escolhendo as palavras cuidadosamente, “ é negociado. Eu quero fazer algo em que tenha de me comprometer menos. Um grupo é uma coisa democrática, e eu quero algo menos democrático.” Ele olha para cima e, com um sorriso endiabrado, conclui: “Estou voltando às minhas raízes fascistas, entende?”

Por volta de agosto do ano passado, eu vi o último show da tour do New Order pelos EUA, em Nova York. Barney parecia cansado, doente e descontente com a coisa toda.

“Nós estávamos de saco cheio uns dos outros naquela época”, ele afirma. “O resultado disso é que eu nunca mais farei uma tour como aquela de novo.”

“O New Order”, Johnny entra na conversa, “teve perspicácia. No final dessa tour eles resolveram dar um tempo para ajudar o grupo a sobreviver. Se os Smiths tivessem me dado ao menos duas semanas de folga, acredito que estaríamos juntos até hoje.”

“No New Order”, continua Barney, já cansado, “nos costumávamos ensaiar toda segunda, quarta e sexta. Eu ia para a sala de ensaio no domingo, para escrever coisas, e dormia lá. Daí eu acordava na segunda-feira e começava a ensaiar de novo. Daí passei a ficar... um pouco... deprimido. A nossa sala de ensaios se transformou num verdadeiro cemitério! Eu não estava agüentando mais. Depois da última tour do New Order eu cheguei à conclusão de que o rock é bobagem. O rock é impressionante, mas não é sério. E o Electronic é a minha forma de não levá-lo a sério.”

Como vocês querem que o Electronic soe?

B: “Menos acústico...mais vazio...mais sintético...mais dançável”.

J:“O que eu não gosto no New Order são as melodias dançáveis italianas. Para mim, como fã, ‘Round & Round’ e ‘Mister Disco’, do *Technique*, são totalmente New Order. Aliás, a primeira coisa que eu e Barney escrevemos juntos foi uma música totalmente eletrônica, ‘Sun’. Eu gosto muito da disco music do final dos anos 70, aquelas melodias eurodisco. O Barney ficou realmente surpreso com os meus gostos. Conta para ele como você pensou que a minha casa fosse. Vamos, Barney”

B: “Antes de entrar lá, sempre pensei que a casa de Johnny fosse lotada de cinzeiros em forma de guitarras, gavetas cheias de pequenos teclados e pinturas do Elvis pelas paredes!”

J: “Pô, valeu, Barney! Mas eu fiquei igualmente surpreso ao descobrir que ele gostava de alguns dos mais antigos singles dos Stones — estranhamente, os mesmos que o Morrissey gosta — e de algumas coisas velhas pesadonas do Fleetwood Mac, na fase Peter Green. Foi uma surpresa enorme”

Apesar de Barney, antes do show, ficar detido sem realizar qualquer movimento no camarim, reclamando sem parar do cansaço, da doença e de tudo mais, a segunda apresentação do Electronic no Dodgers Stadium superou de longe a primeira. No final do concerto, nós conseguimos solucionar alguns dos mistérios que nos perturbavam há três dias.

Nós sabemos agora que o Electronic é

um trabalho de equipe; nem Sumner nem Marr estão tentando aparecer. Sabemos que sua música é um amálgama de *disco* e rock, ainda basicamente melódica, mas pulsante também. Sabemos o que *Technique* já havia deixado claro: que tanto as letras de [illegible] "Get The Message", por exemplo) quanto a sua forma de cantar melhoraram muito mais do que era de se esperar. E sabemos que, por causa de todas essas coisas, o Electronic faz um som particular, único.

E esta noite este som parece incrível — a não ser, claro, no palco. Barney está completamente deprimido. Tanto que, quando os Pet Shop Boys apareceram no palco (compreensivelmente nervosos — essa é apenas a oitava apresentação de toda a vida [illegible] encolhido e irritado, que os encorajou com as seguintes palavras: "Essa é a experiência mais terrível de minha vida".

Ele está errado. Hoje à noite o Electronic está fabuloso, e, durante "Getting Away With It" (o que mais?), houve um momento para

SHARP

ser saboreado para sempre. No exato momento em que Barney canta "I've been walking in the rain/trying to get wet on purpose" (eu venho andando na chuva/tentando me molhar de propósito), gotas de chuva entram no estádio, vindas de um céu californiano aparentemente sem nuvens. Foram apenas algumas gotas pequenas, mas foi também um sinal. Um sinal de que com essa música, nesta noite, há (literalmente) mágica no ar.

Quando o show acabou houve lamentos e recriminações. Eles são desnecessários. O importante é que quem estava do lado certo do palco — nós, o público — adorou o show e ficou com água na boca, à espera do lançamento do LP.

Até lá, evidentemente, o juri não dará seu veredito sobre o Electronic. Sumner e Marr colocaram em jogo suas reputações. Se eles falharem, haverá uma imensa fila rodeando o clube Hacienda, em Manchester para dançar sobre suas sepulturas artísticas. Talento puro e simples e sucesso fenomenal sempre geram uma quantidade incrível de ciúme e inveja.

Assim, o Electronic é um jogo para Sumner e Marr, com certeza. Um jogo que, contudo, pode muito bem (a julgar por esses dois concertos inesquecíveis) possibilitar aos "dois colegas de Manchester" se safarem com mais essa ousadia — como, afinal, reza o título de "Getting Away With It".

DANNY KELLY

"Esse concerto é a experiência mais terrível de minha vida"

BARNEY

Kevin Cummins - Retna

Madonna

the IMMACULATE COLLECTION

incluíndo duas músicas inéditas*

Like A Virgin
Material Girl
Crazy For You
Into The Groove
Live To Tell
Papa Don't Preach
Open Your Heart
La Isla Bonita
Like A Prayer
Express Yourself
Rescue Me

JÁ A VENDA
EM CD, LP & K7

COBRAS CRIADAS

STEVE VAI

O "galã" David Coverdale e o virtuose Steve Vai falam da vida em uma das maiores bandas de heavy do mundo

Adorei o Brasil. Sexo é o passatempo nacional do país, e eu me aproveitei disso.

David Coverdale não quer mais parar de falar. O Rock in Rio está, sem dúvida, entre suas lembranças mais ardentes. "Foi maravilhoso, dez dias no paraíso! Eu não queria ter saído de lá. O público foi magnífico. Adoraria voltar ao Brasil. Ainda me lembro daquela cantora que estava sempre grávida. O marido dela era o Joe Satriani brasileiro!"

A grávida e o Satriani — ou melhor, Baby Consuelo e Pepeu Gomes — foram duas das atrações brasileiras que se apresentaram antes do Whitesnake, em 11 de janeiro de 85, primeiro dia do Rock in Rio. A banda de Coverdale ainda tocaria uma segunda vez, oito dias depois — na chamada "noite do heavy metal" ao lado de Ozzy Osbourne, Scorpions e AC/DC.

Foi um dos raros casos em que um grupo internacional tocou no Brasil antes de estourar mundialmente. Em 85, o Whitesnake ainda era um ilustre desconhecido nos Estados Unidos — embora gozasse de grande popularidade entre os ingleses. Só dois anos depois o grupo se firmaria no mercado americano.

Durante muito tempo, David Coverdale contentou-se em cantar frente a um público de pouco mais de uma centena de pessoas — como vocalista do grupo Government. Em 72, fez um teste e ganhou o posto antes ocupado por Ian Gillan no Deep Purple. Logo no primeiro show, enfrentou uma plateia de vinte mil pessoas.

Depois de liderar por quatro anos um dos

DAVID COVERDALE

A cima, a primeira formação: Marsden, Johnson, Moody, Coverdale, Dowle e Murray.

grupos de heavy metal mais populares dos anos 70, Coverdale brigou com os colegas e abandonou o barco. Era o fim do Deep Purple — até 84, quando o grupo voltou à carga, novamente com Gillan nos vocais.

A carreira solo de Coverdale não durou muito: foram apenas dois LPs, *White Snake* e *North Winds*. Para montar uma nova banda, não teve problemas: reuniu os músicos que já estavam tocando com ele e tomou emprestado o nome de seu primeiro LP solo. Daí para a frente, as mudanças de formação foram constantes — o que acabou caracterizando o Whitesnake como "a banda de Coverdale", mais acompanhantes.

No ano passado, a extensa lista dos músicos que já acompanharam o vocalista passou a abrigar um nome ilustre: Steve Vai, guitarrista que tem no currículo trabalhos com Frank Zappa, PIL, Alcatrazz (onde substituiu Yngwie Malmsteen) e Dave Lee Roth, além de dois discos solo. Era um reforço e tanto para uma banda que tentava escalar os degraus do estrelato pela segunda vez, com o lançamento do álbum *Slip Of The Tongue*.

Um dia antes de subir ao palco e tocarem para setenta mil pessoas, Steve Vai e David Coverdale concederam duas entrevistas exclusivas para a BIZZ. Algumas horas depois, eles seriam a principal atração do festival Monsters Of Rock, em Castle Donnington, Inglaterra.

DAVID COVERDALE
O DONO DA COBRA

"Bom dia", diz David Coverdale em português, ao entrar em sua suíte no Mayfair Hotel de Londres, onde eu o espero. Loiro e bronzeado, ele senta, pede ao seu assistente uma água mineral, e confessa seu nervosismo com o show do dia seguinte. "Não vou conseguir dormir hoje à noite! Às vezes acho que nem vou conseguir fazer um show, e acabo fazendo um dos melhores da minha carreira. Sou eu mesmo quem cria essa ansiedade, acho."

A mais recente troca de guitarristas no Whitesnake deu motivos suficientes para que o vocalista ficasse ansioso. Coverdale explica como Adrian Vandenberg teve de ser substituído na última hora, após distender os tendões de sua mão fazendo exercícios especiais para pianistas. "O Steve estava na minha cabeça desde que assisti ao filme *Crossroads (A Encruzilhada)*, em 85. *(Steve Vai aparece no final do filme, num duelo de guitarra com o personagem interpretado por Ralph Macchio)*. Mas ele estava tocando com o Dave Lee Roth e, segundo os boatos, ganhando bastante dinheiro. Tudo o que eu tinha a oferecer era muita diversão."

Vai havia acabado de gravar seu segundo álbum solo, *Passion And Warfare*, quando recebeu o convite para ser o novo guitarrista do Whitesnake — que, em 89, tinha bem mais a oferecer além de simples diversão. Algumas publicações especializadas gritaram: o que estaria um rapaz talentoso como Steve fazendo ao lado de medíocres metaleiros? Será que ele não havia ganhado dinheiro suficiente com Dave Lee Roth?

As paradas responderam da maneira mais irônica possível. *Slip Of The Tongue*, o novo álbum do Whitesnake, e *Passion And Warfare*, o disco solo de Vai, teriam um desempenho praticamente idêntico: ambos chegaram ao décimo lugar nos Estados Unidos, para despencarem logo em seguida. Uma performance brilhante para um LP instrumental — o último a realizar a façanha foi Jeff Beck, em 76 —, mas decepcionante para um monstro do heavy metal.

Quando toco no assunto, o dono da "cobra branca" desconversa. "É um bom disco, e está vendendo bem, ao contrário do que as pessoas andam dizendo. Há sombra e luz... músicas mais rápidas, e outras mais reflexivas, como 'Sailing Ships', 'Now You're Gone' e 'The Deeper The Love'."

"The Deeper..." foi, segundo o próprio vocalista, concebida como uma nova versão de "Is This Love" — a balada responsável pelo crossover da banda em 87. Mas nem o próprio vocalista esperava repetir a façanha. Para Coverdale, são duas épocas bem distintas. "Hoje, o clima não está propício, em termos de mídia e apoio de gravadoras. Tenho pena das bandas que estejam querendo promover heavy metal e hard rock hoje em dia. Não é como no final dos anos 80, quando qualquer banda de bar de LA conseguia um contrato. Bastava se vestirem como prostitutas!" *(risos)*.

Ao lado do rap, o heavy metal tem sido uma das maiores vítimas da nova ofensiva da censura na terra de George Bush. "A última vez que ouvi falar de algo assim foi nos anos 30, quando os alemães estavam se vestindo de marrom e queimando livros. Essa onda de censura é obscena. Cabe ao indivíduo julgar o que é pornográfico ou não. Um artista deve ter o direito de se expressar."

Outro adversário do heavy metal — ao menos nas paradas — é a dance music. "É preciso que os grupos de rock de qualidade voltem a entusiasmar o público americano, esse público que anda empolgado com coisas como Paula Abdul e Janet Jackson... Os meus preferidos, hoje, são Faith No More, Poison, Quireboys, Guns N'Roses e Aerosmith."

STEVE VAI
LOUCO PELA GUITARRA

"O que eu toco com o Whitesnake é simples, comparado com outros trabalhos meus. Mas a música deles tem uma certa integridade dentro do cenário do heavy metal." Steve Vai é um cara tranquilo, de voz pausada e maneiras gentis. A aparente contradição que ataca a sua carreira — sempre dividida entre o músico de estúdio e o astro de rock n'roll — não parece preocupá-lo. "Um dia, serei apenas um músico. Mas, no momento, acho bem divertido sair por aí tocando simples canções de rock no palco."

No final do ano passado, a versatilidade de Vai esteve à prova em dois trabalhos distintos: o álbum do Whitesnake e o seu segundo solo, *Passion And Warfare*. (O primeiro, *Flex-Able*, foi lançado em 80, sem nenhuma repercussão). Segundo Steve, lançar *Passion...* era "uma necessidade física e espiritual. Eu precisava me expressar através daquele tipo de música que não é

FICHA COMPLETA

O Whitesnake lançou seu primeiro LP em 78. Em *Trouble*, Coverdale tinha a companhia de Mick Moody e Bernie Marsden nas guitarras, Dave Dowle na bateria, Neil Murray no baixo e Brian Johnson nos teclados. Já no ano seguinte, o grupo mudava de formação, assumindo o formato de um Deep Purple reformado. Com Jon Lord nos teclados e Ian Paice na bateria, lançaram *Lovehunter*, ainda em 79.

O grupo só começou a freqüentar os primeiros postos da parada britânica em 80, a partir do lançamento do compacto "Fool For Your Loving". Coverdale colocaria quatro LPs nos *charts* ingleses antes de reformular completamente o Whitesnake, em 82 — com a entrada de Mel Galley (guitarra), Colin Hodgkinson (baixo) e Cozy Powell (bateria). *Slide It In*, álbum de 84, contou ainda com o guitarrista John Sykes, ex-Thin Lizzy.

Foi na turnê mundial que se seguiu que o grupo veio ao Rock In Rio — substituindo na última hora o Def Leppard, cujo baterista perdera o braço direito em um acidente de carro, no final de 84. O Whitesnake tocou na cidade do rock com John Sykes na guitarra, Neil Murray no baixo e Cozy Powell na bateria. No LP seguinte, essa formação teria apenas uma alteração: a entrada de Aynsley Dunbar na bateria.

Whitesnake (87) marcou a entrada do grupo no rentável mercado do pop metal — que fana milionários, nesse mesmo ano, Bon Jovi, Motley Crue e o reformado Def Leppard. "Is This Love" e "Still Of The Night" foram os megahits que impulsionaram as vendas do LP — que chegaram à marca de dez milhões de cópias. Além das baladas xaroposas, o novo Whitesnake trouxe na bagagem regravações mais acessíveis de faixas dos seus LPs pré-megaestrelato e músicas com um nítido traço "zeppeliniano" — que levaram Robert Plant a acusar publicamente a banda de plágio.

Na excursão de 87/88, o Whitesnake já era outro, com Adrian Vandenberg na guitarra e os ex-Ozzy Osbourne Rudi Sarzo e Tommy Aldridge no baixo e bateria. Foram esses os músicos que entraram em estúdio para a gravação do álbum seguinte. Mas *Slip Of The Tongue*, lançado no final de 89, trazia uma grande surpresa: no lugar de Vandenberg, estava o virtuoso Steve Vai.

DISCOGRAFIA SELECIONADA

STEVE VAI
Com Frank Zappa
A trilogia *Shut Up N' Play Yer Guitar* (81)
Ship Arriving Too Late To Save A Drowning Witch (82)
Jazz From Hell (86)
Com o Public Image Ltd.
Album (86)
Com o Alcatrazz
Disturbin' The Peace (85)
Com Dave Lee Roth
Eat'em And Smile (86)
Skyscraper (87)
Com Whitesnake
Slip Of The Tongue (89)
Solo
Flex-Able (80)
Passion And Warfare (89)

DAVID COVERDALE
Com Deep Purple
Burn (74)
Solo
White Snake (77)
North Winds (78)
Com o Whitesnake
Ready An'Willing (80)
Slide It In (84)
Whitesnake (87)
Slip Of The Tongue (89)

SAIA DO SILÊNCIO

Foi inaugurada a nova filial da Acervo Discos. Lá você encontra um suplemento completo em CD, vinil, instrumentos e acessórios para músicos. Tem também discos exclusivos para os gostos mais variados.

Para quem está fora de São Paulo e não quer ficar fora dessa, é só enviar carta para

Av. Francisco Matarazzo, 494, Água Branca, CEP 05001 ou ligar para 703-0264/703-9236

Toda Arte Faz Parte

À direita, a grade do Rock in Rio (85). Abaixo, a formação mais recente, com Vai na guitarra. Ao lado, um flash do Whitesnake da turnê de 87/88, ainda com Campbell.

COVERDALE, MURRAY, SYKES

Jorge Rosenberg/Arya

Rafael Matos/JPN

VAN[illegible]LE, SARZO, ALDRIDGE, CAMPBELL

Paul Johnson

muito comum. O disco vai atingir algumas pessoas de maneira especial. Poderia ter feito algo mais comercial, mas não quis.

Querendo ou não, Vai acabou lançando um LP bastante "comercial", a julgar pelo que dizem os números da *Billboard* e *Cash Box*. "As rádios estão tocando o disco mais do que eu esperava, e ele está vendendo horrores!", comenta Vai, que não ignora a influência da sua atuação no Whitesnake sobre as vendas de *Passion*... "Oitenta por cento do público do Whitesnake vai comprar meu LP solo, acho que a musicalidade vai tomar conta de suas cabeças.

Outros prováveis compradores são os fãs de Dave Lee Roth — com quem Vai gravou *Eat Em And Smile* e *Skyscraper*. O guitarrista é cuidadoso ao falar de suas experiências com Dave. "Foi uma extravagância! Ele é mais teatral...eu adorei tocar para milhares de pessoas, todas gritando! Mas nessas situações, tudo está à sua disposição. Se você quiser usar a limusine para atravessar a rua, pode. É assustador se você entra nessa. Um dos problemas que enfrentei foi que comecei a perder o respeito pelas mulheres, porque estava rodeado delas, querendo apenas uma coisa. E não era porque me achassem atraente.

Antes de conquistar os fãs de heavy tocando com Alcatrazz, Roth e Coverdale. Se teve Vai havia construído uma sólida reputação no meio musical trabalhando com Frank Zappa — além de tocar, Vai encarregava-se de transcrever para o papel suas intrincadas composições. "Foi fabuloso tocar com ele. Mas também foi muito difícil porque eu tinha apenas dezenove anos quando comecei. O problema não era a música, mas sim o resto. Na primeira turnê eu parecia um garoto numa loja de brinquedos. Não comia direito, dormia com pessoas diferentes toda noite. Tudo isso me fez muito mal, e acabei entrando numa fase de grande depressão. Hoje, aprendi a controlar minha vida, e fiquei mais saudável.

Sua obsessão pela guitarra, porém, permanece imutável desde os treze anos, quando iniciou seus estudos com Joe Satriani — depois, eles prosseguiram na Berklee School. "A guitarra tem algo que você não encontra em nenhum outro instrumento. Você pode fazer amor com ela... pode ser bruto ou delicado.

A principal diversão de Steve, na adolescência, era trancar-se com o instrumento no quarto, e tocar de dez a quinze horas. "Fiquei totalmente neurótico. Enquanto comia com a mão direita, fazia exercícios com a esquerda! Só me permitia sair e fazer algo se tivesse tocado bem naquele dia. Eu não tomo drogas, só fumei um pouco quando era garoto. Minha droga é a guitarra.

Jimi Hendrix foi o principal responsável pelas primeiras viagens sensoriais de Steve. Outro dia, fui visitar o túmulo dele em Seattle. Comecei a pensar no impacto que ele teve na minha vida, e me senti muito especial. Mas depois percebi que muita gente deve se sentir assim. Ele tinha tudo: a coragem, a técnica, o *insight*, a imagem.

O que o futuro reserva para este guitarrista alto, magro, de cabelos ondulados e voz doce? (Não à toa, no dia seguinte, metade das jornalistas presentes se confessariam apaixonadas por Steve Vai...) "Depois dessa turnê do Whitesnake, vamos tirar um descanso bem merecido e pensar no futuro. Eu gosto do Whitesnake, mas a banda é de David Coverdale. Vamos ver... eu nunca planejo nada!"

ANAMARIA G. DE LEMOS

O MAIOR FENÔMENO DA MÚSICA POP AMERICANA

EM LP K7 CD CBS

FRASES DAVID COVERDALE

"'Is This Love' foi feita originalmente para Tina Turner. Mas a letra tornou-se tão pessoal que decidi não oferecer para ela."

"Acho essa comparação entre o Whitesnake e o Led Zeppelin muito engraçada. De qualquer forma, é melhor do que ser comparado ao DuranDuran ou aos Monkees."

Se você quiser descobrir quem escreveu os dois primeiros álbuns do Led Zeppelin, ouça uma coletânea de Willie Dixon."

"Minhas parcerias me custaram muito da minha integridade, da minha carteira e tudo mais."

"O que eu gostaria de fazer dentro deste terrível contexto do heavy metal é introduzir um pouco mais de coração e alma no lugar do sangue e da maquiagem."

"Éramos cinco egomaníacos brigando para ser o centro das atenções." (sobre sua saída do Deep Purple)

"Gosto da sexualidade explícita do hard rock. É a única música que dá aos garotos uma espécie de terapia física e emocional."

"Wagner foi o primeiro autor de riffs de heavy metal. Celtos vindos do inferno!"

"A lenda do Deep Purple morreu quando eles reformaram a banda."

FRASES STEVE VAI

"Eu jejuei durante quatro dias para preparar a faixa 'For The Love Of God'. Foi extremamente doloroso, mas esse é o tipo de estado mental em que tenho de ficar para tocar."

"O que eu aprendi trabalhando com outras pessoas foi o que não devo fazer. A exceção foi Frank Zappa, que tem uma visão incrível."

"Cheguei num ponto onde escolho com quem trabalho. Há muitos *poseurs* por aí, pessoas que se equilibram nos seus sucessos passados."

John Lydon será a última pessoa a tentar tornar seu trabalho mais comercial. Não importa o que aconteça, ele é um Sex Pistol."

"Não tenho nada contra Dave Lee Roth. Eu sei como lidar com egos monstruosos. Já trabalhei com os maiores egos neste negócio."

"O sucesso está na cabeça do performer, quando ele está satisfeito com o que é e o que faz."

"Desde quando me lembro, sempre fui um cara de sucesso."

"Gosto de versatilidade em música. Posso tocar todas aquelas pequenas notas estranhas com a banda de Frank Zappa, ou soar como um cara rock n roll com Dave Lee Roth."

"O que se ouve no rádio tem um impacto na sociedade em vários níveis. Influencia o modo como nos sentimos em relação ao meio ambiente, crime, amor."

SHOPPING

COS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS DISCOS INSTRUMENTOS ACESSÓRIOS

Agora você compra os melhores instrumentos musicais e acessórios sem precisar ir até à melhor loja de instrumentos musicais e acessórios.

VENDAS POR REEMBOLSO POSTAL GANG.

QUERO RECEBER, SEM QUALQUER CUSTO, O CATÁLOGO GANG DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS, NACIONAIS E IMPORTADOS.

NOME:

END.:

CEP:

CIDADE EST.

GANG

PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM.

RUA TEODORO SAMPAIO, 826

CEP 05405 • Pinheiros • São Paulo – SP

TELS.: (011) 883-1673 E 881-7619

Correspondências Para Cx. Postal 41508 – CEP 05499

EMERGENCY

COMÉRCIO EXTERIOR LTDA

CONHEÇA NOSSA LINHA DE EQUIPAMENTOS, ILUMINAÇÃO, ACESSÓRIOS E DISCOS IMPORTADOS

- PROJETOR SONY 1041 C
- ALTO-FALANTES JBL
- TD TECHNICS SL P 1200 MK II CD PLAYER
- TD TECHNICS SL 1200 E /SL 1210 MK II
- CÁPSULAS PAGLIANI STANTON
- MIXERS DIVERSOS
- LINHA COMPLETA DE ILUMINAÇÃO
- DISCOS (FRANÇA, ITÁLIA, ALEMANHA, INGLATERRA, ESPANHA, ETC.)

VENDEMOS NESTA OCASIÃO TENHA COMPLETA DISCOTECA PARA FESTAS E BAILES PROFISSIONAL

FORNECEMOS PARA TODO O BRASIL

ESCRITÓRIO E VENDAS:

RUA JOAQUIM NABUCO, 1695 / 1743

CEP 04521 - BROOKLIN SÃO PAULO - SP

TEL. (011) 241-4752 / FAX (011) 241-4752

SEJA SÓCIO DO NOSSO CLUBE DO DISCO

Com mais de 100 mil LPs, 10 mil CDs, videos, revistas e livros de música, cinema e teatro.

SEBO DE ELITE

O CLUBE DO DISCO

Compra, venda, troca e aluguel

Discos/CDs/Videos/Livros/Revistas

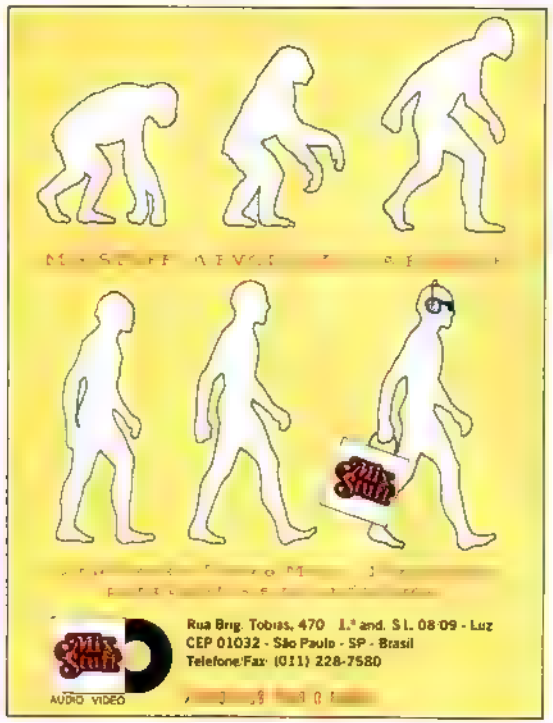
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL.

Rua Lisboa, 45 - Jd. América - CEP 05413

Fone: (011) 852 3506 - São Paulo - SP

Rua Chamantá, 1157 - Pq. Mooca CEP 03127

Fone: (011) 215-8294 - São Paulo - SP



Mix Stuff

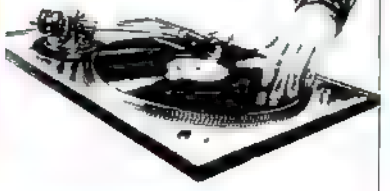
AUDIO VIDEO

Rua Brig. Tobias, 470 1.º and. S.L. 08/09 - Luz

CEP 01032 - São Paulo - SP - Brasil

Telefone/Fax: (011) 228-7580

DJ SHOPPING



A LOJA DOS DISC-JOCKEYS

Os últimos lançamentos da Europa e Estados Unidos em disco e compact disc.

Acessórios e cursos para disc-jocheys

Ouça estes lançamentos por telefone e receba via Sedex, exceto capital de SP

Atendemos DJ's, casas noturnas e rádios de todo o Brasil.

Av. Paulista, 2001 - SBL 28 - SP - Capital

Tels.: (011) 251-3239 289-3752 Fax: (011) 288-2877

COMPRE O QUE QUISER E RECEBA COM TODA A GARANTIA EM SUA CASA, COMO NUM PASSE DE MÁGICA!

Shopostal

Instrumentos musicais, amplificadores, completa linha de acessórios e componentes, nacionais e importados. ENTREGAS EM TODO O BRASIL

Preencha o cupom ao lado e receba, sem compromisso um catálogo completo com centenas de informações

CASO PREFERIR FAÇA SUA CONSULTA PELO TELEFONE ABAIXO!

Sucesso Musical Ltda.

AV. REBOUÇAS, 2157 - CEP 05401

SÃO PAULO - SP FONE (011) 883-0299

SIM, DESEJO RECEBER GRATUITAMENTE O CATÁLOGO GERAL DE INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS PARA ESCOLHA DO QUE ME INTERESSAR

NOME

END. FONE

CIDADE EST. CEP

BOSSA NOVA DISCOS - our favorite shop

nacionais, importados

Cd's, fora de catálogo

jornais e revistas (Nac/Imp)

camisetas. TEL (011) 258-3963

R. Barão de Itapetininga, 267 - Lj. 12

ENVIAMOS VIA SEDEX

PEGADINHA DE VESTIBULAR: A CAPITAL DA AUSTRÁLIA É SIDNEY OU MELBOURNE?

Nenhuma das duas. A capital da Austrália é Camberra.
Para não cair em pegadinhas e conhecer melhor esse e outros assuntos, não perca o Fovest-91, um encarte especial da Folha com tudo sobre os vestibulares.
O Fovest circula toda 2.ª e 4.ª trazendo exercícios e testes comentados, simulados, dicas, cursos, datas e locais de inscrição.
Com o Fovest-91 fica fácil acertar o X da questão.

CONCURSO
fovest
PEGA
Levi's

Agora, rachar nos estudos também dá prêmio. É o concurso FOVEST — PEGA LEVI'S.
Para participar é muito fácil. De 5 de novembro a 10 de dezembro, você encontra no FOVEST uma prova simulada identificada pelo selo do concurso
Aí é só resolver as questões e entregar a prova numa loja Levi's. As 10 melhores vão ganhar prêmios incríveis
Participe!

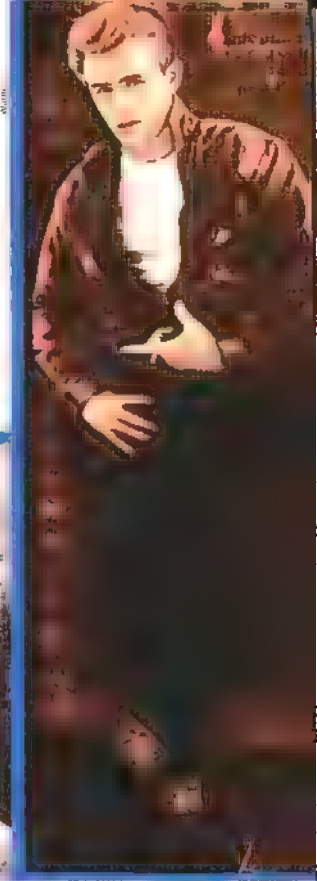
fovest-91
Toda 2ª e 4ª
na
FOLHA DE S.PAULO

Propaganda

ESTILO BIZZ

Levi's A HISTÓRIA DO JEANS COMEÇA AQUI.

JEANS & CAMISETA



Marlon Brando não revolucionou apenas métodos de interpretação acrescentando gaguejos e resmungos para dar um toque de realismo aos papéis que interpretava. Ele foi também o protagonista da introdução de um novo estilo que encontraria sua melhor expressão no terreno do rock'n'roll: jeans e camiseta.

Como líder de uma gangue em *O Selvagem (The Wild One)*, de Lazlo Benedek, Brando desafiava o bom-mocismo hollywoodiano pilotando uma motocicleta envenenada, fazendo cara de *bad boy* e ostentando orgulhosamente seus jeans. O clássico do cinema de 1954 fez com que a classe média norte-americana assimilasse o uso do jeans, antes peça oficial do guarda-roupa de presidiários e do operariado da terra de Tio Sam. Os artões da Segunda Guerra o adotaram como símbolo de rebeldia e contestação: quem não usasse o clássico modelo *five-pockets* não poderia fazer parte da gangue.

Um ano depois, enquanto Chuck Berry invadia as paradas da Billboard, um rapaz de olhar perdido incendiava as telas e conquistava a platéia juvenil. Em *Juventude Transviada (Rebel Without A Cause)* de Nicholas Ray James Dean ditava um novo estilo de pensar e de viver. No corpo, o velho jeans de Brando associado a uma despojada camiseta branca: combinação imbatível que temperaria quarenta anos de história da cultura pop.

ESTILO BIZZ

A OUSADIA COMEÇA AQUI.

Levi's

Na década de 60, Bob Dylan e suas canções de protesto tinham dois companheiros inseparáveis: o violão e o jeans. Trinta anos depois, agora sob o status de lenda, Dylan ainda cultiva hábitos antigos. Quem teve a oportunidade de vê-lo em sua passagem pelo solo tropical, no início de 90, percebeu que o velho roqueiro não abriu mão do velho companheiro de guerra — acompanhado de outro elemento básico do guarda-roupa roqueiro, a clássica jaqueta de couro.

Os jeans bordados e com aplicações de flores que faziam a festa dos hippies contemporâneos a Dylan foram devidamente aposentados pelo movimento punk, na segunda metade dos anos 70. Flores e lamês foram substituídos por tachas e correntes pregadas às calças rasgadas e justíssimas. Em Nova York, os Ramones davam a largada com suas apresentações no clube CBGB vestindo jeans, naturalmente. Enquanto isso, o pai de todos — Iggy Pop, que antecipara o movimento punk na época dos Stooges — seguia em carreira solo, sempre acompanhado de jeans e camiseta.

Líderes da *new wave of heavy metal* inglesa, os rapazes do Iron Maiden fugiram dos padrões de vários dinossauros do heavy metal. As batas coloridas de Ozzy Osbourne foram trocadas pelos jeans e camisetas, mais *clean* e nem por isso, menos agressivos.

Como fórmula de rejuvenescimento, a dupla sempre mostrou bons resultados. Até mesmo Tina Turner, adepta confessa das minissaias, não resistiu ao apelo do uniforme número 1 do rock envolvendo as famosas pernas na calça azul e desbotada.

Levi's

O SONHO COMEÇA AQUI.

Here,

SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO

there

NEW YORK • TOKYO • BERLIN • MOSCOW • PARIS • MILAN • ROME
SAN FRANCISCO • LONDON • SYDNEY • AMSTERDAM • MADRID

and

everywhere.

OU VOCÊ ESTÁ DENTRO DE UMA LEVI'S 501
OU ESTÁ FORA DO MUNDO

Levi's 501

IMPORTED FROM USA

Marcelo Fiuzinha Azul

Reginaldo Onyx Silva

Bruce Springsteen tirou proveito máximo do estilo rocker. Além de constituir um elemento básico no seu personagem eternamente identificado com a classe trabalhadora norte-americana, as duas peças caíram como uma luva na imagem de sex simbol que lhe conferiu o megaestrelato. A calça, justa, salientando um dos bumbuns mais cobiçados do rock nos anos 80; a camiseta, sempre de mangas curtas, deixando à mostra os músculos conseguidos à custa de muita malhação. A capa de *Born In The U.S.A* não deixava qualquer dúvida — as duas peças, ostentadas pelo cantor numa pose de costas, são uma apresentação muito mais forte do que qualquer foto em close do Chefão.

No rock nacional, a postura irreverente de Cazuza — especialmente na fase pré-"Ideologia" — não poderia dispensar a malha fina e o brim malhado, companhias constantes desde os tempos do Barão Vermelho. Estrela solitária num meio majoritariamente masculino, Marina tomou emprestado o estilo jeans/camiseta, complemento perfeito para quem pretende assumir uma postura cool.

Até a próxima virada de século, muitos estilos surgirão para serem, em seguida, colocados de lado. O difícil é imaginar que, um dia, o jeans e a camiseta possam vir a ser esquecidos.

Keth Joe

Cláudia Dantas Azul

A EMOÇÃO COMEÇA AQUI.
levi's®

REGIANE

Uma voz sublime no berço do rock brasileiro

Tenho uma "teoria" abominável que estabelece a existência de povos que cantam e povos que não sabem cantar. O Brasil, mesmo com sua música popular exuberante, riquíssima, e com seus compositores e músicos extraordinários, tem um povo que não canta.

Uma dessas raras vozes brasileiras privilegiadas pertenceu, surpreendentemente, a uma cantora de rock, dos primórdios do rock brasileiro, Regina Célia Belloch, a incrível Regiane.

No final dos anos 50, grupos de jovens nos centros urbanos brasileiros aventurescamente cultivavam o rock do jeito como ele chegava de fora, no seu estado puro. Em São Paulo, um grupo superdotado de talento se concentrou no selo Young, subsidiário da Fermata, dirigido pelo DJ Miguel Vaccaro Neto, que entre outros méritos foi o primeiro a apresentar programas com discos importados, exclusivamente música jovem. Como radialista, Vaccaro foi uma espécie de Alan Freed brasileiro. Como produtor fonográfico, foi nosso Sam Phillips e Phil Spector, um faro certeiro para tudo que fosse novo e bom, progono de tantos projetos que se realizaram na nossa música. Imagino a entrevista fantástica que Vaccaro renderia. Na Young, sob as asas de Vaccaro, estiveram, entre outros, The Avalons, Demetrius, Nick Savoia, The Teenagers e Regiane.

Nos dois anos em que esteve ativa, Regiane gravou para a Young apenas oito músicas, oito peças impecáveis, e não mais precisou para ter sido a melhor de sua geração. Ressalte-se que as gravações da Young eram geralmente concebidas sob condições inferiores ao potencial do seu primoroso cast. Regiane superou as dificuldades, enfrentou o descabido preconceito da mídia e ganhou em 1960 o principal prêmio como revelação, o troféu Chico Viola, pela balada "I'm Yours". Também estrelou shows que abriam as atrações internacionais do Teatro Record, ao lado dos seus colegas da Young, sob produção e direção de Vaccaro Neto. Musicais como *Um Gaiato Em Nova York* apresentado na primeira parte do show de Johnny Restivo por intermédio desses shows. Regiane esteve em contato com astros como Neil Sedaka e Frankie Lymon.

Ouvir Regiane é sempre emocionante, puro deleite. A voz encantadora e calorosa, tem registro alto. A comparação mais próxima que consigo fazer é com a grande Timi Yuro; nos tons mais baixos lembra Helen Shapiro, e não fica devendo nada a nenhuma das duas. A comparação com Celly Campello, nossa rainha, é inevitável. Nada menos do que três das suas músicas foram gravadas também por Celly: "To Know Him Is To Love Him", "Frankie" e "Broken Hearted Melody"; possivelmente além de estarem trabalhando quase na mesma direção, exista uma "assessoria" para ambas, indicando as mesmas canções para serem gravadas.

As versões de Regiane são infinitamente superiores àquelas comedidas por Celly, sem nenhum demérito para esta, pois mesmo as gravações originais de Teddy Bears, Connie Francis e Sarah Vaughan não batem as covers de Regiane. Em "Broken Hearted Melody", um rock-calypso, Regiane beira a genialidade, brincando com o ritmo, dando uma aula de interpretação e balanço; em outra gravação "O Dio Mio", que apareceu no LP *The Beautiful Teenager* Regiane pulveriza o original da *darling* dos estúdios de Walt Disney, Annette Funicello. A voz versátil e maleável de Regiane podia ganhar ainda contornos rascantes e ásperos que a aproximavam do estilo de Wanda Jackson e Janis Martin, como em "Fallin'".

Em 1961 Regiane foi contratada pela Odeon, fato que poderia ser o impulso que a levaria a uma projeção nacional e talvez até a possível carreira internacional. Lamentavelmente, a gravação de "Emotions", cover do hit de Brenda Lee, foi tudo que a Odeon fez com Regiane, e nem sequer chegou a editá-la. Meses depois, Regiane abandonava o showbiz para sempre, encerrando precocemente a carreira e calando uma das melhores vozes brasileiras. Desmemoriados que somos, página virada, no Brasil, é página em branco. Onde estão os discos de Regiane, o tape de "Emotions", os registros dos shows da Record? Como todos os artistas que não deixam seguidores, ela foi única. O nível que propôs foi alto demais para que outros nem se importassem em superar, imitar ou igualar.

RENÉ FERRI

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Compactos Simples (78 RPM)

Fallin' / "To Know Him Is To Love Him" (Young, 59)
Frankie / "Tumbalov" (Young, 59)
I'm Yours / "Broken Hearted Melody" (Young, 60)

Compacto Duplo (EP)

The Beautiful Teenager (Young, 60)

Regiane aparece também na coletânea *Censurar Ninguém Se Atreve* editada no final de 89 pelo selo Wop Bop) com a música "Frankie", editado no final de 89.

A adorável Regiane em meados de 1959. Dois anos depois, sua

UM REVIVAL DOS ANOS 70 NO FUNK DE DIANA & BARRIE

Nos ultimos tempos, o funk dos 70 com um *groove* mais cru (James Brown, Kay-Gees, Ohio Players, Bobby Byrd, Roy Ayers, Fatback Band) ressurgiu através de diversos grupos, como Push, Brand New Heavies Soul II Soul (como em "Jazzie's Groove", "Get A Life" e "Fairplay") e a dupla Diana Brown & Barrie K Sharpe. Os dois primeiros desapareceram e o terceiro você já esta encomendando uma peruca de tanto ouvir falar

O quarto tem dois singles excelentes. Por volta de 1987, os dois estavam no Diana Brown & the Brothers, uma banda de quinze pessoas cuja especialidade era tocar covers de classicos funk dos 70. O grupo chegou até a excursionar com os JBs, a banda que acompanhou James Brown. Logo resolveram acabar com a história, conscientes das limitações de uma banda de covers.

Barrie K Sharpe, socio da Duffer of St. George, uma loja onde as roupas acompanham passo a passo as tendencias vestuárias dos clubes de Londres (ultimos itens em alta na Duffer são camisetas de times de futebol, como a brasileira, e as piratarias em cima do logo da Adidas), e Diana Brown, uma alucinada das pistas e dona de uma voz especial, enxugaram o formato e viraram um duo

Blind Faith', lançado em setembro de 1989, recebeu uma força de ninguém menos que Jazzie B no remix e na produção e automaticamente virou um sucesso nas pistas inglesas. Funky, com um refrão chamativo, melódico e soando intencionalmente velho, Diana & Barrie, junto com o Soul II Soul, meio que anteciparam toda a onda do funk e do *groove* mais lento (entre 98 e 107 bpm) que imperou em boa parte das pistas em 1990, pois naquele periodo discos geralmente habitavam a casa das 118 bpm para cima.

No fim do primeiro semestre deste ano saiu o segundo single, "Masterplan", em que a mesma trilha foi percorrida com destreza. O seu primeiro LP *Sun Worshippers*", acaba de sair e deve merecer uma conferida. O grande publico ainda não deu aquela força e começou a consumar enlouquecidamente Diana Brown & Barrie K Sharpe, assim como fizeram com Soul II Soul, Inner City e Black Box, que decolaram dos hits de clubes para as paradas mundiais. Talvez seja so questao de tempo.

PEQUENOS TRUQUES PARA UMA MIXAGEM SEM DOR

Acredito que a maioria dos leitores desta coluna saiba o que e bpm, mas com certeza a maioria dos leitores desta revista não. Então, para aqueles que não sabem aí vai a explicação, já que é um termo usado a torto e a direito: bpm significa "beats per minute", ou seja, batidas por minuto

E a unidade usada para se medir a "velocidade", o tempo de uma musica, contando quantas batidas a faixa em questão completa num minuto. Existe para facilitar o trabalho dos DJs que querem mixar bem duas faixas. Funciona assim: se você sabe que a bpm de "Oops Up", do Snap, é 103, e que o de "Vogue" da Madonna, é 116, já é obvio que não vai dar para mixar direitinho, os tempos são muito diferentes. Agora se você pegar "Loving You", do Massivo, as coisas são facilitadas; já que sua bpm é 100, é só ajustar um pouco os pitches dos toca-discos e *voila!* Você mixou, passou de uma faixa para outra sem dor nem cacotonia, ao melhor estilo de profissionais como Marcelo Mansur

TOP 5 HOJE
Brothers Gonna Work It Out"
Public Enemy
Playing With Fire" Age of Chance
Art Of Love" Art of Noise
Hear the Drummer Get Wicked"
Chad Jackson
Critical Rhythm" Network

Dos tempos em que dançava break na estação de metro São Bento até discotecar na US Beef Rock, o atual ponto de fim de semana de quase 1500 sorridentes jovens de classe média-alta de São Paulo, Mauricio Bischain, 22, já passou mais de cinco anos em contato com as pick-ups. Entre varios lugares, discotecou no Walkabout, Malícia, QG e Madame Satã. Neste ultimo, chegou a trabalhar sob uma chuva de latas de cerveja e vaias ao tentar animar com funk um publico ainda hipnotizado por Bauhaus e Cure No final, o funk venceu.

Mauricio agora se dedica bastante ao estudio, onde junto com alguns vocalistas e DJs amigos esta trabalhando no 3 Love, um grupo cujo som sera resultado das influências de todos: de house a musica brasileira. "A ideia principal é se divertir O que vier alem disso é lucro. Mauricio está na US Beef Rock (Rua Estados Unidos, 1626) de quarta a sabado (a partir das 11) e aos domingos (16 às 22).

Dancin Days" **Freneticas** (1978)

Não há como negar a importancia e a qualidade desta faixa, a resposta brasileira à disco music, que dominava o mundo de então. Com raras, raras mesmo, exceções, o pop brasileiro conseguiu lançar um produto que não fizesse feio frente ao equivalente original. Este é um caso.

Tema da novela homônima, essa faixa, produzida por Lima, oferece algo em torno de quatro minutos de puro êxtase e prazer *disco* com seu rico arranjo instrumental, balanço incontrolável, melodia adesiva e aquelas quatro frases maravilhosas (e atualissimas) que até hoje moram na cabeça de boa parte dos brasileiros. "Abra suas asas/solte suas feras/caia na gandaia/entre nessa festa" A musica está no LP *As Freneticas* do mesmo ano.

Adamski "Space Jungle"

Se você já tinha achado "Killer" o maximo, vai ficar realmente incomodado quando ouvir esse novo hit, que estará no seu próximo LP House com uma forte levada country, sendo também, por mais que não soe uma cover de "All Shook Up do obscuro cantor americano Elvis Presley

De La Soul & Queen Latifah "Mama Gave Birth To The Soul Children (remix)

Uma versão radicalmente nova, uma opção tão forte quanto os outros bons remixes que essa musica já sofreu. Perfeito para nao enjoar

DNA "La Serenissima

Existem outras formas de vida depois de um remix Soul II Soul de Suzanne Vega. Uma delas está aqui numa faixa que aproveita tanto a sonoridade tecno como o formato instrumental na linha ambient house

Betty Boo "Where Are You Baby?

Adorável e alucinada, Boo mergulha mais fundo na sua viagem pop 60, produzindo uma chacoalhante faixa que não soaria deslocada num LP dos B-52's.

Jungle Brothers "Doin' Our Own Dang"

Ao que parece "Dang" é uma corruptelissima de "thing" (coisa). Nesse excelente remix, pagando um sapo violento para a *disco* 70, eles fizeram a coisa direitinho. Seu corpo que o diga.

Carlton "Cool With Nature"

Os produtores Smith & Mighty continuam impressionando. O cantor Carlton também, adotando aqui um falsete suave em cima de um *groove* lento, porem violento

Tongue'n Cheek "Nobody"

Um trio de Londres que se sai bem no tradicional casamento do funk com o soul. Nao espere nada de revolucionário, apenas uma boa melodia em cima de uma boa base dançante

Seduction "Breakdown"/"Groove Me" / **Luz Torres** "If U Can Keep It Up"

Parem as máquinas! São Robert Civilles e David Cole de novo mostrando seu "dang". Para o resto do mundo não ha outra saida senao dançar ao som da artilhana house destas faixas.

Seleção dada, um bom reveillon dançante para você.

CAMILO G. ROCHA

BOM EXÍLIO

AO VIVO

Fotos: Divulgação

Escolhidos para fechar a noite de sábado, os Devotos (que já são ídolos na cidade) mostraram um purissimo rockabilly, recheado com Ventures, Verminose, Little Richard, Chuck Berry, etc. Não se intimidaram com o pedido do prefeito para que não tocassem músicas obscenas e mandaram brasa em letras explicitérrimas, incluindo o bordão "Pau No Seu Cu".

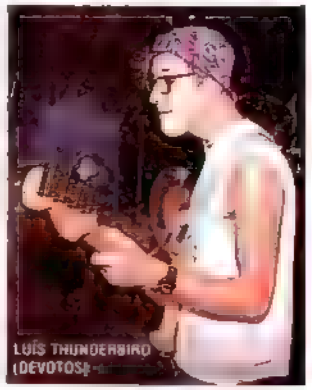
No domingo, o Sinsemilia abriu a noite com um ótimo show, conquistando o publico de mais de mil pessoas com um género musical pouco difundido nas Gerais, reggae honesto.

CELSO MASSON

Estância hidromineral desde os tempos do Império, Caxambu reúne, ano a ano, uma pequena multidão de turistas em busca da cura pelas propriedades terapeuticas de suas águas. Na maioria idosos, estes turistas não são exatamente fãs de rock'n'roll.

"É exatamente para criar um atrativo para os jovens que a Prefeitura vem realizando shows de rock", afirma José Luiz Nogueira, do Conselho Municipal de Turismo. Só este ano, a Prefeitura bancou três eventos semelhantes (em fevereiro, abril e julho), reunindo várias bandas do underground paulista e carioca.

Entre 20 e 22 de julho, subiram ao palco do *Rock Na Rua* os grupos **Nem, Sinsemilia, Blue Jeans, Killing Chainsaw, Devotos De Nossa Senhora Aparecida** e **Gipsy Road** (de São Paulo); **Bel A Banda** e **Página 4** (do Rio) e **Reação Zero** (banda local de covers do rock brasileiro).



RAP

Ousadia Do Rap De Brasília é o título do primeiro LP de DJ Raffa. Filho do compositor e regente Cláudio Santoro, Raffa se interessou por rap ainda com doze anos, em 1982. Pôde aprofundar seus estudos nos Estados Unidos, se formando técnico de som no Record Workshop. Voltou para Brasília, onde começou a trabalhar em estúdios de gravação e como DJ.

Procurado pelo grupo de dançarinos Os Magrellos (que queria alguns discos de Raffa para montar novas coreografias), acabou convidando o quarteto para montar um grupo de rap. "Nós ficamos dois anos em Brasília batalhando shows e pagando para aparecer. Até que eu consegui levar o Thaide e o DJ Hum para lá. Nós abrimos o show deles e foi aí que começou o contato para a produção do disco", diz Raffa. Douglas, empresário de Thaide, foi quem apresentou Raffa para Karlinhos, da Kaskata s Records. A gravadora não só se interessou em lançar o disco como também convidou Raffa para produzir novos lançamentos do selo, como o mix *House Brasil* e o LP *Ritmo Quente Vol. 2*.

No álbum de estréia, Raffa procurou utilizar dois conceitos herdados do pai: diversidade rítmica e construção de timbres através de sintetizadores e sampler. Não há uma faixa do disco que repita o andamento de outra. Para os arranjos, Raffa recheou suas musicas de *samples* extraidos de instrumentos acústicos, chegando a resultados surpreendentes.

O disco foge do óbvio pela criatividade. Vale a pena conferir. Contatos: Kaskata s Records, tel. (011) 716-2643 c/ Carlinhos.

CELSO MASSON

CURITIBA

As bandas de Curitiba estão atacando novamente. E elas vêm em disco. *Vampiros De Curitiba* é o nome. Gravado em oito canais pelo Selo Records, tem produção de Solo Studios, a Fábrika, Temptation Discos e das dez bandas que integram o projeto. Destilando pop, heavy, thrash e psicodelismo, os vampiros da capital paranaense mostram seus caninos e revelam algumas boas surpresas.

O **Pos Meridium**, assim como outras seis bandas da coletanea, vem com letras em inglês. Destaca-se pelos riffs pesados da guitarra e pelo vocal de Jones. Com um heavy bem marcado e algo diferente, o **Abaixo De Deus** é uma boa revelaçao, apesar de efeitos exagerados no vocal. Ainda no bloco dos melhores da bolacha entram **Tessália** e **Os Missionários**.

Mais um projeto feito com pouca grana e muita raça. Palmas para os musicos e pau nas rádios e casas noturnas que se dizem pró-rock, mas mostram sua verdadeira cara na hora de negar patrocinio.

Contatos: Solo Records, R. Almirante Tamandaré, 1689, CEP 80040, Curitiba - PR.

CLAUDIO MOITA

RIO DE JANEIRO

Nome: **Sex Beatles**. Rótulo: Glam rock '90. Membros: Cinco. Influências: Bowie, pornografia, filmes de gosto duvidoso, Gary Glitter, dinheiro, Oscar Wilde etc. Gostam de: Aparecer, festas com luz apagada e som alto, Dunga, dinheiro, livros, Rio de Janeiro, bebidas, cigarros, peitos grandes e/ou pontudos etc. Não gostam de: Cebola, Caetano Veloso, baratas, acordar cedo, responsabilidade, Mansa Monte, domingos e feriados etc. Intenções: Divertir-se a qualquer custo, seduzir diretore(a)s de gravadoras etc. Segundas intenções: Ganhar nos de dinheiro sem fazer muito esforço etc." Esta é a integra do release que os Sex Beatles mandaram para a imprensa, meses atrás. Nenhuma outra informação, telefone, nomes, fita, foto, nada. Aprovação imediata na BIZZ.

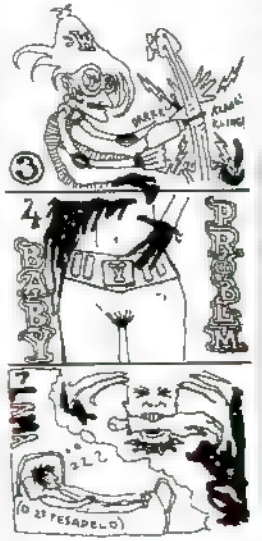
Quem são, afinal? Olhe bem para a foto e tente reconhecer alguem. Suas verdadeiras identidades não podem ser reveladas, por isso escondem-se sob alcunhas como Vicente Valentino (baixo), Loup de Ville (guitarra), Kit Mathews (bateria), Una Vaid (vocal principal) e Amaldo de Wilde (voz/ guitarra/ letras). Wilde explica: "O que a gente quer é polêmica. Virar uma lenda. Uma não, cinco lendas... " Prezados leitores, acreditem: é bom. Mesmo. Só para terminar, mais uma: "A MTV que se prepare".

CLAUDIO MENEZES

LUIZ FERNANDO BORGES

PORTO ALEGRE

Imaginem uma turma de malucos que moram todos juntos, no melhor estilo new-riponga; que lançam um tal de elixir afrodisíaco, chamado Lolly Poppy, fabricado e engarrafado artesanalmente; e que, ainda por cima, tem um grupo que faz um som doidão e se chama **Molly & Guppy**.

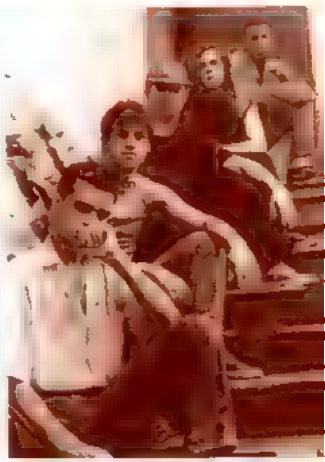


Imaginem que esses caras ainda beiram os vinte anos, são imbuidos de saudável pretensão e se acham os bons (de certa forma até são) e que não devem ensaiar para não estragar a espontaneidade de seu som. Agora, não dá para imaginar a mistura psicodelico-industrial que a rapaziada detona na fita independente "Dedy Yellow Hair". É uma massaroca alucinada que espanta de cara, mas acaba se repetindo ao longo das catorze musicas insanas que recheiam o cassete. A demência vai de "Lobisomem Estuprador" e "Cara De Lata" a "Hot Nurse" e "Baby Problem". Aqueçam as turbinas e se preparem para o pesadelo.

CARLOS EDUARDO MIRANDA

BELO HORIZONTE

Depois do thrash, o hardcore é o estilo que mais gera bandas na cidade. A mais nova da prole é a **R.I.V.** (Rhythms In Violence), que surgiu a partir de uma defecção do pioneiro Freax. Já com um extended-play de sete polegadas pelo microselo Dramma (onde destacam-se os ruidosos crossovers "Mental Sick" e "Doodous"), a R.I.V. recentemente se apresentou no ginásio do Ginástico, abrindo para o Sepultura.



Embora o show tenha sido longo demais e o P.A. não tenha ajudado muito, a rapaziada parece estar no caminho certo.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Você, que com sangue e suor gravou seu primeiro disco às próprias custas e não o enviou para a BIZZ temendo o escumaço de algum critico da academia Shaolin de Karatê e tiro ao alvo, sabia que *Conexão Brasil* tem o coração mole. Mande seu vinil para cá, mesmo que até você reconheça que ele não ficou grande coisa. Entre o anonimato e a fama de mau, a opção é toda sua.

DAVID BOWIE

AO VIVO

J. Rosenberg/AP

Da série *Casos Exemplares do Karma Terceiro-Mundista:*

Coloque-se na pele de um fã brasileiro (ou argentino, ou chileno...) de David Bowie. Isto quer dizer que você já aturou duas décadas de catálogo incompleto, economizando para completar a sua coleção em loja de importados. A chance de vê-lo ao vivo em seus *golden years* (71-83 aproximadamente) já evaporou, mesmo e você teve de se contentar com os vídeos *Ziggy Stardust*, *Serious Moonlight* e *Glass Spider*. Os últimos anos, então, colocaram em xeque todo o respeito e a admiração que você tinha pelo cara — pelo menos quando ouviu "This Is Not America" e o LP *Never Let Me Down* você se sentiu como se sua musa número um tivesse virado *groupie* dos inimigos do Rei.

Aí você recebe a notícia de que a turnê *Sound + Vision* virá ao Brasil. O adolescente que você tentou matar a pauladas, mas sobrevive ainda em alguma empoeirada gaveta mnemônica, ensaia gritinhos e pulinhos e parece disposto a perdoar *tudo*. Na turnê está embutida a promessa de tocar pela última vez os grandes clássicos dos anos dourados, num repertório montado a partir da escolha dos fãs através de linhas telefônicas. Você checa as primeiras resenhas dos primeiros shows no primeiro mundo e vai esfregando as mãos: "Ziggy Stardust", "Panic In Detroit", "Heroes", nada do Tin Machine. Você acerta mais uma porrada na orelha do tal adolescente porque ele já está querendo assumir o controle. Aí uma rádio nativa resolve abrir a sua linha para os "fãs locais fazerem a sua votação. A lista divulgada é encabeçada por "As The World Falls Down". Você ri para não chorar, mas se sente mais calmo e maduro: o seu adolescente acaba de morrer num enfarte fulminante.

Em homenagem à memória do pobre rapaz, você sai de casa debaixo de chuva e se espreme entre godos, visigodos, hunos, marcianos, adolescentes verdadeiros (e falsos), assiste ao show dos Titãs, arrisca trinta anos de cuidados higiênicos indo ao banheiro do estádio. Você se orgulha de sua força: impassível como um monge budista, ainda não perdeu o bom humor. Afinal, esperou *dezoito anos* por isso. Aí você acorda no meio de um típico malho de empresário latino-americano. O famoso telão que toma todo o palco ficou lá, junto com os bailarinos, no primeiro mundo. E o som, senhoras e senhores, está uma bosta. A voz do mestre ressoa imponente, junto com os esporros guitarrísticos de Adrian Belew. Fora isso, dá para distinguir os bumbos e pratos da bateria numa gororoba viscosa de médios e graves. Você não deseja isso nem aos Engenheiros do Hawaii, mas tem de tirar o leite da montanha rochosa. Exercícios de yoga em profunda concentração ajudam naquela que era a primeira tarefa dos alquimistas medievais: separar o sutil do espesso. Seus tímpanos filtram grandes canções e vocais estupendos de um show burocrático. Suas retinas buscam nos telões de vídeo a ampliação da miniatura de Bowie que está ali em cima. Isso até eles pifarem de vez, lá pelo meio da apresentação. Você volta para casa profundamente frustrado.

No dia seguinte — continua chovendo! — você repete o ritual, o que prova que gostava mesmo do jovem enfartado, aquele *ragazzo* que amava o Roxy Music e o Velvet Underground, inicialmente seduzido por Ziggy Stardust & The Spiders From Mars. Você resolve substituir a estratégia de monge pela de espertinho e se infiltra na massa até conseguir uma posição bem mais próxima ao palco do que no dia anterior. O show felizmente corresponde mais às suas expectativas, mas não deslancha nunca devido a um sério problema de incompatibilidade de gênios entre Bowie e o público brasileiro.

Imagina. O repertório desse show abrange de três a quatro capítulos essenciais na História da Música Popular, mas o Bowie dos anos 70 passou batido nesta terra esquecida pelo Grande Barbudo do Céu, e você sabe que a molecada vai a um show para se espremer, pular, gritar, beber cerveja e bater palmas (uma idéia bem peculiar de "diversão", convenhamos) ao som de músicas que *já conhecem*. Para a moçada que lotou o estádio, portanto, era Bowie quem deveria ter aberto para os Titãs — limitando o show a "Let's Dance", "Blue Jean", "China Girl" e "Modern Love", os únicos momentos de vibração. O constrangimento era tal que, à certa altura, Bowie dirigiu-se à platéia nos seguintes termos: "Acho que vocês não conhecem a maioria dessas músicas. Agora essa vocês conhecem pelo menos em português..." (Emendando com os primeiros acordes de "Starman").

Dois dias depois, a última chance, desta vez num auditório para apenas 2.500 pessoas (o ingresso custando uma fortuna, claro). Estes privilegiados viram o que o primeiro mundo não vê há mais de uma década, ou seja, o verdadeiro "ator partido", não só um grande cantor-compositor como um grande mímico. O Olympia naturalmente veio abaixo. Tudo bem que o sr. Belew incensado como gênio da guitarra elétrica, tenha pentelhado bastante, substituindo riffs e licks clássicos de Mick Ronson, Carlos Alomar, Earl Slick e Stevie Ray Vaughn por *frippinices* excessivas que, várias vezes, fizeram o baterista se perder completamente. Tudo bem que o espaço que poderia ter sido ocupado por "Rock'n'Roll Suicide", "Time", "Golden Years" etc. tenha sido preenchido pela irritantemente banal "Pretty Pink Rose" (composta por Bowie para o último disco do guitarrista). A epifania, o transe não podem ser descritos — e se pudessem, seria uma grande sacanagem com os infelizes que não estavam lá. Eu só lembro que o maldito adolescente enfartado ressuscitou cheio de amor para dar e permaneceu no comando durante mais de uma semana.

JOSÉ AUGUSTO LEMOS

SET LISTS

Parque Antártica (SP)
22/09/90
"Space Oddity"
"Rebel, Rebel"
"Ashes To Ashes"
"Starman"
"Life On Mars?"
"Stay"
"Pretty Pink Rose"
"Blue Jean"
"Let's Dance"
"Sound And Vision"
"Ziggy Stardust"
"China Girl"
"Fashion"
"Young Americans"
"Suffragette City"
"Fame"
"Heroes"
"Modern Love"

23/09/90
"Space Oddity"
"Rebel, Rebel"
"Ashes To Ashes"
"Life On Mars?"
"Stay"
"Pretty Pink Rose"
"Blue Jean"
"Let's Dance"
"Sound And Vision"
"Ziggy Stardust"
"China Girl"
"Panic In Detroit"
"Suffragette City"
"Fame"
"Heroes"
"The Jean Genie"
(Bis)
"Changes"
"White Light/White Heat"

Olympia (SP)
25/09/90
"Life On Mars?"
"Space Oddity"
"Starman"
"Ashes To Ashes"
"Rebel, Rebel"
"Pretty Pink Rose"
"Saty"
"Blue Jean"
"Let's Dance"
"Sound And Vision"
"Ziggy Stardust"
"China Girl"
"Station To Station"
"Panic In Detroit"
"Young Americans"
"Suffragette City"
"Fame"
"Heroes"
(Bis)
"Changes"
"Fashion"
"The Jean Genie"
"Modern Love"

DUB RECORDS

DISCOS E CDS (NACIONAIS, IMPORTADOS E RARIDADES), REVISTAS E JORNAIS (ESPECIALIZADOS), CAMISETAS E ACESSÓRIOS

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL (LOJISTAS DJS ETC) AS NOVIDADES EM DANCE MUSIC

AV. PAULISTA, 1499 Lj 61 SÃO PAULO
TEL (011) 276 0578 CEP 01311 SP

BRAZILIAN ROCK NIGHT

Fotos Alcir de Silva Azul

Bem-vindo à selva. Para muitas pessoas, a cidade de Nova York propicia a primeira visão da América — a sensação pode ser algo como entrar na boca de um jacaré faminto. Até mesmo a cena rock local é desleal e altamente competitiva: músicos de fora que vêm para cá em busca do sucesso são muitas vezes engolidos por propretários de casas noturnas mercenários e caprichosos frequentadores de clubes.

Há dez anos, o New Music Seminar surgiu como um antídoto para essa situação, combinando uma convenção da indústria da música com uma vitrine para novos talentos. Mas, recentemente, esse evento anual se tornou parte do problema. Neste ano, sete mil pessoas que supostamente pertencem à indústria fonográfica e mais de 350 bandas de todo o mundo vieram ao NMS na esperança de serem "descobertas", em meio a toda a politicagem e tapinhas nas costas. Durante uma semana ininterrupta de shows, é mais difícil do que nunca ser notado. Ira! e Fellini não sabiam onde estavam se metendo.

Para seu mérito eterno, eles tiraram o máximo proveito da situação. Sexo Explícito e Vzyadoq Moe nem ao menos tiveram essa oportunidade. Os dois grupos, assim como três dos cinco integrantes do Fellini, tiveram seus vistos negados pelo Consulado Americano em São Paulo — o que os obrigou a cancelar os planos de viagem no último minuto, cortando pela metade a programação da *Brazilian Night*.

Armados apenas de guitarra, garra e uma bateria eletrônica, Cadão e Thomas, do Fellini, fizeram uma apresentação rápida, porem agradável, em que mostraram músicas de influência folk do LP *Amor Louco*. Envolvendo com suas vozes versões despojadas do "Samba Das Luzes" e "Chico Buarque Song", os membros centrais do Fellini exibiram um domínio melódico que seus colegas norte-americanos nem sonham alcançar. Ao contrário dos vocalistas da maioria dos grupos de *new music* dos EUA, Cadão sabe realmente cantar.

No momento em que ele suplicava a uma amante para voltar ("please come back"), lançando suavemente gritos em êxtase — "oh yeah, everybody now" — dava para sentir uma onda de excitação sexual percorrendo a platéia. Essa pequena amostra da música de Fellini foi o suficiente para deliciar um grupo de brasileiros expatriados e intrigar um punhado de desgarrados dos outros dez shows que o New Musical Seminar apresentava naquela noite.

O impacto causado pelo Ira! não foi tão sutil. Misturando elementos de funk, punk, heavy metal superpotente e ultraje politizado, esse quarteto de São Paulo merece atenção. Nasi, o vocalista, conduz a platéia zombando, cuspindo, movimentando-se como um lutador de boxe, fazendo jogos de sombra contra um adversário imaginário, vibrando e trepidando como um homem possuído pelo ritmo. Ele é um *lead singer* fascinante e agressivo, à maneira de Iggy Pop e Johnny Rotten. Mas o que torna esse show especial é o sólido suporte rock da banda.

Por trás de toda a violência, esses caras são músicos espertos e inventivos. O guitarrista Edgard Scandurra trabalha como um atleta, extraindo fisicamente cada nota de sua guitarra, enquanto o baixista Gaspa permanece impassível durante todo o show, sombras de Pete Townshend e John Entwistle! As comparações com o Who aparecem naturalmente: o Ira! é uma banda de rock n roll rebelde e agitadora nos moldes clássicos.

De qualquer forma, o Ira! não soa nem um pouco parecido com o Who. Na verdade, eles chegaram a uma posição semelhante a partir de um caminho completamente diferente. O melhor momento do show do Kenny's foi um número apropriadamente chamado "Cabeças Quentes".

O Ira! toma essa melodia e aos poucos a transforma em um ruído ensurdecedor de motor de avião a jato, sem perder sua essência — mesmo quando Nasi está deitado no palco, clamando e vociferando no limite permitido pelos amplificadores. Não foi pouca coisa. Na manhã seguinte, acordei com grilos eletrônicos ainda zumbindo no meu ouvido: uma sensação familiar, mas decididamente com um novo toque. *MARK COLEMAN**

* Mark é crítico da revista *Rolling Stone* e foi contratado pela BIZZ especialmente para cobrir a *Brazilian Rock Night*.

SOUL II SOUL

Na segunda noite londrina da turnê do Soul II Soul o público presente é bem variado, negros e brancos, "clubbers" e "casuais". O Soul II Soul realmente conseguiu não só lotar as pistas de dança dos clubes como também estourar as paradas e pegar o grande público de surpresa. Mas Jazzie B e seu time nunca deixaram de ser um produto e parte importante da *club-culture*, que nasceu de uma juventude à procura de uma maneira nova e mais positiva de viver e conviver dentro da sociedade britânica e suas diferentes culturas — jamaicana, hindu, etc... O Soul II Soul tem uma mensagem: união é a solução.

A Wembley Arena está em pleno clima de *rave*, com mais luzes na platéia do que no palco — mas durante o show de abertura do Sindecut poucos dançam, preferindo guardar sua energia para a atração principal. Só que somos obrigados a aturar um longo desfile de modas Soul II Soul. Aprecio e admiro o fato de Jazzie B enfatizar este seu lado de *businessman* negro, mas estou a ponto de estrangulá-lo quando o desfile finalmente chega ao fim!

O palco é todo em branco e dourado, com a figura do Funki ocupando lugar de destaque na decoração. No escuro, uma voz nos pergunta: "Vocês estão prontos para o Soul II Soul?" A resposta é ensurdecedora. Pode mandar. E o espetáculo começa...

Há mais ou menos umas vinte pessoas no palco: os backing vocalistas, a seção de metais, o baterista, o percussionista, os três tecladistas (um deles dobra no baixo) e os dançarinos. Jazzie B nem sempre está presente. Ele divide o comando com Daddae, também do time; mas, quando aparece, o palco é dele. Andando de um lado para o outro com sua bengala e óculos escuros, ele faz longos discursos, como um profeta falando de sua visão. Daddae, com sua capa preta, parece um capeta atrás da *turn-table*. Os dançarinos são tristes: uma mistura de muita pretensão e pouca técnica que me lembra os espetáculos de fim de ano na escola. Suas imitações de dança africana e clássica são de chorar. Mas, em compensação, há a presença espetacular das três cantoras convidadas — Victoria Wilson-James, Lanya e Kym Mazelle — e os grandes clássicos como "Keep On Movin'" e "Dream's A Dream".

No meio do show Jazzie volta para mais um discurso, sobre os *raves*, os velhos tempos de DJ no African Centre de Londres, sobre uma nova raça, sobre os cinco milhões de discos vendidos. O show termina, é claro, com a grande "Back To Life".

Se Deus e seus anjos fossem gravar um disco este ano, o lugar de produtor iria, sem dúvida, para Jazzie B — Michael Jackson que o diga! Jazzie tem uma visão musical como poucos. Mas, quando se trata de dance music, o problema de tocar ao vivo é inevitável, e poucos conseguem se salvar. O Soul II Soul até que se dá bem, mas a distância entre grande espetáculo e mau gosto é pequena. Em alguns momentos, o show parece quase barato, sem convicção. Resta esperar que eles aprendam, com a experiência, que um show é um show e um *rave* é um *rave*. E então os anos 90 serão, como diz Jazzie B, uma nova década.

ANAMARIA G. DE LEMOS

...estar saudável.
Por isso, segue as orientações da revista sobre as principais atividades físicas.
Quem é Boa Forma quer beleza e bem-estar.
Por isso, põe a sua escolha os melhores programas de ginástica e práticas esportivas.
Quem é Boa Forma quer viver bem.
Portanto, fica sabendo de tudo sobre dieta e nutrição.
Boa Forma também é muito mais:
SPAS, academias, centros esportivos. Entrevista com gente famosa que vive em boa forma. Novidades, artigos esportivos e o que há de saúde.
A MELHOR FORMA DE VIVER NUMA BOA.

DISCOS

GRAFFITI BRIDGE
PRINCE
PAISLEY PARK/WEA (LP)

Graffiti Bridge é um filme de Prince, ou seja não apenas o disco e a trilha de um filme no qual ele atua como autor, diretor, produtor, astro, música, compositor, mas o álbum em si é um filme. Prince pensa em bloco: o hemisfério visual de seu cérebro em permanente contato — contágio — com o hemisfério sonoro. Se isso não ficou claro na bomba que foi *Under The Cherry Moon* ou mesmo *Purple Rain*, eis *Sign O The Times* para demonstrar: um show que é uma história que é um filme que é um repertório que não discorria com uma história.

Não é preciso ter visto *Graffiti Bridge* o filme, para entender *Graffiti Bridge*, o disco. Cada canção tem seu próprio enredo, sua textura específica. Num panorama musical saturado por colagens e edições, Prince — que sempre foi um pioneiro na abordagem não linear da canção — exorbita. Há um universo de atividade frenética explodindo em cada uma das dezessete faixas. Seja numa clara e ensolarada dançante como "Release It" a cargo do velho amigo e co-astro Morris Day e seu reformado The Time que dizem os rumores eram originalmente os donos do projeto *Graffiti Bridge* se a numa arquiperfeita balada pop como "The Question Of U".

Como um bom cineasta, Prince não apenas alinha cenas e planos, ele muda sua câmera de um lado para outro, trabalha luzes e sombras. Em close, mostra claramente — em duas faixas — como se faz um filme sem imagens. Em "Elephants & Flowers" o olho da canção, em letra e cena, segue as aventuras e emoções de um garoto a toa na cidade numa noite quente à procura de briga e à procura de salvação. Em "Joy In Repetition", há uma dinâmica musical quase alienígena ao pop americano, algo com a delicadeza e a textura que apenas a melhor música brasileira parecia ter. E ao ouvir o Prince conta uma pequena saga de amor: ele e ela, dois desconhecidos na noite, e o estranho vínculo da repetição que se forma entre os dois.

Num apanhado geral, já no primeiro lado do disco Prince nos dá seu plano de trabalho: um rock energético — "Can't Stop This Feeling I Got" — se abre na funkaria de "New Power Generation", espécie de carta de intenções do projeto: "Vamos mudar o mundo/ só você e nosso obstáculo" — e dali para o rap repleto de acentos jazzísticos de "Release It" e a balada blue "The Question Of U". Um pouco mais adiante haverá gospel — "Melody Cool" a cargo do grande mestre do gênero, Mavis Staples e "Still Would Stand All Time" — e um funk descolado a moda e com participação de George Clinton: "We Can Funk". Todo tipo de híbrido rock/rap/funk marca presença num dos melhores "Round And Round" brilha a voz do garoto Tevin Campbell, uma espécie de jovem Michael Jackson para o fim de semana e há até uma canção que não falta de classe: "Love" e há até uma canção que não falta de classe: "Love

ção melhor poderia ser chamada de "Thing Electric", a faixa final.

E mais: gêneros de música que a maioria das bandas expressa hoje em uma carreira inteira. Eis se um crítico da *Rolling Stone*. Especialmente num meio profissional — o mercado pop — repleto de repetição, duplicação e descartabilidade, eu não poderia concordar mais.

ANA MARIA BAHIANA

TIME'S UP — Living Colour (Epic/CBS)

Monstros ferozes aprisionados em uma caixinha de papelão, ao ouvirem o alarme liberam dezoito patas, tentáculos, chifres e presas, partindo para a matança sem a menor pena de quem quer que esteja à sua volta. Quando os sinos do relógio badalam, o Living Colour mostra o que é um ataque surpresa. "Time's Up", faixa mais curta do segundo LP do grupo, é uma espécie de planificação condensada das crueldades multiformes que o grupo pode dispensar a nós, pobres ouvintes. É a danação total.

Parece que esses garotos descobriram a pedra filosofal do rock'n'roll. Em um enorme caldeirão borbulhante despejam todos os tipos de riffs, *beats*, ácidos e temperos. O que sai é ouro. Como mestres da *nouvelle cuisine*, sabem que não é só a qualidade das especiarias que transforma pratos insípidos em ambrosia. O que importa é saber dosar isso, o Living Colour sabe.

Vernon Reid, guitarrista como há muito o rock não cria, costura toda a trama sonora com esmerilhação, mas não coalha o vinil com aquela maldita invenção chamada solo de guitarra. Sabe fazer barulho, sabe fazer silêncio. William Calhoun, o baterista, tem o mesmo *pedigree*. Eles fazem o que é mais raro entre músicos habilidosos: usam o virtuosismo como *um* dos componentes da argamassa blindada que é o estilo Living Colour, não como *único*. O perfeccionismo no trato com os instrumentos não é uma bandeira que o grupo carrega acima de tudo, mas mesmo assim está ali, desfilando o tempo todo.

"Information Overload" e "Under Cover Of Darkness", faixas vizinhas, somam mais de dez minutos. Tempo suficiente para qualquer um se render ao monstro, embarcando numa viagem virtual bem ao estilo *Vingador Do Futuro* — aliás, uma comparação entre a virulência do quarteto e a truculência do Schwarza não é descabida.

Mexer com imagens sagradas é delicado, juntar a isso um tema como racismo é mais delicado ainda. Por isso, "Elvis Is Dead" gerou uma certa polêmica. É turbulenta, mas não é o máximo. As quatro que a antecedem formam um bloco uniforme, ainda que sem a força de "Fight The Fight" e "This Is The Life" *full-black-metal-noise*. Só uma coisa me incomoda: a voz de Corey Glover em algumas passagens. Mesmo assim, pode separar uma parte da mesada. *Celso Masson*

PIN UPS/DIAMOND DOGS/DAVID LIVE — David Bowie (Rykodisc/EMI-Odeon)

A nova desova da Rykodisc/EMI-Odeon traz Bowie numa das fases mais conturbadas de sua carreira (73/74). Imerso na ressaca da era Ziggy, ele reuniu as "aranhas de Marte" pela última vez, voltando-se para a época em que, à frente do Lower Third, tentara a sorte no ebuliente circuito da *Swingin' London*.

Mais do que uma fina coleção de covers dos anos 64/67, *Pin Ups* permite aos neófitos captar as estranhas vibrações do "rock purpurina", ao filtrar — por um prisma visivelmente *glitter* — hits de grupos como The Kinks, Pink Floyd e The Who. Como bônus, há duas releituras insólitas: "Growing Up", de Bruce Springsteen (com Ron Wood na guitarra!) e "Port Of Amsterdam", de Jacques Brel. Na seqüência, uma estada em Nova York gerou o mirabolante *Diamond Dogs*, LP conceitual com ares *sci-fi* vagamente inspirado pelo romance *1984*, de George Orwell. Nele, como profeta da anti-utopia, Bowie proclamava exultante: "Isto não é rock'n'roll, é genocídio". Fãs e crítica deliraram, mas a faraônica tour para promovê-lo desmantelou-se numa sucessão de problemas que culminaram justamente na véspera da gravação do retrospectivo *David Live*. O resultado foi um álbum duplo sofrível, levado por uma banda dispersa, capitaneada pela guitarra histriônica de Earl Slick. De qualquer modo, a inclusão de "Knock On Wood" já antecipava a eclosão do "duque branco e magricela", mas isso já é outra história. *A.G.C.D.*

461 OCEAN BOULEVARD/SLOWHAND/THE CREAM OF ERIC CLAPTON — Eric Clapton (Polydor/PolyGram)

Desta vez, uma bola dentro nas reedições e coletâneas que acompanham a passagem de um rock star pelo Brasil. *461...* (74) mostra Clapton em Miami, para onde foi depois de um pesado namoro por mais de dois anos com a heroína. Ressurgiu com um pop tranqüilo, com inflexões de blues, country e reggae. Além do hit de Bob Marley ("I Shot The Sheriff"), versões exatas para Robert Johnson ("Steady Rollin' Man"), Elmore James ("I Can't Hold Out"), Johnny Otis ("Willie And The Hand Jive") e belas canções próprias ("Let It Grow", "Give Me Strength"). *Slowhand* (77) é menos inspirado, apesar de hits respeitáveis, como "Wonderful Tonight", "Lay Down Sally" e — claro — "Cocaine", de J.J. Cale. *The Cream...* é uma tentativa de espremer em um LP o repertório dos seis discos da caixa de Clapton lançado em 88. *C.P.*

SEARCHING FOR THE LIGHT — Dorsal Atlântica (Heavy)

Um dos nomes mais fortes do heavy carioca chega a seu quarto LP trazendo um *thrash metal* poderoso — estilo Megadeth — no qual se destacam as interpretações guturais do vocalista/guitarrista Carlos Vandalo. São temas longos com letras em inglês sobre a situação política de um país muito parecido com o nosso, onde as moscas continuam as mesmas e só os doces é que mudam. *L.R.*

A BIT OF WHAT YOU FANCY — Quireboys (Parlophone/EMI-Odeon)

Destes caras aqui, os Faces deveriam cobrar *copyright*. Faixas "próprias" como "7 O'Clock", "Long Time Comin'" e "Roses & Rings" parecem diretamente pinçadas do repertório dos velhos ingleses beberrões. E o pior de tudo é que o vocalista Spike não é o Rod Stewart dos bons tempos e nem os guitarristas Guy Bailey e Guy Griffin possuem sequer resquícios do toque esperto de Ron Wood. Moral da história: nem todas as xerox mal-arrematadas contam uma história. *C.P.*

THE CACTUS ALBUM — 3rd Bass (CBS)

Vindos do Brooklin, Nova York, estes dois rapazes brancos e judeus — MC Serch e Prime Minister Pete Nice — fazem hip hop. Este LP de estréia poderia ser muito bom, mas falta algo: tem as colagens barulhentas do Public Enemy (só que sem o radicalismo e a raiva), o humor do De La Soul (mas sem a descontração) e o revivalismo dos Jungle Brothers (sem o pique divertido). Há momentos iluminados como a *groovíssima* "Sons Of 3rd Bass", e o mini-hit "The Gas Face". O resto é hip hop apenas para aficionados, incluindo aí "Oval Office" e "Steppin' To The AM", assinadas pelo trio de produtores do Public Enemy. *C.G.R.*

MONDOLULO — Lulu Santos [illegible]

Nem é caso de reabrir discussão: Lulu (como o DuranDuran) simplesmente é pop OKsíssimo, descontados altos e baixos. O zen-surfismo e a baladinha, vinhetas instrumentais, uma versão de "I'm a Believer" (Neil Diamond), uns roquinhos e uma bossa, tudo no lugar certo. Ainda por cima, o cara até resolveu se revelar bom letrista ("Casa, comida e roupa lavada/ eu daria cenzinho pra parar de se virar/se tu quês, quês/se tu não quês diz"). Só faltou um molhinho mais na produção. *A.A.*

LIVE IT UP — Crosby, Stills & Nash (Atlantic/WEA)/**COMES A TIME — Neil Young** (Reprise/WEA)/**THE LAST WALTZ — The Band** (Warner/WEA)

Desde 88, quando se reencontraram com Neil Young para cometer o pífio *American Dream*, a trajetória de CS&N tomou um rumo absolutamente oposto ao do compositor canadense. Enquanto este manteve-se em plena atividade, elaborando álbuns marcantes como *Freedom* e *Ragged Glory*, seus antigos companheiros parecem contentes em se autoparodiar de forma patética nas dez tristes faixas deste *Live It Up*. Não bastasse este suplício sonoro, o trio ainda se sai com uma das capas mais horrorosas dos últimos tempos.

Enquanto isso, a espera pela edição nacional do novo LP de Neil Young pode ficar mais agradável com o relançamento de *Comes A Time* (78). Apesar de não se inserir no melhor de sua produção, o disco traz canções memoráveis, como a faixa-título e "Lotta Love", além de um delicado tratamento acústico e sutis intervenções de cordas. Young também se faz presente em outro relançamento: o triplo do quinteto The Band. Não só ele como Dylan, Muddy Waters, Van Morrison e Joni Mitchell estão no rol de ilustres convidados do concerto de despedida do grupo, realizado em 76 e filmado por Martin Scorsese. Apesar do clima de "fim de festa", o álbum deixa um saldo positivo por seus momentos mais emocionantes. Mas, para se aprofundar em The Band, corra para a *Discoteca Básica* desta edição. *C.P.*

DIVERSÃO & ARTE (NACIONAL & INTERNACIONAL) — Vários (WEA)

A febre dos covers chega ao vinil. Com dois LPs a WEA limpa o arquivo e coloca no mercado as versões que seus artistas gravaram. No internacional, o lado A é "Diversão" e o B "Arte". No nacional, não há divisão — se houvesse, o lado B ficaria incompleto. No internacional, Roberta Flack e Van Halen aparecem cantando Carole King ("You've Got A Friend") e Roy Orbison ("Oh Pretty Woman") respectivamente; Al B. Sure canta "Killing Me Softly" (Roberta Flack) e Aztec Camera, "Jump" (Van Halen). Toma lá, dá cá. The Mamas & The Papas e Ramones garantem um disco ouvível. Titãs, Gil, Ultraje e Scandurra seguram as pontas do nacional, dispensável. *C.M.*

90 — 808 State (ZTT/WEA)

Para começo de conversa, o tal "ambient house", vertente *dance* da qual o 808 seria expoente (veja matéria na BIZZ 62) não significa musicalmente nada de novo. Pode significar algo, vá lá, em termos de comportamento, e perfeitamente alhos-com-bugalhos juntar o conceito da *ambient* — formulado pelo marcão Brian Eno como experiência subliminar e degenerado na "new-age-de-ninar-madame" — com a excitação esperável de qualquer pista. Significa, isso sim, um truque de mercado: ameaça ser mais um daqueles intoleráveis *ismos*. Os tais que nos impedem de sacudir a bunda numa eclética noitada de dança ao som de uma discotecagem que descubra, afinal, como enfiar um xacundega clássico do vovô James "Puxa-Cano" Brown com umazinha, digamos, do insuperável Mr. Ferry, hip hop, retrô disco, new wave de boa estirpe ou qualquer coisa que dê para balançar legal.

Na verdade, o 808 é apenas a octocentésima oitava tentativa de colar um *groove* sacolejante em um clima "viajandão" — costura eletronicamente intentada do Kraftwerk ao Art Of Noise, do próprio Eno (antes de ficar preguiçoso) ao penúltimo DuranDuran. O baixista Youth, suposto precursor da onda em 89, já tinha conseguido algo parecido uns cinco anos antes, em "Incompressible Megalasaurians" (sic), conseqüência de umas experiências suas — abortadas — com o Killing Joke. O heróico grupo português GNR (em 82) teve em "Avarias" o seu *groove*+clima (de 26'08min!). Brasil? A modéstia não me impede de citar a versão original de "Atropelamento & Fuga", uma suíte eletroacústica de Akira S a qual foi enxertada uma cozinha funky — procedimento aliás diretamente inspirado pelos *discotronics* de Fripp ("Under Heavy Manners", 80). Forçando a barra, dá para chegar na *Church Of Anthrax* dos pop-eruditos Terry Riley e John Cale (em 70, que tal?). Cabaret Voltaire, 76. Human League, 79. *What's the difference?* A bateria humana ou programada? As bpm?

Dito isso, vamos ao 808. Sem dúvida bem bacaninha — *house* inspirada e inteligente. Não fosse obra de um macaco velho, o produtor Graham Massey, cujas Biting Tongues militavam desde 80 no cenário *british funk* de Manchester — fazendo, no braço, o que hoje o 808 faz com DJs e máquinas. Mas, que "Pacific State" tenha sido a melhor música de 89, é puro exagero. *Alex Antunes*

THROUGH A BIG COUNTRY (GREATEST HITS) — Big Country (Mercury/PolyGram)

Um dos expoentes do revival do *guitar rock* no início dos anos 80, o grupo escocês desperdiça vinil nessa coletânea. Explica-se: o melhor da produção do Big Country concentra-se no primeiro LP, *The Crossing* (83), único item imprescindível na sua discografia. Nos três álbuns seguintes, eles só repetiram a fórmula, diluindo-a em clichês de rock de arena. É *The Crossing*, por sinal, que fornece as três melhores faixas da coletânea: "In A Big Country", "Fields Of Fire" e "Chance", com sensibilidade melódica e leves pinceladas de folk escocês. O resto — incluindo o novo single, "Save Me" — é dispensável. *M.A.G.*

DEATH BEFORE DISHONOUR — The Exploited/ A FRIDGE TOO FAR — G.B.H. (Rough Justice/Ariola)/ **MIND WARS — Holy Terror/ BLOOD FIRE DEATH — Bathory/ PRIME EVIL — Venom** (Under One Flag/Ariola)/ **YOUNG AND CRAZY — Tigertailz** (Music For Nations/Ariola)

Podem preparar bolsos e ouvidos, pois uma nova gravadora soltou um pacote de bons lançamentos na área da pancadaria (ver matéria no *Fast Forward* desta edição). Para alegria dos fissurados em *hardcore*, dois pratos cheios: os discos do Exploited e do G.B.H. Neste último, é o segundo lado que guarda boas surpresas, como a faixa-título e "Needle In A Haystack". O Exploited é quase sempre a mesma coisa: um monte de músicas xingando Deus e todo mundo, exceto umas duas ou três que são, invariavelmente, do cacete. Confira "Anti UK" e "Sexual Favours". Para quem quer pauleira da grossa, vá direto ao Holy Terror. Não dá para reclamar e ensurdecedor. Os mais chegados em góticos pesados devem conhecer o disco dos Conans metálicos do Bathory, com vocais satânicos do fundo das cavernas. Quer mais? *Prime Evil* é surpreendentemente bem gravado e com um peso que as esculhambadas edições nacionais anteriores do Venom não tinham e *Young And Crazy* traz as florzinhas *poseurs* do Tigertailz esparramando lamê e gritinhos pelos sulcos do vinil. *C.E.M.*

LIVE! (THE IKE & TINA TURNER SHOW) — Ike & Tina Turner (Warner/WEA)/ **TRINI LOPEZ AT PJ's — Trini Lopez** (Reprise/WEA)/ **LEGEND — Lynyrd Skynyrd** (MCA/WEA)

A série *Discoteca Básica* da WEA prossegue entre equívocos, discos médios e alguns acertos. Nesta fornada, o maior deles é sem dúvida o LP da dupla Ike & Tina Turner. Gravado ao vivo em duas apresentações nas cidades de Dallas e Forth Worth (Texas/EUA), o LP focaliza o período inicial do trabalho da dupla, no começo dos anos 60, quando partiram numa excursão de grande destaque, acompanhados por grande banda, o trio vocal The Ikettes e outros artistas). Um *must* do r&b. Para os apreciadores de veteranos latinos, um outro álbum ao vivo, *Trini Lopez Live At PJ's*, com o cantor-guitarrista chicano desfilando hits como "America", "La Bamba" e "Granada", entre outros. Já o rock sulista do Lynyrd Skynyrd comparece com uma coletânea de *out takes* ainda com as presenças do vocalista Ronnie Van Zandte e o guitarrista Steve Gaines (que morreram no desastre aéreo que vitimou a banda, em 77). Nada básico, mas interessante. *C.P.*

BROTHER'S KEEPER — Neville Brothers (A&M/PolyGram)/ **WHERE THERE'S SMOKE, THERE'S FIRE — Buckwheat Zydeco** (Island/PolyGram)

Com esta dupla, tem de se voltar novamente a atenção para a cena musical contemporânea de New Orleans. Trata-se de lançamentos que primam pela atualização de formas tradicionais da música local e em sua mescla com outros estilos, resultando em gêneros pop de características únicas em suas sonoridades.

Quanto aos irmãos Neville, já haviam sido devidamente apresentados por aqui em 89 com seu quarto LP, *Yellow Moon*. Não só foram eleitos pela crítica de BIZZ como o melhor grupo do ano como o disco ficou em segundo lugar na mesma votação. Seu sucessor, *Brother's Keeper*, não chega a ter a mesma excelência na produção propiciada por Daniel Lanois, mas a função agora ocupada pelo próprio grupo e o engenheiro de som Malcolm Burn ainda consegue manter a mesma delicadeza no tratamento de seus timbres vocais. Mesmo as exceções — o r&b "River Of Life" (coproduzido por Steve Jordan, parceiro de Keith Richards em *Talk Is Cheap*) e a cover de "Bird On The Wire", de Leonard Cohen (entregue ao ex-Eurythmics David A. Stewart) — conseguem enriquecer ainda mais a diversidade do disco. De lambuja, os irmãos Neville tascam outras duas versões memoráveis para a balada "Fallin' Rain" (Link Wray) e o clássico de Elvis, "Mystery Train" (Sam Phillips/Junior Parker), além das candidatas a hits instantâneos como "Fearless" (a que mais rescende ao clima etéreo de *Yellow Moon*), o funk "Brother Jake" e o *cool* rap de "Sons And Daughters", em suas duas aparições.

Já Buckwheat Zydeco estréia por aqui com seu terceiro LP por um grande selo, *Where There's Smoke, There's Fire*. Sua sanfona resgata a tradição *creole* do *zydeco*, unindo-a indissociavelmente a vários estilos. Sob as resfolegadas frenéticas de seu acordeão (às vezes substituído por um órgão Hammond ou um piano) e o som metálico do *rubboard* de Wilbert Wilbert, uma sólida base de rock'n'roll que a produção de David Hidalgo (Los Lobos) se encarregou de realçar, agregada a influências que vão desde o *zydeco* puro ("Pour Tout Quelque'Un") até passeios pelo r&b ("What Your Gonna Do?" e a cover de "Route 66") e o country ("Hey Good Lookin'", de Hank Williams, com a participação de Dwight Yoakam). *Celso Pucci*

VIVO — Lobão (RCA/BMG-Ariola)

Em seus altos e baixos, a segunda edição do Hollywood Rock viu o irrequieto Lobão faturar a *pole position* na preferência do público presente. Nada mais justo. Cobrindo o show do cantor quase integralmente, *Vivo* mostra bem o porquê de tamanho alvoroço dos fãs. Com um set à base de seus maiores hits, a sustentação de uma banda eficaz e a adrenalina correndo solta desde os tons verde-rosa de "Vida Bandida" à catártica "Me Chama", esse álbum faz por merecer o título que ostenta. *A.G.C.D.*

STICKIN' TO MY GUNS — Etta James (Island/PolyGram)

Com mais de trinta anos de carreira enveredando pelo blues, r&b, soul e funk, Miss Etta parece ter munição de sobra para adentrar a década de 90 fulminando ouvidos incautos com seu timbre vocal abrasivo. Este *Stickin'...* não chega a ser tão bom como o LP anterior, *Seven Year Itch* (88), mas chega perto. O ponto mais fraco situa-se nos arranjos um tanto convencionais. Mas, quando Etta abre a boca para duelar com o rapper Def Jef ("Get Funky") ou revisitar hits de Ike & Tina Turner ("A Fool In Love") e Otis Redding ("I've Got Dreams To Remember"), sai da frente que vem chumbo grosso! *C.P.*

MIDNIGHT OIL/ HEAD INJURIES/ PLACE WITHOUT A POSTCARD — Midnight Oil (CBS)

Um dado curioso: a imensa maioria das formações australianas — The Church, Hoodoo Gurus, The Triffids etc. — sempre foi fascinada pela cultura e pelo *way of life* ianque, a ponto de estes elementos serem sua principal fonte de inspiração. Ironicamente, a maior sensação antípoda nos EUA é justamente uma delas, que jamais omitiu em sua obra as características que fazem o "outro lado" da América: o militarismo, a megaviolência, a sanha neocolonialista e a degradação ambiental.

Sim, estamos falando do Midnight Oil, grupo que um dia chegou a ser boicotado pela CBS devido ao tom irado de suas letras. Hoje, na eminência de um estouro mundial, constata-se com satisfação que o Oil não precisou se dobrar aos ditames da indústria fonográfica para vencer. Quem tiver dúvidas que ouça seu antigo catálogo. Lançado integralmente nos EUA durante o primeiro semestre de 90, o mesmo chega ao Brasil restringido — foram excluídos das edições nacionais os discos *Bird Noises* e *Animal Deceases* — a seus três primeiros LPs.

Concluído em apenas quatro dias (graças a uma verba que mal pagava dois períodos de gravação!), o homônimo álbum de estréia (78) soa extremamente sujo e, tal qual o subseqüente *Head Injuries* (79), certamente levou em conta as lições do punk e do *garage rock*. Embora algumas letras resvalassem no banal, Garret & Cia davam mostras de crescente politização no libelo antiarmamentista "Powderworks", na inquisitória "No Action" e na denúncia aos excessos policiais em "Used And Abused".

Entretanto, é *Place Without A Postcard* (81) aquele que mais se aproxima do Oil atual. Contando com o veterano produtor Glyn Johns, já se distingue aí a temática regional — o genocídio aborígene, a corporatização da cultura da Oceania, o uso do atol de Mururoa para testes nucleares — de ressonância universal que viria alçar o grupo à fama, além da destilação de um estilo híbrido surpreendentemente pessoal.

Em resumo, este vislumbre do passado recente do Oil só confirma que — em se pesando a nova safra de "valores" tupiniquins — neurônios, raça e coerência nunca foram incompatíveis com a lida rock'n'roll. Muito pelo contrário.

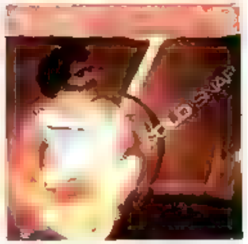
Arthur G. Couto Duarte

RECÔNCAVO — Edson Gomes (EMI-Odeon)

O grande "mérito" desse disco é reunir algumas das piores letras já escritas até hoje. "Filho Da Terra", por exemplo, traz a pepita "Alguém te agride/ porque alguém torce/ a trilha agora é hora/ é hora de ir embora agora". Isso é que é papo cabeça. Não dá para entender o interesse e o investimento da EMI-Odeon em Edson Gomes. Há dois anos, outro álbum dele foi lançado inclusive em CD. Som frouxo, sem nada de especial, um cantor pouco empenhado. Se você gosta mesmo de reggae, mantenha distância. *C.M.*

SHOWTIME — Nitzer Ebb (Mute/WEA)

Quando, há alguns anos, caiu em meus ouvidos o polêmico "Funkhadafi" do Front 242 (em que a voz sampleada de Malcolm X anuncia o hidrólobo líbio), senti uma certa irritação. Nunca havia visto tanto conceito *versus* tão pouco talento — as lições de casa de Eno e dos Cabs tomadas pelo avesso. Mal sabíamos, tolos, que era só um prenúncio. Meia década depois, com belgas, alemães, ingleses e o cacete em brutal e incessante prática da *masturbassampler*, dizer o que do Nitzer Ebb? Nem o produtor Flood (que fez maravilhas com Wolfgang Press e os Bad Seeds) consegue tirar leite dessas pedras: fora o peso, alguns timbres e a criatividade de uma ou outra solução percussiva, nicas. *A.A.*



COLD SNAP — Albert Collins/ JUMP FOR JOY — Koko Taylor/ RAW MAGIC — Magic Slim And The Teardrops/ EDGE OF THE CITY — The Kinsey Report (Alligator/WEA)

Os quatro discos desse pacote da gravadora Alligator, de Chicago, têm poucos pontos comuns entre si, além de trazerem registros de atrações presentes nas duas edições do Blues Festival e serem coordenados pelo produtor e fundador do selo, Bruce Iglauer. Ao menos dois deles se irmanam em suas qualidades: o de Albert Collins e o de Koko Taylor. *Cold Snap* (86) apresenta o toque inconfundível do "mestre da Telecaster" em nove blues demolidores, escorado por sua ótima banda e o naipe de metais The Uptown Horns. O mesmo ocorre no mais recente LP de Koko, *Jump For Joy* (90): sua voz poderosa recebe requintada moldura instrumental a cargo da Blues Machine (com destaque para o baixista Jerry Murphy), porém sem nunca perder o *feeling* autêntico do blues. Quanto aos dois LPs restantes, nenhum deles possui o mesmo brilho. O blues tradicional e direto de Magic Slim comparece em *Raw Magic*, ainda sem o apoio fundamental da guitarra de John Primer. *Edge Of The City* (87) revela que, apesar de bons instrumentistas, os três irmãos Kinsey e o amigo Ron não conseguem entusiasmar com sua fusão blues/funk/reggae. *C.P.*

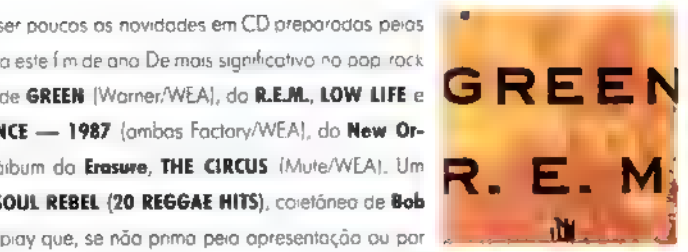
Vamos começar por uma trilha sonora para entrar no clima do comercial "Hollywood ao sucesso", nada mais adequado que **DAYS OF THUNDER** (CBS), com sua seleção brega/arena que inclui **Chicago**, **Tina Turner**, **Whitesnake**, **Cher** e outros, salvando-se apenas **Joan Jett** ("Long Live The Night") e a manjada cover de "Knocking On The Heaven's Door" (Bob Dylan) feita pelos **Guns N'Roses**. Em uma leva de *hard metal* temos o segundo álbum do quarteto feminino americano **Vixen**, **REV IT UP** (EMI-Odeon). As meninas são eficientes, mas fazem um som meio sem graça. Já o **Kix** estreia por aqui com seu quarto LP, **BLOW MY FUSE** (Atlantic/WEA), trazendo um heavy demasiadamente afinado com os parados de sucesso, enquanto o **Slaughter** também vem com temas bem acessíveis em **STICK IT TO YA** (Chrysalis/EMI-Odeon). A inteligência maior é o Kiss, ao lado pelo fato de o vocalista Mark Slaughter e o baixista Dana Strum terem tocado com o ex-guitarrista do grupo, Vinnie Vincent.

Do rock dinamarquês chegam dos discos **NO FUEL LEFT FOR THE PILGRIMS** (Medley/WEA), mostra que o hard rock com pitadas de country e blues do quarteto **D.A.D.** (Danish And Dynamite) pode muito bem encarar os Poisons da vida e **"THEM"** (Roadrunner/Eldorado) apresenta o *black metal* conceitual de **King Diamond**, para completar sua discografia no Brasil. Ao partirmos para a área do pop, as babaseiras despontam, desde os veteranos do **Air Supply** em **HEARTS IN MOTION** (Arista/BMG-Ariola) até trabalhos claramente direcionados para FMs, como o terceiro LP de **Glenn Medeiros** (Mercury/PolyGram) e **BANG!** (EMI-Odeon), de **Corey Hart**. Pior é que nunca chegam a emplacar. Embora pareça careta, mais inspirador é ouvir **Nat King Cole** em **COLLECTORS' SERIES** (Capitol/EMI-Odeon), LP que reúne alguns de seus maiores sucessos entre 43 e 64, como "(Get Your Kicks On) Route 66", "Nature Boy", "Mona Lisa", "Pretend" e "Send For Me", acompanhado por seu trio e as orquestras de Frank Devol, Les Baxter, Nelson Riddle e Billy May. Dentre os discos nacionais, ressurge em ótima forma o gaitista **Rildo Hora** na companhia do guitarrista **Romero Lubambo**, interpretando músicas de Cartola, Nelson Cavaquinho, João Bosco, Tom Jobim, Caetano e outros no LP **AUTONOMIA** (Visom). Na área do pop, apesar de ter sido lançado há algum tempo, merece citação o LP independente (editado pelo selo Pirata Suíça) do cantor/compositor gaúcho **Julio Reny** e sua banda **Expresso Oriente**. Rocks e baladas com laços afro-caribenhos e destaque para a versão de "Amada Amante", de Roberto e Erasmo Carlos. Para encerrar, se **Wando** embalou sua mais recente coleção de canções de motel — ou seja, o LP **TENDA DOS PRAZERES** (Philips/PolyGram) — com uma cortininha de renda preta, só resta sugerir ao cantor **Edson Large** que distribua alguns brindes junto com seu disco, **SÓ QUERO CANTAR** (Esfinge): um uísque para tomar antes, um cigarro para depois e, quem sabe, uma camisinha.

LEOPOLDO REY

GRAVADORAS INDEPENDENTES

Parece que vão ser poucos os novidades em CD preparadas pelas gravadoras para este fim de ano. De mais significativo no pop rock contemporâneo os edições de **GREEN** (Warner/WEA), do **R.E.M.**, **LOW LIFE** e a coletânea dupla **SUBSTANCE — 1987** (ambas Factory/WEA), do **New Order**, e mesmo o segundo álbum do **Erasure**, **THE CIRCUS** (Mute/WEA). Um lançamento curioso é o de **SOUL REBEL (20 REGGAE HITS)**, coletânea de **Bob Marley** editada pela Movieplay que, se não prima pela apresentação ou por dados informativos (como a maioria dos CDs da gravadora), ainda assim traz um punhado de boas canções do astro do reggae. Quem mais deve comemorar são os fãs dos progressivos safra *early seventies*. Foram lançados pela Chrysalis/EMI-Odeon os dois mais cultuados álbuns do **Jethro Tull** — **AQUALUNG** (71) e **THICK AS A BRICK** (72) — e pela Atlantic/WEA saíram mais cinco títulos do **Yes**: o LP de estréia homônimo (68), **THE YES ALBUM** (71), **CLOSE TO THE EDGE** (72) e, para os seguidores mais empedernidos até o tragi **RELAYER** (74) e a compilação **CLASSIC YES** (82). Mas se em vez do rococó progressivo, você preferir viajar pelas trilhas sonoras, corra atrás de um par das melhores já elaboradas para os filmes de Stanley Kubrick: **2001 — A SPACE ODYSSEY** (MGM/EMI-Odeon) e **A CLOCKWORK ORANGE** (Warner/WEA). Coisa fina.



CELSO PUCCI

Tal qual os processos oníricos que restabelecem a conexão entre o sistema consciente e inconsciente, a música do trio de Michigan **His Name Is Alive** — Warren Defever (guitarras, baixo, samplers), Karin Oliver (vocal) e Angie Carozza (vocal) — procura perscrutar os vias que levam ao fundo da psique humana. Em seu âmago, o LP **LIVONIA** (4 AD) encerra rumorações paroxísticas, fragores longínquos e prata-fantasias glaciais, circundadas por vozes concebidas no éter. Momentos de puro transe, a *noise ballad* "How Ghosts Affects Relashionships", com texto livremente inspirado por um poema de W.B. Yats, e a entrega *in extremis* de "E-Nicolle".

Com o mini-LP *Liver Than Go*, gravado ao vivo no ano passado durante uma de suas escaldantes aparições em Londres, o grupo **Thee Hypnotics** estabeleceu-se como um dos mais insanos arquivistas do *raw power rock* sessentista. **COME DOWN HEAVY** (Situation Two), seu sucessor de estúdio, reitera esta posição mostrando o quarteto como a definitiva resposta inglesa ao ruidoso império Sub Pop. Pelos alto-falantes, saio vertidos borbotões de ritmos petrificados e golfadas rubilantes de fuzz e *wah wah*, nada ficando a dever a monolitos como MC 5, Detroit, Ambey Dukes, Black Pearl e The Frost.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

Exija o padrão *Steve Albini* de qualidade. Desde seus próprios Big Black e Rapeman (construído sobre a cozinha de um legítimo massacre à texana, o Scratch Acid, e banido pelas feministas do circuito universitário, que não aprovaram a gentil alcunha de "Estuprador") até o melhor dos Pixies e as Breeders, toda produção onde o cara põe as patas é castanhada na certa. O power trio **Wreck** é uma espécie de réplica ianque à linha (torta) que une os pesos pesados do pós-punk inglês (Gang of Four, PiL) ao neobrutalismo do World Domination Enterprises rock sucinto e anguloso. O LP **SOUL TRAIN** (PIAS/USA) é menos crispado que o EP de estreia, *Wreck*, mas não deixa o peteca cair.

Foetus Under Glass, You've Got Foetus On Your Breath, Scraping Foetus Off The Wheel, Philip And His Foetus Vibrations, Foetus Over Fnsco, Foetus Art Terrorism, Foetus Air-Nude Revue, Foetus Eruptus, Foetus Interruptus — todas são não apenas *uma* banda como *um* único e alucinado inglês: Jim Thirwell. Nove anos, cinco LPs, um mini e oito singles são ordenados/resumidos na coletânea **SINK** (Wax Trax), *by* **Foetus Inc.** Atenção: o CD simples contem os mesmos oitenta minutos de atrocidades letnstico-vocal-acustico-eletrônicas que o vinil, duplo.

ALEX ANTUNES

A lado dos Flatmates e dos Close Lobsters, o **McCarthy** é um dos mais fiéis e injustiçados grupos emigrados da badalada *class of 86*. Somente agora, após um calhamaço de singles e um álbum, o quinteto chega a **BANKING, VIOLENCE AND THE INNER LIFE TODAY** (Midnight Music), o segundo LP em cinco anos de carreira. As letras continuam sendo um dos atrativos do grupo (tanto que aparecem no encarte traduzidas em francês e alemão). Penetrando nas entranhas do cotidiano inglês e munidos de todas as rosas que foram dadas aos rebeldes que falharam, eles descrevem os amargos possibilidades da realidade. O som, agora muito mais elaborado, apóia-se em guitarras, órgão e percussão plenas de originalidade. Descobrindo mistérios do campo harmônico ou optando pelo sincretismo das *guitar bands*, o resultado é sempre brilhante.

Tome nota que o recém-lançado **SKINNY DIPPING**, LP de estréia do quarteto **The Matter Babies** — do *brilliant label* escocês Nightshift —, pode vir a se tornar uma das grandes sensações de 91. Dos B-52's absorveram o teor *dance popster*, dos Sugarcubes a fisionomia *art rock* e do Sonic Youth a profusão dos *noise bands*. Nas entrelinhas, costuraram o punk mais incomum dos idos de 77 (Action Pact, Penetration): as gatinhas se esganam nos vocais, as guitarras adoram um infeminho, o baixo faz a linha burra e a bateria adora atropelamentos sem fuga. A atmosfera é caústica e, por vezes, desaba num jogar inaudito a que o grupo resolveu apelidar de *protobop music*. Apenas um rótulo? Não, basta experimentar para sentir o insólito e a loucura.

FERNANDO NAPORANO

MIDNIGHT OIL

POWDERWORKS

(Hirst/Moginie/Rotsey/James)

BARRIL DE PÓLVORA

There's a shitstorm coming
I feel it coming soon
there's a time and a place
there s a moment in space
when the fat boys call the tune
there's a bubble a 'bouncing
and it's bouncing my way
there's two sticks in the powderworks
I think it's gonna blow today

*Tem uma tempestade de merda chegando**
e e para logo
ha um tempo e um lugar
um momento no espaço
em que os garotos gordos tomam as decisões
ha uma bolha saltitando
e ela vem na minha direção
tem dois pavios no barril de pólvora
e acho que ele vai explodir hoje

There's a shitstorm a 'coming
somebody claiming some i.o.u's?
because the animal's back with the man intact
they had a gun at my head
and a knife on my back
don't wind me up too tight
I've been had by the balls all my life
I'm in no mood now to stop dead and talk it over

Tem uma tempestade de merda chegando
será alguem cobrando dividas?
porque o animal esta de volta, com o homem intacto
colocaram um revolver na minha cabeça
e uma faca nas minhas costas
não me pressione
passei a vida toda sendo apertado pelos culhoes
não estou a fim de parar de dialogar

I don't need no fire and brimstone warning
I've been a long time punching bag
I won't run no race where there ain't no prize
take a look at my face
don't you see this ain't no lies?

Não preciso de avisos apocalipticos
já faz muito tempo que sou um saco de pancadas
não vou entrar numa corrida em que nao ha premios
olhe bem para a minha cara
voce nao ve que não estou mentindo?

There's a shitstorm a 'coming
they're getting in for on free bite
I was taken by surprise
by the glint in the eyes of a sweet campaign
smelling strongly of lies
you're the original mr. clean
but the closeups make you look awful mean
you're just a con man raving
saying nothing new

Tem uma tempestade de merda chegando
e eles estão tentando descolar um pouco de graça
fui pego de surpresa
pelo brilho de seus olhos, uma doce campanha
cheirando fortemente a mentira
você é todo certinho e bonzinho
mas de perto voce parece um canalha
você é só um vigarista vociferando
e não dizendo nada de novo

* There's a shitstorm coming *é uma frase criada em meados dos anos 60 pelo escritor norte-americano Norman Mailer. Ele se referia as reações que viriam contra guerra do Vietna e, num contexto mais amplo, a uma possivel reação bárbara da massa miserável do mundo contra os donos do poder. Acabou virando uma expressão idiomática.*

Todos os direitos reservados

Mar Azul
Lugar de
MONDAINE

MONDAINE
A Garantia
que Vale

PARADA

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição na *Parada* anterior

Lutar sua participação é fundamental! Escreva para BUZZ — Parada Dos Leitores" Av. Nações Unidas, 5777 CEP 05477 Alto de Pinheiros, São Paulo, SP. Mande quais discos você comprou esse mês. Se possível, acrescente seu telefone, para que possamos voltar a consulta-lo

LEITORES

1. *I'm Breathless* (1)
   [illegible]
   WEA
2. *Clandestino* (N
   Ira!
   WEA
3. *ChangesBowie* (R)
   [illegible]
   EMI-Odeon
4. *Na Calada Da Noite* (N
   [illegible]
   WEA
5. *As Quatro Estações* (2
   Legião Urbana
   EMI-Odeon
6. *I Do Not Want What I Haven't Got* (4)
   Sinead O'Connor
   EMI-Odeon
7. *The Album* (3)
   Technotronic
   PolyGram
8. *Violator* (13)
   Depeche Mode
   WEA
9. *O Blesq Blom* (12)
   Titãs
   WEA
10. *Fear Of a Black Planet* (N)
    [illegible]
    CBS
11. *O Ser E O Nada* (R)
    [illegible]
    EMI-Odeon
12. *A Terceira Onda* (N)
    Ons E Outros
    [illegible]
13. *Honolulu* (N)
    [illegible]
    BMG-Ariola
14. *Alternative* (R)
    Tek Noir
    [illegible]
15. *Presto* (R)
    [illegible]
    WEA
16. *World Power* (N)
    Snap
    BMG-Ariola
17. *Viva* (N)
    Lobão
    BMG-Ariola
18. *1990 — A New Decade* (N)
    Soul II Soul
    EMI-Odeon
19. *Songs For Drella* (N)
    Lou Reed & John Cale
    WEA
20. *Dream Land* (N)
    Black Box
    BMG-Ariola

Fontes: Cash Box e Billboard (EUA), de 22/09/90 a 06/10/90; Melody Maker e New Musical Express (GB), de 15/09/90 a 29/09/90. Para a Parada Dos Leitores, as cartas recebidas até 5/10/90

LOJAS

1. *Passion And Warfare* (N)
   Steve Vai
   WEA
2. *Skid Row* (R)
   [illegible]
   WEA
3. *ChangesBowie* (11)
   [illegible]
   EMI-Odeon
4. *World Power* (13)
   [illegible]
   [illegible]
5. *Ninety* (N)
   808 State
   [illegible]
6. *Doolittle* (12)
   Pixies
   WEA
7. *As Quatro Estações* (R)
   Legião Urbana
   EMI-Odeon
8. *Hallelujah* (17)
   Happy Mondays
   WEA
9. *TYR* (N)
   Black Sabbath
   PolyGram
10. *Packed!* (10)
    Pretenders
    WEA
11. *The Album* (3)
    Technotronic
    PolyGram
12. *Tattoed Millionaire* (2)
    [illegible]
    EMI-Odeon
13. *Compositions* (N)
    [illegible]
    WEA
14. *Dream Land* (R)
    [illegible]
    BMG-Ariola
15. *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust...* (1)
    [illegible]
    EMI-Odeon
16. *Na Calada Da Noite* (N)
    Barão Vermelho
    WEA
17. *Liberty* (N)
    DuranDuran
    EMI-Odeon
18. *II* (R)
    Kamikaze
    Cogumelo
19. *Master Of Puppets* (R)
    Metallica
    PolyGram
20. *Viva* (N)
    [illegible]
    [illegible]

LPs (EUA)

1. (1) *Please Hammer Don't Hurt em* — **MC Hammer** (Capitol)
2. (2) *Blaze Of Glory* — **Jon Bon Jovi** (Mercury)
3. (5) **Wilson Phillips** (SBK)
4. (3) **Mariah Carey** (Columbia)
5. (N) *Graffiti Bridge* — **Prince** (Paisley Park)
6. (7) *Poison* — **Bell Biv Devoe** (MCA)
7. (2) *Flesh And Blood* — **Poison** (Enigma)
8. (6) *Compositions* — **Anita Baker** (Elektra)
9. (N) *Time's Up* — **Living Colour** (Epic)
10. (R) *Soul Provider* — **Michael Bolton** (Columbia)

LPs (GB)

1. (N) *Listen Without Prejudice* — **George Michael** (Epic)
2. (4) *Carreras Domingo Pavarotti – In Concert* — **Vários** (Decca)
3. (N) *Ooh Las Vegas* — **Deacon Blue** (CBS)
4. (R) *Look Sharp!* — **Roxette** (EMI)
5. (N) **Mariah Carrey** (CBS)
6. (R) *Sleeping With The Past* — **Elton John** (Rocket)
7. (2) *Boomania* — **Betty Boo** (Rhythm King)
8. (7) *Soul Provider* — **Michael Bolton** (CBS)
9. (N) *Heaven Or Las Vegas* — **Cocteau Twins** (4AD)
10. (N) *Stepping Out* — **Joe Jackson** (A&M)

LPs Independentes (GB)

1. (2) *Bossanova* — **Pixies** (4AD)
2. (N) *Boomania* — **Betty Boo** (Rhythm King)
3. (1) *Lovegod* — **Soup Dragons** (Raw TV/Big Life)
4. (N) *Heaven Or Las Vegas* — **Cocteau Twins** (4AD)
5. (4) *Life* — **Inspiral Carpets** (Mute)
6. (6) *Ichibad And I* — **Bo Raddley** (Action)
7. (9) **The Stone Roses** (Silvertone)
8. (3) *Cleopatra Grip* — **Heart Throbs** (One Little Indian)
9. (N) *Harmony Corruption* — **Napalm Death** (Earache)
10. (8) *Turtle Soup* — **Mock Turtles** (Imaginary)

Compactos (EUA)

1. (8) "Love And Affection" — **Nelson** (DGC)
2. (N) "Close To You" — **Maxi Priest** (Charisma)
3. (1) "Blaze Of Glory" — **Jon Bon Jovi** (Mercury)
4. (N) "Something Happened On The..." — **Phil Collins** (Atlantic)
5. (9) "Thieves In The Temple" — **Prince** (Warner Bros.)
6. (N) "Praying For Time" — **George Michael** (Columbia)
7. (2) "Release Me" — **Wilson Phillips** (SBK)
8. (4) "Do Me!" — **Bell Biv Devoe** (MCA)
9. (N) "Oh Girl" — **Paul Young** (Columbia)
10. (N) "My, My, My" — **Johnny Gill** (Motown)

Compactos (GB)

1. (9) "The Joker" — **Steve Miller Band** (Capitol)
2. (6) "Groove Is In The Heart" — **Deee-Lite** (Elektra)
3. (N) "What Time Is Love?" — **KLF** (KLF Communications)
4. (N) "Holy Smoke" — **Iron Maiden** (EMI)
5. (N) "Show Me Heaven" — **Maria McKee** (Epic)
6. (N) "The Space Jungle" — **Adamski** (MCA)
7. (N) "Groovy Train" — **Farm** (Produce)
8. (N) "I've Been Thinking About You" — **London Beat** (Arcadia)
9. (N) "Fascinating Rhythm" — **Bass-O-Matic** (Virgin)
10. (N) "Suicide Blonde" — **INXS** (Mercury)

Compactos Independentes (GB)

1. (N) "Thin" — **Charlatans** (Situation Two)
2. (2) "What Time Is Love?" — **KLF** (KLF Communicatsons)
3. (4) "Groovy Train" — **Farm** (Produce)
4. (N) "Iceblink Luck" — **Cocteau Twins** (4AD)
5. (N) "Make It Mine" — **Shamen** (One Little Indian)
6. (N) "Nothing To Lose" — **S'Express** (Rhythm King)
7. (N) "Fourth Of July" — **Glaxie 500** (Rough Trade)
8. (N) "Fall" — **Ride** (Creation)
9. (1) "Come Together" — **Primal Scream** (Creation)
10. (N) "Rock n roll Nigger" — **Birdland** (Lazy)

Lojas consultadas: Câmbio Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Pop Som e Casa Coelho (Porto Alegre), Modern Sound e Sub Som (Rio de Janeiro), Bamba Alva, Bossa Nova, Musical Box, Wop Bop e Woodstock Discos (São Paulo), 2&D Vota (Campinas)

ARIES
RECORD'S LATIN AMERICA LTDA.
FAÇA SEU PEDIDO
POR CORRESPONDÊNCIA.
Rua Xavantes, 605 - Brás - SP - CEP 03027

OS IMPORTADOS MAIS LOUCOS DO HEAVY, GÓTICO E HARDCORE.

Escolha agora mesmo os melhores discos importados heavy, gótico e hardcore que estão arrebentando por todo o mundo, com absoluta qualidade internacional ao preço de um disco comum.

UMA PARADA PAULEIRA PRA VOCE ESCOLHER:

- ANTHRAX
- HELLION
- MEGADETH
- POISON
- STRYPER
- EXODUS
- NUCLEAR ASSAULT
- BATHORY
- DEATH ANGEL
- FORBIDDEN
- DEATH
- FAITH OR FEAR
- EXPLOITED
- G. B. H.
- STEVE VAI
- JOE SATRIANT
- STUART HAMN
- FRANK ZAPPA
- CANDLEMASS
- SLAYER
- HOLLY TERROR
- VENOM

LOJISTA:
Peça o seu catálogo dos importados mais quentes, com 200 títulos pela Music for Nations.

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL E AMERICA LATINA.

REPRESENTANTES:
Sul
ACIT COMERCIAL E FONOGRAFICA LTDA
TEL. (054) 223-3588
Norte/Nordeste/Centro-Oeste
Realiza Comércio e Representaçoes
Tel.: (061) 223-2911
RJ/MG
Ipanema Enterprises
Cx. Postal: 16 - Juiz de Fora, MG
CEP 36015 - Tel : (032) 212-9001

CARTAS

HANOI-HANOI

JAL, no ato, quero agradecer o elogio que você me fez na BIZZ de agosto. Quando você escreveu que o Hanoi-Hanoi deveria contratar um(a) cantor(a) decente, percebi que você achou minha voz indecente e eu achei o máximo. Todos os meus idolos têm uma voz indecente: Chuck Berry, Erasmo Carlos, Keith Richards, Jorge Ben, Bob Dylan, Jorge Mautner etc. No rock'n'roll, voz decente, cantar *bem*, só existe na mente de tinhorões e críticos de ópera do século passado; o que vale é a Atitude. Gosto não se discute. Vi, ouvi e convivi com Lou Reed, em Londres 1974 e além de achar a letra de "Vi Shows" muito mais instigante do que a original, essa invenção me serviu como exercício de dessacralização de mitos. Sartre iria adorar: transformar ouro em chumbo é, na verdade, o grande poder dos anarquistas de todos os tempos. Lamento que, ao ouvir nosso terceiro LP de maneira superficial, você não tenha percebido que nós não cortamos o disco: Nós Riscamos o Disco. Agora, um crítico como você, diretor de uma revista chamada *Negócio*, recomendar a um artista humildade e despretensão é como um padre reprimindo o sexo. P.S.: Caetano Veloso e Tim Maia adoram a minha voz.

Arnaldo Brandão, Rio de Janeiro, RJ

J.A.L. responde: "Também acho 'dessacralização de mitos' um esporte legal. Por isso eu diria que o segredo destes teus idolos não se sustenta numa palavra tão maleável quanto 'atitude', e sim em expressividade e estilo próprio. Além dos que você citou, John Lydon, João Gilberto, Bryan Ferry e Madonna também fazem maravilhas com vozes de curtissimo alcance. Isso sim é cantar *bem* com uma voz 'indecente' ou ser um cantor 'decente' com uma voz *ruim*. Por outro lado, Tinhorões e críticos de ópera se revelam incapacitados para se deliciarem com um Elvis Presley ou um Marvin Gaye. Já o teu amigo Sartre, eu pessoalmente acho um saco, prefiro o velho Oscar Wilde — que você, como anarquista, deve conhecer pelo menos de *A Alma Do Homem Sob O Socialismo*, um clássico do pensamento anarquista. E se acha mesmo a letra de 'Vi Shows' mais 'instigante' que a original, bem... lembre-se do que escreveu o velho Oscar: 'O público é maravilhosamente tolerante; tolera tudo, menos o gênio'. Por isso, não dê bola para todas essas inevitáveis incompreensões em torno da tua 'obra' e espere uma ou duas gerações pela descoberta do Hanoi-Hanoi — como aconteceu com o próprio Velvet Underground, valorizado apenas vinte anos depois. Eu só acho que, se a letra fosse tão bacana assim, mereceria também uma melodia ou um *riff* mais 'instigante' que o original.
Para finalizar, duas questões técnicas. (1) O processo de transferir a fita mixada no estúdio para os sulcos de uma matriz a ser copiada em vinil chama-se *corte*. OK? Peça na gravadora para conhecer a 'sala de corte'. (2) Nem a lógica formal nem a lógica aplicada conseguiram me fazer enxergar algum sentido no encadeamento crítico-diretor-*business*-BIZZ-humildade-padre-[illegible]".

ANGELICA

Na BIZZ de agosto, li a crítica de André Forastieri sobre a Angélica e achei de péssimo mau gosto. Olha, André, eu não sou fã da Angélica, não gosto de suas músicas, também não assisto ao *Clube Da Criança* e as raras vezes que assisti ao *Milk Shake* achei um saco. Mas dai a você dizer a ela para agarrar o primeiro que a interesse e levar ele para a cama?!? Você é muito cara-de-pau, machista e um tarado. Você mostrou que é um jornalista de quinta categoria. Vê se te manca e some, cara!

Luciana Pinheiro, Rio de Janeiro, RJ

Adorei a "cartinha" que André Forastieri fez para a Angélica no *Ao Vivo* da edição 61. Normalmente não gosto desta seção, mas esta página que A.F. escreveu está magnífica, o melhor *Ao Vivo* que já li. Ele foi claro, direto e objetivo, parece que arrancou todas as palavras da minha boca. (...) Que absurdo, um mulherão daquele querendo se passar por menininha inocente! De Angélica ela não tem mais nada. (...)

Adalberto Carlos Porto, Rio de Janeiro, RJ

CPSP

Sobre a reportagem "CPSP" (BIZZ 61), cujo personagem principal sou eu, gostaria de resgatar quatro ramos esquecidos sobre o lago por negligência minha ou de Ana Carmem: 1) Não compus a trilha do filme *Oceano Atlantis* e sim colaborei no roteiro, que teve também a participação de Francisco de Paula (*Areias Escaldantes*) e May East. A trilha que compus e que foi gravada pelo Cabine C foi do curta-metragem *Hai-Kai*, de Francisco de Paula. 2) Os livros de Jim Morrison (*The Lords* e *The New Creatures*) foram traduzidos por mim e por Marinella Setti, ex-baterista do Cabine C, atualmente no Diorama. 3) Quando o baterista Charles Gavin entrou no grupo Titãs, ele estava tocando simultaneamente no Cabine C e no Ira! 4) Conheço a voz de Jerry Adriani. Gostaria de saber o que seria a voz de "um" Jerry Adriani.
Parabéns pelo clima democrático instaurado na revista.

Ciro Pessoa, São Paulo, SP

Ana Carmen Foschini responde: "Ciro diz que gostaria de saber o que seria a voz de um Jerry Adriani. Na deselegância da linguagem coloquial, um Jerry Adriani se refere a um cantor da jovem guarda influenciado por Elvis Presley. Nada a acrescentar sobre os créditos do filme e da tradução dos livros de Jim Morrison. Voltando ao rock, se Charles Gavin tocava no Ira!, como foi dito na entrevista, ou no Ira! e no Cabine C, como Ciro quer colocar agora, o fato é que era André Jung na bateria do Titãs o pomo da discórdia entre Ciro e a banda. Detalhes tão pequenos na vida de um multimídia".

MERCENÁRIOS

"Ela jovens da nova era! Oponde-vos aos mercenários ignorantes! Pois temos mercenários na caserna, na corte e na universidade que, pudessem eles, reprimiriam a guerra mental e prolongariam a corporal" (William Blake). "O que é isso, meu amor? Será que vou virar bolor? O que é isso, meu amor? Onde é que está meu rock'n'roll"? (Arnaldo Baptista). Aquilo que carece ser dito não carece de muitas palavras. João Alexandre de Jesus, um cara que despreza 99% do que tem feito sucesso ou recebido promoção atualmente na área cultural. Data de nascimento: 2/05/71, ano da morte de Jim Morrison e do lançamento de *What's Going On*, de Marvin Gaye. Viva Lou Reed! Viva Neil Young! Viva Pixies! Viva Sonic Youth! Viva Sepultura! Viva Ratos de Porão! Viva Vzyadoq Moe! Viva Fellini! Viva todos aqueles que não se sujeitam a ser apenas mais uma mercadoria na prateleira! "Keep on rocking in the free world!" (Neil Young)

João A. de Jesus, Caraguatatuba — SP

SEM ENCARTES

Fiquei injuriado ao descobrir em uma roda de amigos, outro dia, que todo mundo ali tinha comprado o disco *Sanguinho Novo — Arnaldo Baptista Revisitado* (de cuja produção eu participei, no ano passado, para o selo Eldorado), só que *sem* o encarte previsto no projeto, incluindo letras e ficha técnica. Portanto, dos leitores e das leitoras na mesma situação, os vinte primeiros que escreverem, aos cuidados da redação da BIZZ, receberão pelo correio os encartes que por acaso ainda tenho guardados. P.S.: Uma errata. Na discografia dos Mutantes, registrada no dito encarte, falta o LP *Mutantes E Seus Cometas No País Do Baurets*, de 72.

Alex Antunes, São Paulo, SP

O sr. Alex Antunes tem razão quando diz que alguns exemplares do LP *Sanguinho Novo* saíram sem encartes. Isso ocorreu por uma falha na fábrica onde foi prensado o LP. Todos os leitores que compraram esse LP sem encarte podem escrever para o Estúdio Eldorado Ltda., R. Major Quedinho, 111 / 12.º andar, CEP 01050, que receberão pelo correio o referido encarte.

Wagner Garcia, Estúdio Eldorado, São Paulo, SP

OK, Wagner! Cartas para a Eldorado, e eu poupo a grana do correio. Com um abraço, Alex.

FÃ-CLUBES

Alien Sex Fiend *Fan Club* A/C Ricardo, R. Adoniran Barbosa, 180, CEP 79100, Campo Grande, MS

Beatles *The Beatles Cavern Club* R. Cruzeiro, 675, CEP 01137, São Paulo, SP

Beatles *Revolution Fan Club* A/C de Alexandre. R. Ágata, 519, CEP 89200, Joinvile, SC

Legião Urbana *Fã-Clube Mitologia e Intuição* A/C de Ronaldo. R. André Mateus Viu, 164, CEP 03746, São Paulo, SP

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana Infinito* A/C de Rogério. Av. Prof. João B. Conti, 105, ap. 43-A, CEP 08250, São Paulo, SP

New Order *Fan Club Oficial Of New Order* A/C de André. R. Paulino de Brito, 679, CEP 02223, São Paulo, SP

ERRAMOS

Na Ficha dos Titãs (BIZZ 60), a primeira frase é de Branco Melo, e não de Arnaldo Antunes.

No *Entrevistão* com David Bowie (BIZZ 62) há um erro de tradução. Onde deveria estar Fá-sustenido menor, acabou entrando F-agudo menor, termo não utilizado na terminologia musical, como nos corrigiu o leitor André Luis Chufuli Amoroso, de São Paulo. Valeu André.

Nas Fichas do Rock, omitimos o local de nascimento de Madonna: Detroit/EUA.

PARA TORMENTO DOS VIZINHOS, A LOJA MÚSICOS CRESCEU.

MUSICOS

Brazil Wholesalers - Rua Teodoro Sampaio, 825
Tel.: 282-6002/280-2555 - Pinheiros - Cep.: 05405
Percussion Center - Rua Teodoro Sampaio, 763 - Loja 20
Tel.: 883-0882/282-9582 - Pinheiros - Cep.: 05405
Distribuidora Nacional - Rua Barão de Melgaço, 222
Tel.: 843-6535/842-4273 - Morumbi - Cep.: 05684

DISCOTECA BIZZ

MUSIC FROM BIG PINK

THE BAND (1968)

The Consuls, The Rocking Revols, Thumper And The Trombones, The Jungle Bush Eaters, The Roots e The Capters — foi a partir desses grupelhos de nomes engraçados criados no *big bang* do rock'n'roll dos anos 50, que surgiu o embrião da formação que nos daria alguns dos momentos mais sublimes da música pop: The Band.

Ainda adolescentes, Jaime Robbie Robertson (guitarra), Richard Manuel (piano), Rick Danko (baixo) e Garth Hudson (órgão) — todos canadenses — se uniram a Levon Helm (bateria, vindo do Arkansas) para acompanhar o cantor Ronnie Hawkins. *Rocker* mediano, mas um tremendo cascateiro (uma de suas histórias favoritas era que ele colhia algodão ao lado de Bo Diddley!) e boa-praça, Hawkins soube guiá-los por todos os mafuás do Canadá. Logo, o grupo — nomeado The Hawks — tornou-se *expert* nos instrumentos, sendo capaz de levar de cor e salteado *standards* de r&b, *bluegrass*, rockabilly e outros estilos.

Desligando-se de Hawkins, os cinco migraram para os EUA. Em 65, os Beatles e os Stones eram *os nomes*, o que fazia dos Hawks um anacronismo ambulante. Ainda assim, construíram uma sólida reputação na Costa Leste, atraindo a atenção do *bluesman* John Hammond, Jr. Através dele, conheceram Bob Dylan, de quem — garantiam — jamais tinham ouvido falar! O *clic* foi imediato: *sidemen* encapetados, os Hawks trataram de eletrocutar o folk do cantor/compositor que, extasiado, carregou-os por suas turnês de 65 e 66. Nem mesmo o acidente de moto que levou Dylan a convalescer em Woodstock foi capaz de interromper a colaboração. Alocado na vizinhança e tendo como QG o porão de uma enorme casa rosa (a "Big Pink"), erguida no topo da montanha Overlook, o grupo — já então "modestamente" rebatizado The Band — e Dylan elaboraram um trabalho ímpar, onde a reciclagem de suas raízes sonoras, junto à intensa experiência comunal por eles vivenciada, resultaram em gravações revolucionárias, ainda que encobertas por um verniz conservador.

Ao fim desta jornada interior, Dylan verteu *John Wesley Harding*, enquanto The Band saiu-se com *Music From Big Pink*. Historicamente, o momento era de extremismo, com o rock hiper-amplificando-se — vide os LPs de Hendrix e do Cream feitos em 68 — para reclamar a transformação tão ansiada pela juventude. Vinda na contramão, The Band propunha o mesmo por outras vias, ou seja, para seus membros as mudanças só se sustentariam através da retomada da tradição. Em sua incrível mescla de temas caipiras, hinos batistas, *jazz à la* New Orleans, *Motown sound* e rock paleolítico, com canções executadas em conjunto — sem espaço para solos ou auto-indulgência — e enfatizando melodias e harmonias vocais, *Music From Big Pink* é indubitavelmente a quitessência dos *crossovers* feitos nos anos 60.

Da introdutória "Tears Of Rage" — uma amarga reflexão acerca do conflito de gerações, segundo a ótica dos pais — à misógina balada "Long Black Veil", passando pelo encanto rústico de "We Can Talk" e a alegórica "To Kingdom Come", o álbum ainda abriga clássicos como "Chest Fever", "I Shall Be Released" e "This Wheel's On Fire". Entretanto, seu maior trunfo é "The Weight", uma faixa de inspiração bíblica que traz o personagem vagando por uma Nazaré espectral, às voltas com uma trama de culpa, paixão, dor e rejeição.

Depois de *Music From Big Pink*, o grupo produziu pelo menos outra obra-prima — *The Band* (69) —, além de nos deixar um punhado de discos que, até hoje, teimam em resistir bravamente à voragem do tempo.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

EDITORA AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Divisão: Carlos C. Arruda

Diretor de Marketing: Romeu Andreatta Filho

REDAÇÃO
Diretor: José Augusto Lemos
Editor: André Forastieri
Editores-Assistentes: Celso Pucci (Dança e Dançarça Musical), Marisa Adán Gil
Coordenador de Produção: Wagner Almeida Silva
Assistente de Redação e Atendimento ao Leitor: Celso Fernan Masson
ARTE
Editora: Daise Bittmar
Assessoria de Arte: Eduardo Barreto
Diagramação: Angelo Assen, Renato Yada, Antonio Fernando Morra
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Colaboradores: Alex Antunes, Arthur G.C. Duarte, Camilo G. da Rocha, Carlos E. Miranda, Celso Masson, Claudio M.M. de Menezes, Claudio Motta, Cristiane Perini Luchesi, Ernesto Gomes de Souza Neto, Fernando Naporano, João Monteiro, José Júlio do Espírito Santo, Kati Jost, Leopoldo Rey, Otávio R. de Camargo, Paulo de Noronha Campos, René Ferri (texto) Jorge Rosemberg, Ricardo Siqueira (foto), Thais Helena de Souza Juarez (revisão)

Diretora Responsável: Lídia de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Eduardo S. Rosa
Supervisor: Arthur de Oliveira Neto
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Carla Covolo, Marcelo de Almeida
RJ - Diretor: Jairo Carneiro
Contatos: Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Bungo
Coordenadores: Sandra C. Botelho

Representantes
Região Sul: Print Sul (0512) 23-9528 RS - (0482) 33-7622 SC
SP 2: Intermídia (016) 623-4262/623-4291 - Ribeirão Preto - SP
Belo Horizonte:
Marco Aurélio Maia, (031) 222-5584 - BH

SERVIÇOS EDITORIAIS
Azul Press - Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5090/5093. Telex: 237670. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661369
Departamento de Documentação - Dados - Gerente: Susana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
PROMOÇÃO E PROPAGANDA
Diretor: A. Vasco Castro Barbosa
Gerente: Fabio Bueno

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos Alberto Araújo, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão, Romeu Andreatta Filho e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** Av. Nações Unidas, 5777, tel. (011) 211-7566, CEP 05477, Caixa Postal 60081, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editorial/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas, Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Alrmaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** Ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ENGENHEIROS DO HAWAII
GUNS N' ROSES
LED ZEPPELIN
D.R.I.
TITÃS
INDIO
NEW ROCK
FONE: (011) 280-2952
MT
BLUSÃO DE MOLETOM
Cr$ 5.000,00
GUNS N' ROSES
CAMISETA MANGA CURTA
Cr$ 2.800,00
MC
ML
CAMISETA MANGA LONGA
Cr$ 3.600,00
MADONNA
BONO
U2
TITAS
DINGO-BOINGO
INFORMATION SOCIETY
GRAVEDA
THE SMITHS
METALLICA
LED ZEPPELIN
NEW ROCK - R. CAPOTE VALENTE, 640/21 - 05409 - PINHEIROS - SÃO PAULO - FONE: (011) 280-2952
100% ALGODÃO - PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES - TAMANHO: P, M, G - NOVA COLEÇÃO DE ESTAMPAS
*PREÇOS VÁLIDOS ATÉ A PRÓXIMA EDIÇÃO DA REVISTA

SISTEMA DE COMPRA: SEDEX A COBRAR (ENTREGA RÁPIDA).
DESPESAS POSTAIS: DEVE SER ENVIADA, ANEXO AO SEU PEDIDO, A IMPORTÂNCIA DE 800 CRUZEIROS (PREÇO MÉDIO DO SEDEX), ATRAVÉS DE CHEQUE NOMINAL A NEW ROCK.
NÃO SE ESQUEÇA: SEU PEDIDO SÓ SERÁ ATENDIDO SE A IMPORTÂNCIA RELATIVA AO PREÇO MÉDIO DO SEDEX (Cr$ 800,00) FOR ENVIADA. A DIFERENÇA SERÁ DESCONTADA OU ACRESCENTADA, DEPENDENDO DO PREÇO POSTAL DE CADA ENCOMENDA.
PAGAMENTO: VOCÊ SÓ PAGA A ENCOMENDA AO RETIRA-LA NO CORREIO DE SUA CIDADE.
NÃO DEIXE DE RETIRAR SUA ENCOMENDA DENTRO DE 5 DIAS CORRIDOS, APÓS O AVISO DO CORREIO.

TOTAL DA COMPRA:
NOME:
END:
Nº:
CEP:
FONE:
CIDADE:

ENVIE ESSE CUPOM OU XEROX PARA:
NEW ROCK - RUA CAPOTE VALENTE, 640 AP 21
05409 - PINHEIROS - SÃO PAULO - SP.

MOD	REF	COR	TAM

XI'25-63

HÁ 5 ANOS

Quando nos sentamos para escolher as canções desse LP, concordamos que iamos fazer tudo para vender discos, muitos discos." Era assim que Roland Orzabal explicava a seleção do repertório de *Songs From The Big Chair*, o álbum que transformou o **Tears For Fears** num dos campeões de vendagem de 85. A dupla formada por Roland e Curt Smith era o maior destaque da BIZZ 6, em uma entrevista exclusiva concedida a *Marco Antonio de Menezes*, numa suíte de hotel em Nova York. "Fui torturado mesmo no governo Geisel. Me pegaram no aterro do Flamengo, me botaram uma carapuça e fiquei uns bons três dias num lugar desconhecido." Repressão política, morte do rock'n'roll, encontros com John Lennon e visões de discos voadores compareciam no depoimento de **Raul Seixas** a *Luísa de Oliveira* e *Alidé Vogt*. De volta ao circo da música pop com o LP *In Square Circle*, **Stevie Wonder** concedia uma entrevista à revista californiana *BAM*, publicada com exclusividade pela BIZZ. Retornando de uma crise que quase colocara um ponto final em sua carreira, **Rita Lee** falava a *José Eduardo Mendonça* sobre a luta para sair do buraco. Amargando o fracasso de vendagens do LP *Normal*, **Lulu Santos** disparava, em entrevista a *Antônio Carlos Miguel*: "Este é um superdisco! Tenho vontade de ficar parado uns dois anos, para as pessoas acompanharem, chegarem ao passo dele". "Desde a aparição do Joy Division em 79, não havia um som pessoal e intransferível, de reconhecimento tão instantâneo. Ame ou odeie, você não tem escolha." Assim *José Augusto Lemos* apresentava aos leitores de BIZZ o primeiro lançamento no Brasil de um disco dos **Smiths**: *The Boy With The Thorn In His Side*, destaque na seção *Discos*. "O retrato do que viria a ser o rock progressivo, com todas as virtudes e, já, alguns vícios. Aqui, os inúmeros movimentos ainda formavam um todo orgânico, com crescendos, solos coletivos e finais falsos como alternativa ao formato canção." *In The Court Of The Crimson King* (1969), do King Crimson, era o escolhido para a *Discoteca Básica*, com texto de *Alex Antunes*.

Rui Mendes - Azul

Divulgação

Maurício Valadares - Azul

DEEP PURPLE

SLAVES AND MASTERS

BMG

LP • K7 • CD

RCA

X

X é o novo disco do INXS. Isso você já sabe. O que você ainda não sabe é que

X é o disco preferido de dez entre dez pessoas que gostam de rock no planeta.

X é EXTRAORDINÁRIO.

X é EXCEPCIONAL.

X é EXCELENTE. Se você já sacou isso, você já sacou tudo.

INXS

Em Discos, Fitas de Cromo
e Compact Discs
PolyGram